

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**PATRÍCIA LICHTENFELS**

**AS RELAÇÕES SOCIAIS E AS FUNÇÕES DAS MULHERES  
IDOSAS DA VILA FÁTIMA NA CONSTELAÇÃO  
FAMILIAR ATUAL**

**Porto Alegre**

**2007**

**PATRÍCIA LICHTENFELS**

**AS RELAÇÕES SOCIAIS E AS FUNÇÕES DAS MULHERES  
IDOSAS DA VILA FÁTIMA NA CONSTELAÇÃO  
FAMILIAR ATUAL**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.**

**Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll**

**Porto Alegre**

**2007**

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

L711r Lichtenfels, Patrícia

As relações sociais e as funções das mulheres idosas da Vila Fátima na constelação familiar atual / Patrícia Lichtenfels; orient. Johannes Doll. Porto Alegre: UFRGS, 2007.  
105 f.: il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Mestrado em Educação. Área de concentração: Envelhecimento.

1. RELAÇÕES INTER-PESSOAIS. 2. RELAÇÕES FAMILIARES. 3. NÚCLEO FAMILIAR. 4. IDOSO. 5. FEMININO. 6. MULHER. 7. ENVELHECIMENTO. 8. IDENTIDADE DE GÊNERO. 9. EXPECTATIVA DE VIDA. 10. HABITAÇÃO POPULAR. 11. RELAÇÃO ENTRE GERAÇÕES. 12. MEDICINA DE FAMÍLIA E COMUNIDADE. 13. ANTROPOLOGIA CULTURAL. 14. ESTUDOS POPULACIONAIS EM SAÚDE PÚBLICA. 15. QUESTIONÁRIOS. 16. PESQUISA QUALITATIVA. 17. EDUCAÇÃO EM SAÚDE. I. Doll, Johannes. II. Título.

C.D.D. 362.6  
C.D.U. 316.47-053.9:314.6(816.5)(043.3)  
N.L.M. WS 105.5.F2

## RESUMO

LICHTENFELS, P. As relações sociais e as funções das mulheres idosas da Vila Fátima na constelação familiar atual.

Entre as preocupações e os estudos sobre o processo de envelhecimento, existe uma área que tem recebido grande atenção: a “feminização da velhice”. As mulheres possuem uma maior expectativa de vida, com isso, as projeções para o futuro apontam para um crescimento da população idosa feminina e um relativo decréscimo da masculina. Esses índices não apenas destacam uma superioridade numérica das mulheres na velhice, mas nos fazem refletir sobre as necessidades de conhecer e contemplar esse maior segmento da população idosa nacional. O presente estudo foi desenvolvido num contexto de famílias urbanas de um bairro de classe popular da cidade de Porto Alegre, a Vila Fátima, e teve como objetivo principal analisar as funções que as mulheres idosas deste bairro estão desempenhando hoje em suas famílias. Os objetivos secundários foram: o levantamento do perfil socioeconômico das famílias deste bairro; a análise da estrutura familiar e da rede social de apoio das famílias; e a compreensão da percepção que a mulher idosa tem de si mesma dentro de sua família e na comunidade onde vive. Participaram do estudo nove mulheres, com idades entre 66 e 93 anos, moradoras da Vila Fátima, integrantes do Grupo de Terceira Idade do Centro de Extensão Universitária da PUC-RS. Nesta pesquisa, de cunho qualitativo e caráter etnográfico, utilizaram-se como instrumentos de coleta de dados: entrevistas com perguntas abertas, gravadas e posteriormente transcritas, que foram realizadas no próprio domicílio das participantes; um diário de campo e anotações sobre o Grupo de Terceira Idade. O estudo mostrou que o processo de adoecimento crônico, a prisão ou a perda precoce do companheiro, seja por morte ou por separação, levou sete entre as nove entrevistadas a constituir unidades-mãe-filhos e a assumir o papel de provedoras de seus lares. Os vizinhos, as creches locais e o posto de saúde formam a rede social de apoio na comunidade. Com o envelhecimento, algumas delas continuaram a viver na forma de unidade-mãe-filhos, e outras passaram a constituir unidade-mãe-filhos-netos. Elas continuaram a desempenhar um papel central no funcionamento de suas famílias e sustento de suas casas. Muitas das idosas assumiram a responsabilidade de criar e educar seus netos e bisnetos. A sua principal fonte de suporte social hoje são seus filhos. A co-residência é uma realidade muito presente nesse contexto. Ela tem gerado um aumento da taxa de escolarização, uma redução do trabalho infantil e proporcionado trocas intensas e prolongadas entre as gerações. As trocas de carinho, o diálogo aberto com os netos e a disponibilidade de estar presente e ser uma referência são características marcantes nos discursos das idosas. A relação afetiva firmada com as gerações mais jovens possibilita aos idosos uma releitura crítica de suas trajetórias pessoais e a construção de um novo sentido de vida.

Palavras-chave: mulher idosa; envelhecimento; relações sociais na periferia urbana; família de classe popular; trocas intergeracionais.

## ABSTRACT

Among the concerns and studies on the aging process, there is an area that has been getting much attention, viz. the “feminization of poverty.” Women are living longer and consequently have a higher life expectancy. Estimates indicate that the female senior population will continue to grow in the future and the male senior population will undergo a relative decline. These indices not only reveal the existence of a larger number of women in old age, but also lead us to reflect on the need to get to know and to take into account the demands of this growing population segment. This research project was developed in a context of urban families in a low income neighborhood (“Vila Fátima”) of the city of Porto Alegre, the capital of the state of Rio Grande do Sul, Brazil. Its main goal was to analyze the roles that senior women of that neighborhood are playing in their families in the present. The secondary goals were to identify the socio-economic profile of the families living in “Vila Fátima”, to analyze the family structure and the families’ social support network and to understand the senior women’s perception of themselves within their families and community. The study’s participants were nine women aged 66 to 93 who live in that neighborhood and are members of the Senior Citizens’ Group of the Extension Center of the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul. The study has a qualitative and ethnographic character and used the following data collection tools: interviews with open-ended questions (conducted at the participants’ homes), that were recorded and then transcribed; a field diary and notes on the Senior Citizens’ Group. The research project showed that the process of chronic illness, imprisonment or early loss of the spouse, either because of death or separation, led seven out of the nine interviewed women to constitute family units made up of mother and children and to become providers of their homes. Neighbors, local day care centers and the health care station are their social support network in the community. As they grew older, some of them continued to live in that form of family unit and others constituted family units made up of mother, children and grandchildren. They continued to play a central role in the functioning and support of their families. Many of the senior women took on the responsibility of raising their grandchildren and great-grandchildren. Their children are their main source of social support today. Co-residence is common phenomenon in this context. It has led to an increase in the schooling rate, a reduction of child labor and the possibility of intensive and prolonged exchanges between the generations. The exchange of affection, open dialog with grandchildren and their availability as resource persons are outstanding features in the senior women’s utterances. The affective relationship with the younger generations enables the elderly to critically reread their life stories and to construct a new meaning in life.

Keywords: senior women; aging; social relations in urban outskirts; lower income families; exchange between generations.

## Todas as Vidas

Vive dentro de mim uma cabocla velha de mau-olhado,  
acocorada ao pé do borralho,  
olhando para o fogo. Benze quebranto.  
Bota feitiço... Ogum. Orixá.  
Macumba, terreiro. Ogã, pai-de-santo...  
Vive dentro de mim a lavadeira do Rio Vermelho.  
Seu cheiro gostoso d'água e sabão.  
Rodilha de pano. Trouxa de roupa, pedra de anil.  
Sua coroa verde de São-caetano.  
Vive dentro de mim a mulher cozinheira.  
Pimenta e cebola. Quitute bem feito.  
Panela de barro. Taipa de lenha.  
Cozinha antiga toda pretinha.  
Bem cacheada de picumã.  
Pedra pontuda. Cumbuco de coco. Pisando alho-sal.  
Vive dentro de mim a mulher do povo.  
Bem proletária. Bem linguaruda,  
desabusada, sem preconceitos,  
de casca-grossa, de chinelinha, e filharada.  
Vive dentro de mim a mulher roceira.  
– Enxerto de terra, Trabalhadeira.  
Madrugadeira. Analfabeta. De pé no chão.  
Bem parideira. Bem criadeira.  
Seus doze filhos, Seus vinte netos.  
Vive dentro de mim a mulher da vida.  
Minha irmãzinha... tão desprezada, tão murmurada...  
Fingindo ser alegre seu triste fado.  
Todas as vidas dentro de mim:  
Na minha vida – a vida mera  
das obscuras!

CORA CORALINA

## SUMÁRIO

<b>ENVELHECER NUM PAÍS DE GRANDES CONTRASTES SOCIAIS</b> .....	9
<b>1 SOBRE O MÉTODO</b> .....	15
1.1 APROXIMAÇÃO AO CAMPO .....	15
1.2 A CHEGADA À VILA: OS DOIS MUNDOS .....	16
1.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	21
1.4 AS ENTREVISTAS E A SURPRESA! .....	24
<b>2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DISCURSOS</b> .....	27
2.1 A VINDA PARA A CIDADE GRANDE .....	27
2.1.1 <b>A vida antes e a vida agora</b> .....	31
2.2 AS MUDANÇAS NO CICLO DE VIDA FAMILIAR: AS CASADAS, AS VIÚVAS, AS SOLTEIRAS, AS SEPARADAS E AS RECASADAS .....	37
2.3 A REDE SOCIAL DE APOIO E AS TROCAS INTERGERACIONAIS .....	55
2.4 O ESTUDO FORMAL E AS TRÊS GERAÇÕES .....	76
<b>CONCLUSÕES</b> .....	88
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	95
<b>APÊNDICES</b> .....	100
<b>APÊNDICE A Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	101
<b>APÊNDICE B Entrevista</b> .....	103

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa dos distritos sanitários de Porto Alegre .....	14
Quadro 1: Diversidade de arranjos domiciliares das famílias .....	39
Quadro 2: Idosas cujos filhos estudaram < 5 anos .....	82
Quadro 3: Idosas cujos filhos estudaram > 5 anos .....	82



## ENVELHECER NUM PAÍS DE GRANDES CONTRASTES SOCIAIS

Aqui na Vila tem muitas como eu, a gente cuida da casa, ajuda os filhos, fica de olho nos netos e faz uma faxina fora sempre que dá... (M. D. S. 62 anos, moradora da Vila Fátima).

O envelhecimento populacional não é fato novo para nós brasileiros; possuímos, atualmente, 9,9 % de nossa população com idade igual ou superior a 60 anos (IBGE, 2004-2005). Estima-se que no ano de 2006 a população brasileira de idosos esteja na ordem de 17,6 milhões de habitantes (CAMARANO, 2006). Dentre as preocupações e os estudos sobre o processo de envelhecimento, existe uma área que tem recebido grande atenção: a “feminização da velhice” (CAMARANO, 2003). Segundo o Censo Demográfico de 2000, as mulheres representam 55% do contingente populacional com mais de 60 anos e são elas que vêm ocupando um espaço significativo, com firme ascensão no mercado de trabalho, apesar de ainda continuarem empreendendo dupla jornada e apresentando menor remuneração (FREITAS, 2004).

A feminização do envelhecimento brasileiro indica que um número maior de mulheres alcança o limiar etário inferior do grupo de pessoas idosas e permanecem fazendo parte desse grupo por um período de tempo mais prolongado do que os homens. Isso quer dizer que as mulheres vivem mais tempo e, conseqüentemente, possuem uma maior expectativa de vida (BOJUNGA DE MATTOS, 2001).

As projeções até o ano 2050 apontam para um crescente aumento da população idosa feminina e um relativo decréscimo da masculina, demonstrando uma proporção de 14 idosas para 10 idosos. Esses índices, segundo Bojunga de Mattos (2001), não destacam apenas uma superioridade numérica das mulheres na velhice, mas também devem nos fazer

refletir sobre as necessidades de conhecer e contemplar esse maior segmento da população idosa nacional.

Atualmente, muitos estudos em geriatria e gerontologia constroem seus argumentos a partir dos problemas que serão ocasionados pelo envelhecimento da população mundial, pressupondo que o aumento de idosos é um problema, em função da ausência de serviços de saúde que possam atender às necessidades dos mais velhos. Ao analisarmos o envelhecimento sob esta perspectiva, reduzimos a possibilidade de considerá-lo como uma experiência que está presente em nossas vidas e que pode ser vivenciada de diferentes formas. Também dificultamos, dessa forma, estratégias para melhorar a saúde daqueles que estão envelhecendo com qualidade de vida, porque descaracterizamos a preocupação com a saúde ao enfatizarmos prioritariamente o tratamento das doenças que se instalam ao longo do envelhecimento (BASSIT, 2004).

Até há bem pouco tempo, o envelhecimento trazia pobreza e isolamento social para as mulheres brasileiras. A grande mudança dos últimos 20 anos é que o final da vida ativa e a viuvez já não significam mais necessariamente isso. A universalização da Seguridade Social e a melhoria das condições de saúde trouxeram, conforme Camarano (2003), uma reconceitualização do curso da vida, e a última fase deixou de ser residual, vivenciada por uma minoria, para ser uma fase de duração até maior do que a da infância e da adolescência.

Em minha pesquisa, dei voz às mulheres idosas ativas, aquelas que estão enfrentando de cabeça erguida as dificuldades econômicas ligadas à aposentadoria e aos benefícios de saúde, as taxas crescentes de doenças crônicas, as mudanças na aparência física, além de estarem desempenhando papéis importantes na comunidade onde vivem, como os de avós ou chefes de família (CAMARANO, 2003).

As diversas mudanças que advêm do processo de envelhecimento são enfrentadas por essas mulheres de diferentes formas, de acordo com as trajetórias de vida experienciadas por elas (CAMARANO, 2003). Essa trajetória é construída com base na história de vida individual, na personalidade e nos contextos sociais que elas compartilham com seus semelhantes. Essa heterogeneidade, que diz respeito a experiências individuais que são únicas e construídas durante todo o ciclo de vida, irá se acentuar à medida que as pessoas envelhecem. “Em outras palavras, ao contrário do que muitos pensam, os velhos

não só não são todos iguais, como também tendem a ser muito diferentes entre si” (GOLDSTEIN; CATUNDA DE SIQUEIRA, 2000, p. 113).

O entendimento de como o ser humano enfrenta as adversidades da vida, e, em nosso contexto específico, como uma mulher idosa enfrenta as mudanças que advêm do processo de envelhecimento, passa pela compreensão não somente do conceito da heterogeneidade, como também da diversidade. A diversidade está associada à posição que os indivíduos e os grupos de idade, gênero, etnia e classe social ocupam na sociedade. Algumas sociedades são bastante igualitárias e asseguram bens, oportunidades e direitos a todos os seus membros, indistinta e independentemente de critérios de exclusão ou restrição. Em outras, existe uma enorme desigualdade social quanto à repartição de oportunidades educacionais, empregatícias, de saúde, de justiça, de seguridade social e de acesso a bens materiais e espirituais (GOLDSTEIN; CATUNDA DE SIQUEIRA, 2000).

No Brasil, observamos que o gênero, a etnia e a classe social são importantes determinantes da qualidade de vida das pessoas, e, inúmeras vezes, em virtude de sua origem social e da idade, as pessoas são discriminadas no momento de receber os benefícios sociais a que têm direito (GOLDSTEIN; CATUNDA DE SIQUEIRA, 2000). Podemos ilustrar a desigualdade social brasileira através de um exemplo de nossa própria economia, que nos últimos anos fez aumentar a renda média em todos os estratos da população, porém a distribuição desigual fez aumentar as diferenças: “a renda dos 10% mais ricos é de cerca de 30 vezes a dos 40% mais pobres, e os 50% mais pobres tiveram entre 1960 e 1990 sua participação na renda nacional reduzida de 18% para 12%” (MORETTO et al., 2005, p. 25).

Segundo Goldstein e Catunda de Siqueira, “a heterogeneidade pode ter seus efeitos entrelaçados aos da diversidade e, na verdade, no caso específico do idoso, os dois conceitos somente podem ser compreendidos e analisados em relação ao contexto histórico em que se processa o envelhecimento [...]” (2000, p. 114). Partindo desse pressuposto, sendo meu objeto de pesquisa a mulher idosa de classe popular, abordarei, a seguir, aspectos relevantes da situação atual da Zona Leste de Porto Alegre, onde está situada a Vila Fátima (vide Figura 1), na qual fiz minha pesquisa de campo. A decisão de escolher a Vila Fátima como local para as entrevistas partiu de minha experiência nesta localidade como médica de família pertencente ao Centro de Extensão Universitário Vila Nossa Senhora de Fátima, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Segundo Mendes et al. (2005), nessa região a proporção de população de 0 a 4 anos é de 8,75%, enquanto a proporção de população de 60 anos ou mais é de 10,04%, refletindo a tendência nacional de crescimento do número de pessoas idosas. Recordamos que a proporção de população de 60 anos ou mais no Rio Grande do Sul é de 10,5%, muito semelhante ao dado da zona leste de Porto Alegre, e as de crianças de 0 a 4 anos de idade, no Brasil, representa em torno de 10% da população total. A média de anos estudados pela população foi de 4,9 anos, enquanto a média de anos estudados no Brasil, como um todo, é de 5,7 anos, e na região sul é de 6,2 anos. Em relação aos responsáveis pelos domicílios, 62,64% deles apresentaram uma renda de até 2 salários mínimos; comparativamente, temos hoje 27,6% da população brasileira, como um todo, recebendo, como rendimento familiar mensal médio, uma renda de até 2 salários mínimos, e na região sul temos 22,2% da população nessa situação. A proporção de mulheres responsáveis pelos domicílios foi de 38,71%, o que reflete um índice bastante elevado, tendo em vista a proporção de mulheres chefes de domicílio, no Brasil, ser de 24,9%, no Rio Grande do Sul 25,2%, e em Porto Alegre 38,2% (IBGE, 2000).

Um outro dado relevante sobre a situação da população da Zona Leste são as principais causas de morte por sexo no período compreendido entre 2001 e 2002. Para o sexo masculino, as principais causas de morte foram, em ordem decrescente de frequência: agressão/disparo por arma de fogo, infarto agudo do miocárdio e doenças pelo HIV. Já entre as mulheres, foram: infarto agudo do miocárdio, doenças pulmonares e, em terceiro lugar, ficou diabetes melitus, logo seguido pela neoplasia de mama e pelas doenças pelo HIV (MENDES et al., 2005). Os dados nos remetem ao aumento da violência nas grandes cidades brasileiras e às suas conseqüências sociais. Conforme o jornal *Correio do Povo*, de 8 de dezembro de 2005:

O relatório de Direitos Humanos no Brasil, apresentado esta semana em São Paulo por 26 entidades civis, denuncia que a violência urbana em 2005 foi responsável por um total de 50 mil mortos, número superior em 10 mil em relação ao contabilizado no relatório anterior, de 2004 (p. 4).

A dura realidade apresentada anteriormente traz à tona uma Vila Fátima de “mulheres-mães” que presenciam a morte precoce de seus filhos, de “mulheres-avós” que ajudam seus filhos a criar e educar seus netos e bisnetos, de “mulheres-trabalhadoras” que desenvolvem trabalhos informais para auxiliar no sustento de suas famílias extensas. Nesse contexto histórico, cabe à mulher idosa o desempenho de inúmeras funções dentro de suas famílias, cujo valor social é imprescindível para a comunidade em questão.

A possibilidade de pesquisar e compreender o universo das mulheres idosas brasileiras vem ao encontro da busca pela cidadania, pois, ao observarmos os processos de “feminização” e “etnização” da pobreza, percebemos que as maiores vítimas de violação dos direitos econômicos, sociais e culturais, na experiência brasileira, são as mulheres e as populações afro-descendentes (MORETTO et al., 2005).

A busca pela compreensão das funções que a mulher idosa contemporânea desempenha passa, em primeiro lugar, pelo entendimento das transformações pelas quais as famílias estão passando e do conteúdo concreto, na contemporaneidade, das relações e dos arranjos que constituem a família (PEIXOTO; BOZON, 2001). Vou partir de um contexto de famílias urbanas de um bairro de classe popular de Porto Alegre, e, dentro desse contexto, meu objetivo principal será analisar quais as funções que as mulheres idosas deste bairro estão desempenhando hoje, em suas famílias. Além desse objetivo, tenho como objetivos secundários: realizar um levantamento do perfil socioeconômico das famílias deste bairro; analisar a estrutura familiar e a rede social de apoio das famílias; compreender qual a percepção que a mulher idosa tem de si mesma dentro de sua família e na comunidade onde vive.

Essa pesquisa vai me proporcionar a possibilidade de compreender melhor o universo da mulher idosa de camada popular, isto é, a visão que ela possui sobre as suas funções dentro da sua família e o valor que atribui a si mesma no desempenho dessas funções. Gostaria que essa compreensão auxiliasse, tanto a mim como à equipe multidisciplinar com a qual trabalho, a atender as mulheres idosas da Vila Fátima de forma mais próxima e humanizada, podendo, assim, repensar o papel social da mulher idosa nessa comunidade de baixa renda.

Segundo Bassit (2002), estudar o processo de envelhecimento na perspectiva de diferentes cursos de vida nos permite ampliar nosso referencial de análise, tanto para os



Figura 1: Mapa dos distritos sanitários de Porto Alegre (POA/RS, 2004)

A Vila Fátima, local desta pesquisa, está localizada no bairro Bom Jesus, que compõe a Zona Leste (3) da cidade de Porto Alegre.

## **1 SOBRE O MÉTODO**

### **1.1 APROXIMAÇÃO AO CAMPO**

Meu primeiro contato com a Vila Fátima, local escolhido para desenvolver minha pesquisa de campo, deu-se no período compreendido entre 1996 e 1998. Nessa época, ainda cursava cadeiras da graduação do curso de Medicina, e a “Vila” parecia muito distante de minha realidade acadêmica, centrada nos estudos de casos e teorias voltadas para o ambiente hospitalar. Em 2003, já como médica internista e residente da especialidade de medicina de família e comunidade, com um pouco mais de vivência na área de medicina primária e de trabalhos junto a comunidades de baixa renda e muita curiosidade por conhecer melhor esse local que me parecia “distante”, fui convidada a ministrar aulas para os alunos da cadeira de Medicina Social I do curso de Medicina da PUC. Durante o período de 2003 a 2005, desenvolvi um trabalho de campo com os alunos, levando-os a conhecer a realidade das famílias residentes na comunidade da Vila Fátima e, dessa forma, desenvolver um pensamento crítico a respeito da situação de vida dessas pessoas, tanto em termos de saúde como também em relação aos aspectos socioeconômicos, culturais e espirituais. Tive a oportunidade de conhecer muitas famílias, suas realidades e as formas como enfrentam seus problemas cotidianos.

Há três anos trabalho como médica do Centro de Extensão Universitário da PUC, localizado no coração da Vila Fátima. Desenvolvo um trabalho de cunho preventivo, curativo e de reabilitação em saúde, através de uma equipe multidisciplinar. Uma das metas de meu trabalho junto à comunidade é o atendimento integral às pessoas de terceira idade. Nas segundas-feiras à tarde acontece o encontro do Grupo de Terceira Idade,



e, após a reunião do grupo, os idosos recebem atendimento clínico e nutricional. O grupo é constituído por 60 idosos, dos quais em torno de 40 são freqüentadores assíduos. A grande maioria são mulheres, de idades que variam dos 60 aos 85 anos. Segundo Lins de Barros:

[...] não é à toa que são as mulheres que majoritariamente procuram e preenchem os lugares nos grupos de trabalho para idosos. A experiência de sociabilidade nesses grupos contribui para a constante ressignificação da velhice e do lugar da mulher na sociedade em geral e na família, uma vez que o trabalho desenvolvido está pautado pela noção de um envelhecimento física e psicologicamente saudável, pela associação positiva entre velhice e participação social (2004, p. 54).

Falo de um bairro de classe popular de uma grande cidade brasileira, cujas famílias ainda enfrentam muitos problemas ligados ao saneamento básico e à falta de estrutura de seus domicílios, os perigos e as dificuldades de uma área geográfica com muitos morros e possibilidades de desmoronamento e quedas, devido à lama, pedras soltas, falta de organização e pavimentação das ruas e calçadas. Convivem diariamente com um ambiente empobrecido e hostil, onde predominam o tráfico de drogas e a violência intra e extradomiciliar.

## 1.2 A CHEGADA À VILA: OS DOIS MUNDOS

A Vila Fátima, localizada na zona leste de Porto Alegre, possui algumas “entradas” através de ruas asfaltadas que se comunicam com avenidas maiores e mais movimentadas da cidade. Um desses acessos, aquele que utilizo diariamente para ir ao trabalho, caracteriza-se por uma rua há alguns anos asfaltada, estreita, que permite a passagem de um carro de cada vez, não possui calçadas laterais, e as soleiras das portas e dos portões das casas se comunicam diretamente com a rua. Isso faz da rua um local de tráfego intenso não só de carros, mas também de pedestres de todas as idades, de animais, gatos, cachorros e de um número significativo de carroças e de pequenos caminhões de entrega. Além de servir como uma ligação da Vila com o restante da cidade, ela também desempenha um papel semelhante àquele desempenhado pelas ruas há algumas décadas, quando elas não serviam apenas como simples passagem. Segundo Peixoto (2000), elas possuíam os traços de um longo pátio onde os moradores se reuniam no final do dia ou nos fins de semana, quase uma extensão da casa. A rua, aqui, é um local de lazer, de encontros de grupos de todas as idades e de possibilidades de trocas entre as gerações. Existem

horários específicos de cada um desses grupos. No final da manhã e início da tarde encontramos grupos de crianças pequenas e de mulheres, donas de casa que conversam, observam o movimento, fazem pequenas compras nos armazéns da redondeza, e uma preponderância de pessoas de idade mais avançada. Ao final da tarde, horário de maior movimento, observamos muitos grupos de jovens, geralmente divididos em grupos femininos e masculinos, sendo que os grupos femininos permanecem mais sentados em algum local próximo a uma casa, e os masculinos muitas vezes caminham pelas ruas da Vila, falando alto, chamando a atenção das “gurias” e de todos os que por eles passam. Ao cair da noite a rua vai se esvaziando, e tomam conta do espaço outros grupos, aqueles com fins bem definidos, ligados ao narcotráfico e ao comércio de produtos ilícitos. Os moradores da Vila nos falam sobre esse assunto.

Dona B, 79 anos:

- “A senhora não vai acreditá o agito que é de noite aqui, vem uns carrão que param nas boca pra compra droga, né? E sai cada moça bem vestida desse carro até de salto alto..., e não sei como tem corage e isso é a note toda...”.

Dona E, 75 anos:

- “À noite é perigoso aqui, eu que já sô antiga e conheço toda essa gurizada, ando tranqüila...”.

Além dos participantes desse comércio ilícito, também transitam nas ruas à noite aqueles que estudam, trabalham e que voltam para casa às 22, 23, 24h ou na madrugada. São eles: os vigias noturnos, as cozinheiras, os profissionais do sexo, os motoristas de ônibus, entre outros tantos. Para esses profissionais, as situações de insegurança são constantes no retorno para casa, como nos conta Dona B, 79 anos, e cozinheira durante 40 anos de sua vida, trabalhando em restaurantes longe da Vila:

- “Eu voltava do trabalho 4 da manhã com uns colega, pegava 2 ônibus e depois caminhava longi pra chega aqui, muita vez eu vi eles arromba casa, portão no caminho, aí eles falava: não viu nada né, vó? vai passando rápidu... eu fazia de conta que não era cumigo, sabe? Senão a coisa podia fica feia...”.

Essa convivência diária com uma violência tão próxima faz com que muitas vezes os moradores da Vila Fátima banalizem esse processo como forma de se autoprotegerem.

Ao entrar na Vila, de carro, visualizo, além desse movimento anteriormente descrito, uma grande diversidade étnica: são pessoas de todas as cores, na sua maioria negros e mestiços; também transitam por ali muitos brancos (loiros, ruivos, castanhos) e raramente asiáticos. Os odores são típicos de um local de intensa concentração de pessoas e de animais que defecam, na maioria das vezes, na própria rua. O som chama a atenção de qualquer visitante, pois chega a ser irritante aos ouvidos mais sensíveis: são choros de crianças, gritos, gargalhadas, e o domínio do funk é absoluto nos rádios locais, que tocam incessantemente músicas num volume muito elevado. O clima em geral é alegre; às vezes, quando ocorrem incidentes graves com os traficantes ou a polícia, logo se nota uma mudança geral na atmosfera da Vila. Tudo se modifica, outras pessoas assumem postos nas ruas, os barulhos diminuem, o silêncio aumenta, como na véspera de um grande temporal, e as pessoas andam depressa, sem se importar com o que deixaram para trás.

Essa entrada representa, para mim, uma entrada no “mundo deles”, num mundo diferente do meu mundo, o de um bairro de classe média, bem estruturado e organizado, onde existem calçadas, onde as crianças brincam em praças públicas, e as carroças aparecem de vez em quando para buscar o lixo que deixamos na rua à espera do lixeiro. Às vezes, é como se existissem dois mundos diferentes, como se não conseguisse reconhecer o outro como parte do meu mundo, como se ele fosse um estranho para mim. Essa visão dicotômica do mundo, segundo Zaluar, “que divide a sociedade em duas categorias antagônicas, ainda que empregando diferentes conceitos, como dominação, exploração capitalista, segregação racial, atesta a continuidade do dualismo em nosso pensamento” (1999, p. 5). Percebo que essa visão dicotômica vai me afastando “deles”, moradores da Vila, apesar “deles” estarem sempre presentes em meu mundo, de uma maneira ou de outra. É através desse afastamento “deles” que vou desenvolvendo dentro de mim um sentimento de medo do desconhecido.

Ao contrário do afastamento, a aproximação e a convivência diárias tornam o ambiente familiar e conhecido. Em minhas caminhadas pela Vila, nas conversas informais com os moradores, nas visitas aos pacientes acamados e suas famílias, na convivência com os grupos de terceira idade e de jovens, pude ir compreendendo a importância dessa aproximação. Ela representa muito mais do que uma convivência; possibilita a quebra dessa visão dicotômica e o reconhecimento desse outro.

Em diversos momentos, atribuí as causas da criminalidade, tão presentes nesse contexto, à miséria, à perda do poder de compra do salário, à exploração, à ausência de investimentos em saúde e educação, talvez devido a uma visão ingênua e restrita. Hoje, vejo que os fatores são inúmeros e bastante complexos. É preciso levar em conta, além do contexto nacional, o contexto transnacional da cultura globalizada e do crime negócio, onde o fluxo de recursos, como armas, drogas e dinheiro, representa fontes que transcendem a prática de nossos moradores da Vila (ZALUAR, 1999). Essa compreensão se deu ao longo do tempo, com a convivência diária junto aos moradores, as leituras e reflexões com os colegas de trabalho e, principalmente, com um ouvido atento e um coração aberto às histórias dessa realidade. Dentre essas histórias, aquelas contadas por mães e avós da comunidade, sobre jovens envolvidos com o crime, chamaram minha atenção, em especial. Dona C, 76 anos, durante uma dessas conversas, contou-me, com muita naturalidade, que praticamente todos os dias conversa com os “guris” que estão na rua à noite nas bocas de tráfico próximas à sua casa. Ela diz:

- “Eu não tenho medo, paro do lado deles e fico conversando, eles gostam, me escutam..., pergunta pra eles por que tão nessa aí, por que não tão em casa, eles ficam quieto, mas eu sinto que tão escutando”.

Durante o relato dessa senhora, dois aspectos me impressionaram bastante. O primeiro deles refere-se à atitude dela em não recriminar esses jovens em nenhum momento da conversa, o que não é algo comum entre idosos de sua geração, que geralmente tendem a apontar os aspectos negativos da personalidade desses garotos ou de suas famílias. O segundo aspecto refere-se à sua preocupação constante em aproximar-se dos “guris” e de dialogar com eles livremente. Através da palavra, dos diálogos, estabeleceu-se uma cumplicidade e diminuiu-se a tensão. É nessa direção que gostaria de fazer uma breve reflexão: ao caracterizar a violência como um instrumento e não como um fim, podemos falar nos instrumentos da violência, segundo Arendt (1969), que seriam mudos, abdicariam do uso da linguagem que caracteriza as relações de poder. Nessa perspectiva, o diálogo surge como uma quebra desse silêncio, como uma forma de não-violência.

Quando Dona C pergunta ao jovem por que ele está ali naquele momento e não está em sua casa, ela traz à tona uma discussão importante sobre o que leva nossos jovens hoje para a criminalidade, qual a relação entre pobreza, violência e crime organizado em nosso meio. Não é meu objetivo me aprofundar nessa discussão, mas penso ser

fundamental, nesta pesquisa que estou desenvolvendo sobre mulheres idosas, pensar mais e mais na importância do contato intergeracional como forma de resistência e principalmente de prevenção do crime e da violência nas nossas periferias.

Deixo, aqui, ainda um pequeno relato de uma mãe que perdeu seu filho envolvido com o crime organizado, sobre a coragem da avó de um dos “guris” ligados ao tráfico na região: M. A., 47 anos, foi paciente de nosso programa de visitas domiciliares devido à sua dificuldade para caminhar e fraqueza generalizada, conseqüências de um câncer em estado avançado. Na época em que relatou essa história para mim e para Vera, técnica de enfermagem que me acompanha nas visitas, essa mulher se encontrava em fase terminal de vida, e veio a falecer seis meses depois de nossa conversa. M. A. é mãe de três filhos (duas filhas e um filho). Durante nossas visitas à sua casa, a presença de uma pequena neta era constante. Ao perguntar sobre os pais da criança, ela nos disse que a mãe era dependente química e por isso deixara a filha para eles cuidarem, pois o pai da criança, seu filho, fora assassinado no ano em que a menina nasceu, há seis anos. Em uma de nossas visitas, observamos que M. A. estava mais quieta, com olhar reflexivo e recolhida ao seu dormitório. Sentamos à beira do seu leito e ficamos em silêncio, fizemos algumas perguntas habituais sobre sua saúde, e logo ela nos disse:

- “Hoje estou triste porque é o julgamento do caso do meu filho, e eu resolvi que não vou, não tenho força...”.

Tentamos lhe dar algumas palavras de conforto e de apoio em relação à situação, mas sua expressão estava cada vez mais fechada. Ela parecia necessitar nos contar algo, e foi isso que fez depois de alguns minutos de silêncio intenso. Ela relatou todo o episódio do assassinato do filho e todas as dúvidas que havia sobre o caso, mas deixou claro que tanto ela quanto toda a Vila sabiam quem era o culpado pela morte do seu filho. E a sua dor maior era saber que esse culpado continuava solto, mesmo já tendo cometido diversos crimes anteriores. Repetiu diversas vezes o peso que sentiu durante as audiências anteriores das quais participara e que estava sem energias para continuar lutando pela “justiça”. Passados em torno de 30 minutos de conversa, o seu rosto se modificou, seus olhos se encheram de luz e ela disse:

- “Mas teve uma mulher que foi a única que teve coragem de denunciar ‘eles’!”.

Ficamos perplexas e esperávamos tratar-se de uma mulher jovem, valente, forte. Mas, para nossa surpresa, ela relatou a seguinte história: teve uma mulher, já com quase 80 anos, que um dia entrou no armazém daqueles que tinham matado o neto dela algumas semanas antes e disse para eles que se eles quisessem matar ela agora, era para fazer isso logo porque ela iria sair dali e denunciar eles naquele dia para a polícia... As pessoas ficaram todas olhando e ninguém fez nada, ela saiu dali e foi para a delegacia fazer o que tinha dito. Ela os denunciou para o delegado e disse que ele tinha que fazer algo porque ela já não tinha o que perder na vida, não tinha mais medo. M. A. disse que o culpado faz parte de uma família poderosa aqui dentro da Vila, cujos filhos já cometeram diversos crimes violentos nos últimos anos, e nunca ninguém teve coragem de denunciá-los. O único que realmente foi julgado e preso pelo que fizera foi este rapaz que foi denunciado pela avó corajosa de sua vítima. Depois do relato, perguntamos a ela o que tinha acontecido àquela senhora, e ela contou que não havia acontecido nada, ela continuava vivendo ali onde sempre viveu. Sentimos que M. A. havia se tranquilizado após o relato, suas angústias se dissiparam um pouco, e a esperança voltou a fazer parte de seus olhos...

Essas conversas tornaram clara, para nós, a existência de um paradoxo: “onde os pobres figuram simultaneamente como protagonistas principais dos crimes violentos cometidos e como vítimas preferenciais deles” (ZALUAR, 1999, p. 3).

Partindo dessa realidade, retomo, neste momento, o objetivo principal que tenho com essa pesquisa: a análise das funções que a mulher idosa desempenha hoje, nas famílias que vivem nesse contexto.

### 1.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os diversos anos que estou trabalhando como médica na Vila Fátima me proporcionaram a possibilidade de formar um forte vínculo médico-afetivo com as mulheres idosas desse bairro. Esse vínculo, por um lado, auxiliou-me na obtenção de diversos dados reveladores da vida íntima dessas mulheres, mas, por outro, em alguns momentos, dificultou a aquisição de dados que, na visão delas, teriam uma interferência negativa em minhas relações como pesquisador-participante e como médico-paciente. Fiz a opção de correr esse risco, aceitando a responsabilidade por qualquer perda de

“objetividade” que resulte dessa relação afetiva. E tive a consciência de que, durante meus estudos, necessitei desenvolver uma nova relação com o campo de pesquisa. Minha visão de médica de família cedeu lugar à visão de pesquisadora.

A estreita relação que criei com muitas das mulheres da Vila Fátima serviu como estímulo para esta e, provavelmente, servirá para pesquisas futuras, mas foi necessário que, como pesquisadora, desenvolvesse um movimento de “estranhamento” em relação ao meu objeto de estudo. A familiaridade em relação a esse objeto não é igual a conhecimento científico, mas representa um certo tipo de apreensão da realidade. O processo de estranhar o familiar vai se tornando possível, conforme Velho, na medida em que “somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações” (1978, p. 45). É através do estranhamento que pude confrontar minhas percepções, vivências e opiniões com as da literatura existente sobre o assunto em questão.

A convivência com as idosas da Vila me revelou um fato interessante: mesmo vivendo em ambientes com características socioeconômicas e culturais semelhantes, elas apresentam trajetórias de vida com aspectos bastante distintos. As experiências adquiridas ao longo de suas vidas e a história que construíram conjuntamente com suas famílias devem ser respeitadas como histórias singulares e, dessa forma, podem servir como ferramentas para a compreensão da vida familiar e social nessa localidade urbana. A importância de se buscar a história singular de cada sujeito, dentro de um contexto social, se traduz pela seguinte frase de Bernard Charlot: “Embora o indivíduo se construa no social, ele se constrói como sujeito, através de uma história, não sendo, assim, a simples encarnação do grupo social ao qual pertence” (1996, p. 49).

Procurei, através das histórias singulares dessas mulheres, compreender as relações sociais existentes nesse meio e as funções desempenhadas por elas nessas relações. Para tanto, optei por uma pesquisa de cunho qualitativo, que me pareceu ser o caminho mais adequado para chegar ao meu objetivo. Em virtude da complexidade dessas relações sociais e de sua interdependência para com o ambiente, senti, também, a necessidade de caracterizar minha pesquisa como tendo um caráter etnográfico.

Utilizei como instrumentos para a coleta de dados: entrevistas com perguntas abertas, anotações sobre o Grupo de Terceira Idade e um diário de campo. A escolha das

mulheres que participaram das entrevistas foi realizada através de um sorteio de nove idosas pertencentes a esse grupo. Esse número foi obtido conforme o critério de “saturação ou reincidência de informações”, ou seja, na medida em que os dados das entrevistas permitiram delimitar a relação entre os objetivos e o quadro empírico, decidi interromper a coleta de dados (BASSIT, 2002).

As entrevistas foram realizadas no próprio domicílio das mulheres sorteadas. Para tanto, após o sorteio, conversei com cada uma das mulheres no Grupo de Terceira Idade, que ocorre nas segundas-feiras, sobre a possibilidade de se realizar a entrevista e a necessidade de antes conversar sobre a pesquisa e o termo de consentimento livre e esclarecido. Ao perceber a disposição, por parte da mulher idosa, em participar da pesquisa, agendei um dia e um horário com ela em sua casa e fiz a visita. A visita foi dividida em três momentos: no primeiro momento, expliquei com detalhes os objetivos da pesquisa, a sua metodologia, a sua contribuição para a comunidade em estudo. No segundo momento, abordei com ela questões sobre o sigilo em relação aos seus depoimentos de vida e suas opiniões, o direito que possui de não participar da pesquisa, sem nenhum prejuízo para si mesma ou para sua família, em relação aos atendimentos que recebe no posto de saúde, e entreguei para ela o termo de consentimento livre e esclarecido, dando algumas explicações sobre ele (vide Apêndice A). Tendo ela concordado com a pesquisa e assinado o termo de consentimento, iniciei o terceiro momento, que se constituiu da própria entrevista, realizada com perguntas abertas (vide Apêndice B) e gravada. Após as gravações, as entrevistas foram transcritas e impressas; utilizei nomes fictícios para representar as idosas entrevistadas. Com o objetivo de manter o caráter da língua falada, optei em utilizar no texto as falas das idosas conforme as transcrições realizadas, sem correções posteriores.

As anotações sobre o Grupo de Terceira Idade são aquelas que já foram coletadas no período de março a dezembro de 2006. Durante todos os encontros do Grupo de Terceira Idade, um integrante da equipe coordenadora realiza as devidas anotações sobre a atividade desenvolvida e os relatos dos participantes. Após a atividade, a equipe coordenadora se reúne para discutir os resultados do trabalho e as anotações feitas. As anotações ficam guardadas em um livro de atas, no posto de saúde.

O diário de campo foi utilizado por mim como uma forma de armazenar informações sobre os idosos da Vila Fátima, desde abril de 2006. Nele, constam registros



sobre informações, sentimentos, dados históricos, reflexões, referentes aos “observados”, como também ao “observador”. O diário de campo, como instrumento de pesquisa, permite que façamos um registro sobre o contexto particular em que os dados foram obtidos, captando, assim, uma informação que os documentos, as entrevistas, os dados censitários, a descrição de rituais, obtidos por meio de gravador, da máquina fotográfica ou da filmadora, não transmitem. Dessa forma, esse instrumento permite revelar o lado mais humano, vulnerável do autor e da real situação de pesquisa (MAGNANI, 1997).

O motivo pelo qual utilizei mais de uma fonte de coleta de dados baseia-se na idéia de que, ao limitar-nos a uma entrevista gravada, teremos uma visão muito restrita do mundo de nossos informantes e dificuldades em contextualizá-los. Através dos instrumentos escolhidos (entrevistas abertas, anotações sobre o grupo e diário de campo), constituímos um corpo de dados que auxiliou na compreensão do objetivo da pesquisa: as relações e funções das mulheres idosas na constelação familiar atual.

Após a coleta, fiz a análise dos dados obtidos, a partir de três eixos principais: a mulher, a família e o envelhecimento. O processo de análise de dados se caracteriza por um movimento constante de ir e vir dos conceitos teóricos para a realidade dos fatos observados e registrados. Esse longo trabalho de ir e vir no *corpus* da pesquisa exige um diálogo contínuo com a teoria, de forma que possamos apreender o processo das transformações que estão ocorrendo, tendo como pressuposto básico que “o dado não é dado e, sim, resultado de um processo bastante complexo de construção que ocorre na interação entre o pesquisador e o evento pesquisado” (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2000, p. 286).

#### 1.4 AS ENTREVISTAS: E A SURPRESA!

Ao caminhar pelas ruas da Vila Fátima, tive o prazer de ter ao meu lado, na grande maioria das vezes, uma caminhante guerreira desta região. Seu nome é Vera, ela tem 53 anos de experiência de vida, dos quais 43 anos vivenciados aqui nesta localidade (Bom Jesus). É uma senhora muito respeitada pelos moradores da Vila devido aos seus conhecimentos teóricos e práticos como agente comunitária e técnica de enfermagem e à sua incansável postura como prestadora de serviços à comunidade. Poderia caracterizá-la

como uma mulher de muita fibra, que já superou diversas intempéries da vida e com elas refinou a sua percepção do mundo e das pessoas com as quais convive e para as quais consegue dar suporte, conforto e afeto nos momentos mais delicados da trajetória humana. Vera foi convidada por mim para participar das visitas e das entrevistas que realizei nesta pesquisa. O convite nasceu por causa da riqueza de dados e informações que ela possui sobre a Vila Fátima e seus moradores. Trabalhamos juntas há alguns anos, e ao longo desse período pude perceber a importância de se ter uma pessoa como Vera para se trabalhar num local com tantas peculiaridades distintas das características de um bairro de classe média ou alta brasileiro. Uma dessas peculiaridades são os endereços das moradias. É quase impossível encontrar alguns endereços sem a ajuda de alguém que realmente conheça a localidade. Conhecer a localidade tem uma conotação diferente daquela à qual estamos habituados num grande centro urbano, onde as ruas têm seu nome próprio e as casas e apartamentos têm seu número. Aqui, como traz Da Matta: “As pessoas informam ao estrangeiro a posição das moradias de modo pessoalizado e até mesmo íntimo [...]” (1991, p. 34). Quando queremos encontrar um endereço, se a Vera não o conhece ainda, vamos para a rua próxima à referência indicada e perguntamos às pessoas pela casa de Dona Maria ou de Seu João, pais de Isabel ou Jorge, e às vezes acrescentamos às informações dos nomes e parentescos características pessoais, como: “a costureira”, “o dono da fruteira”, “a mulher na cadeira de rodas”, “aquela senhora que cuida do marido doente na cama”, “aquele senhor que anda de bengala”, “a senhora que distribui as cestas para os necessitados”, etc. “Aqui, como vemos, o espaço se confunde com a própria ordem social, de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido” (DA MATTA, 1991, p. 34).

Eu e Vera conseguimos encontrar todos os endereços necessários, alguns com muita facilidade, por serem conhecidos nossos, e outros com a ajuda da vizinhança local. As visitas às casas das entrevistadas foram de grande valia, pois pude observar cada uma das idosas no seu meio de convivência. Isso possibilitou um olhar mais amplo sobre meu objeto de estudo e, ao mesmo tempo, facilitou meu papel como pesquisadora. Talvez, se as entrevistas tivessem sido feitas no posto de saúde, tivesse mais dificuldades em assumir meu papel como pesquisadora em detrimento do papel como médica dessa comunidade, tão presente e enraizado dentro de mim.

Dentre as casas das idosas entrevistadas, quatro são de alvenaria e cinco são de madeira, a grande maioria com um bom aspecto externo e interno, algumas mais amplas,

com quatro a cinco cômodos, e outras bem pequenas, com dois ou três cômodos. Os móveis são muito simples, alguns com defeitos, rasgos, ferrugem, falta de pintura. Os ambientes, para os recém-chegados, são muito acolhedores e tranquilos, o que não é algo comum nesta região, onde as invasões por parte de novos imigrantes de outros locais de Porto Alegre, de bandidos ou mesmo da polícia fazem parte da rotina diária. A sensação que tive ao entrar e passar um tempo dentro dessas casas foi de estar no interior do Brasil. Foi uma grata surpresa não só para mim como também para Vera, boa conhecedora da região. Discutimos sobre isso em diversas ocasiões e constatamos que essa sensação de “estar no interior” é proveniente de diversos fatores. Um desses fatores são os pequenos pátios localizados na frente das casas, em sua grande maioria de chão batido, com árvores, potes de plantas e flores de diversas qualidades. Muitas delas preservam o hábito de plantar pequenas folhagens, chás e flores, sobre as quais falam com muito carinho. Afirmo que preservam esse hábito porque a maioria delas relatou que aprendeu esse cultivo com seus pais e avós. Outro fator refere-se à localização das casas, estrategicamente construídas em pequenas ruas, ruelas, “becos” ou “cantos de becos” da Vila. A partir dessa constatação, surgiu a dúvida: como teriam elas conseguido erguer e manter suas casas em locais “privilegiados” desse bairro?

Para responder a essa pergunta, é preciso falar um pouco sobre a origem dessas mulheres, os motivos de terem vindo viver nessa localidade e há quanto tempo vivem aqui.

## 2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DISCURSOS

### 2.1 A VINDA PARA A CIDADE GRANDE

Ao iniciarmos as entrevistas, fizemos a seguinte pergunta: Há quanto tempo a senhora mora aqui na Vila? A média de anos vividos por essas mulheres na Vila Fátima foi de 38 anos. Enquanto algumas já vivem aqui há 25, 37 ou 40 anos, outras residem neste local desde a infância, há 58 ou 70 anos. Uma das senhoras, Dona F, 93 anos, ao relatar como se sentia aqui na Vila, disse-nos assim:

- “Muito bem, aqui nesse lugar muito bem, eu me dou com todo mundo...”.

Isso nos remete à questão do interconhecimento, isto é, o conhecimento que os moradores locais têm sobre as pessoas que aqui residem e sobre os acontecimentos (FONSECA, 2004). O interconhecimento modifica o anonimato das grandes cidades e traz para esses moradores um sentimento de familiaridade. Através desse conhecimento mútuo, as pessoas desenvolvem liberdades, inexistentes na grande maioria dos edifícios e bairros residenciais de nossa cidade. Os vizinhos conhecem as histórias das famílias que vivem ali, suas brigas, suas conquistas, e, com frequência, visitam-se, tomam um cafezinho em conjunto ou trocam algumas palavras pelos muros ou cercas.

Dona A, 66 anos:

- “Eu gosto daqui, a senhora sabe, a vizinhança é muito boa, tudo eles são bom pra gente, são uma beleza de vizinho. Aqui a gente sai, eles cuida a casa da

gente, eles sai, a gente cuida a casa deles. Aqui não tem mesmo o que incomodar, um lugar muito bom, muito calmo aqui...”.

No relato de Dona A, podemos observar a interdependência funcional que existe entre os habitantes da Vila: eles trocam favores, conselhos, objetos. Essa troca de favores faz parte de uma economia urbana de subsistência, onde as pessoas dependem umas das outras para a sua sobrevivência (FONSECA, 2004). Nessas trocas surgem as amizades e também as inimizades, os conflitos entre indivíduos e famílias. São comuns as queixas pelo não-cumprimento de dívidas financeiras; mesmo que representem quantias mínimas em dinheiro, refletem a honra da pessoa diante dos demais e geram conflitos importantes dentro da comunidade.

- “Foi assim, nós trabalhava, meu marido trabalhava numa... cuidava de uma fazenda assim de porcos, sabe? De porcos... Era açougueiro. Ele que carneava, ele que vendia a carne de boi. Tinha aviário de galinhas. Aí lá não tava dando mais, né? Em Santa Catarina, lá em Siderópolis. Aí ele achou que tinha que vir pra cá. Tinha vindo uma irmã minha, e ele achou que ela tava bem e ele veio também. Ele veio e procurou alugar aí... Não achou casa, não tinha serviço também, ele me deixou grávida lá, com seis filhos e outro já pra nascer... aí ele teve aqui 15 dias e não arrumou casa, não arrumou serviço... mas aí a minha sobrinha teve lá e eu disse: Tu diz pra ele que ele venha me buscar, porque se não eu deixo tudo aqui, pego os filho e vou a mesma coisa, vou atrás. Aí ele pegou, no outro dia ele apareceu. ‘Ela é louca, deixa tudo lá e vem’. Ele sabia que quando eu quero, eu faço, né! No outro dia ele apareceu e até me deu um susto. Aí vendemos o que deu de vender, vendemos tudo porque a casa não era nossa, era da... Vendemos tudo o que deu lá e o resto ensaquemos, coisa de panela, louça, essas coisa nós trouxemos... e os filhos, a maior parte era filho, porque eram muito. E a roupa, então a roupa nós trouxemos tudo... e viemos. Viemos pra casa da minha irmã, tivemos três dias. Trouxemos um dinheirinho. Aí nós chegamos aqui, compramos uma casinha ali de duas peças. Aqui na rua A. Aí compramos uma mesinha destas bem pequenininha, estreitinha, duas cadeiras, uma cama de meio casal, que não era cama larga e um fogãozinho de lenha...”.

Esse é o relato de Dona E, 72 anos, da sua chegada à Porto Alegre com os filhos, há 40 anos. Deixamos esta parte de seu relato na íntegra, pois ele caracteriza, de forma bem concreta, o desafio que representou, para a maior parte dessas mulheres, a vinda para a cidade grande. Das nove entrevistadas, sete vieram do interior do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina, das mais diversas regiões do estado: campanha gaúcha, litoral, região serrana. Os relatos são repletos de histórias ligadas à agricultura, às plantações de milho, mandioca, arroz, leguminosas e à criação de pequenos animais. Quando vieram para a Vila Fátima, algumas delas ainda mantiveram o hábito de plantar alimentos e plantas nas áreas ainda não habitadas naquela época. Com o passar do tempo, essas áreas foram sendo tomadas por novos moradores, e as plantações desaparecendo. Hoje, ainda observamos os chás, as ervas, as pequenas plantas e flores nos quintais daqueles que os cultivam como uma lembrança da vida na roça durante a infância, adolescência e parte da vida adulta jovem. O motivo da vinda para a cidade grande é a busca por emprego e melhor remuneração, representando o desejo da imensa maioria das pessoas que participaram do movimento de migração campo-cidade ocorrido no Brasil a partir da metade do século XX. Ao refletirmos sobre a reestruturação da rede urbana brasileira, observamos que as mudanças recentes têm sido notáveis. Até a década de 50, a rede urbana brasileira era fragmentada, desarticulada e nucleada em faixas litorâneas, resultado da economia primário-exportadora dos séculos anteriores. A partir do final dos anos 60 e durante a década de 70, a expansão da economia nacional e os próprios efeitos do crescimento demográfico favoreceram o surgimento de várias aglomerações urbanas. Entre 1960 e 1980, houve um incremento de quase 50 milhões de pessoas nas áreas urbanas, e as migrações campo-cidade foram responsáveis por 56% desse total (MATOS, 2000, p.1-22).

Ao refletirmos sobre a origem dessas mulheres, a sua ligação estreita com a agricultura, na grande maioria dos casos, e o tempo que vivem aqui, podemos facilmente responder à pergunta: como teriam elas conseguido erguer suas casas em locais privilegiados deste bairro? Elas chegaram muito cedo, encontraram boa parte das terras dessa região ainda desabitadas, possuíam um bom senso geográfico, como consequência de suas vivências junto à terra, e muita energia para erguer suas casas e cultivar seus pátios, resquícios da vida dura do campo.

Moradoras antigas da Vila, como se sentem essas mulheres vivendo aqui hoje? Foi unânime a resposta: elas se sentem, na imensa maioria dos casos, muito bem. O sentir-se bem tem uma ligação muito estreita com o orgulho que possuem de tudo que

construíram durante a vida aqui na Vila. Esse orgulho aparece nas palavras de Dona D, 73 anos:

- “Me sinto bem. Eu gosto da minha casa, eu gosto das minhas coisas... das minhas plantinhas. Me sinto bem mesmo aqui, porque às vezes acham que eu tenho que ir embora, mais lá pra cima, porque aqui é a subida, eu não consigo caminhar. Eu prefiro ficar aqui e enfrentar a subida do que sair daqui, porque eu me dou bem, tô acostumada, sabe? E isso aqui eu fico assim, muda aos poucos, e a gente gosta, e ao menos eu sou assim, eu gosto das coisas que eu mesmo faço...”.

Além do orgulho de ter projetado e construído a sua casa com a ajuda do filho mais velho, após um processo longo e traumático de separação do marido e pai de seus filhos, surge durante a sua fala um sentimento intenso de “pertencimento local”. O termo “local” anuncia uma relação com um espaço, um território. Ao considerarmos que todo território é o lugar onde se desenvolvem relações sociais concretas, a noção de “pertencimento local” pode ser compreendida como a relação que se estabelece entre um indivíduo ou um grupo de indivíduos e este espaço territorial. “Ela designa a representação de um sentimento de pertencimento a um grupo social circunscrito a uma localidade precisa ou, simplesmente, o pertencimento a certos lugares” (PEIXOTO, 2000, p. 47). Esse sentimento pode variar muito de pessoa para pessoa, mesmo dentro de uma mesma família ou grupo de convivência, e de uma pessoa em relação a diferentes lugares nos quais transita cotidianamente. Isso ocorre porque a apropriação de um território não é necessariamente homogênea nem “real”, porque estamos aqui tratando de um espaço simbólico de pertencimento. Pudemos observar, ao longo das entrevistas, que essas mulheres se sentem seguras morando aqui na Vila porque “conhecem” os hábitos daqui, as histórias desta região, o movimento das ruas, os vizinhos, as vendas, as divisas e as brigas internas. Sentem-se parte desse território, possuem seus papéis a desempenhar dentro dele e nele pretendem permanecer, mesmo tendo a oportunidade de mudar-se para outras regiões.

### **2.1.1 A vida antes e a vida agora**

A riqueza das histórias dos idosos da Vila Fátima, o seu intenso sentimento de pertencimento local e os seus pontos de vista sobre os acontecimentos passados e atuais

motivaram os coordenadores do Grupo de Terceira Idade da região a desenvolver uma atividade que objetivou a coleta de relatos como estímulo à memória desses idosos e à valorização de seus papéis na comunidade. Essa atividade foi chamada de: a vida antes e a vida agora...

Reunimo-nos durante diversas tardes de segunda-feira, no posto de saúde, para conversar sobre a vida na Vila Fátima nos últimos 40-50 anos. Em geral, éramos quatro integrantes da equipe de saúde e 12 a 15 idosos do grupo. Ao longo dos relatos dos idosos, pudemos compreender que: “O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância” (BOSI, 2006, p. 82).

Nesse espírito, seguimos nosso trabalho, o trabalho desafiador de comparar a vida antes e a vida agora. Um trabalho de lembrar que exige daquele que está utilizando esta faculdade um espírito desperto e uma capacidade de não confundir o que já passou com o que está acontecendo, de reconhecer as lembranças e poder opô-las às imagens de agora (BOSI, 2006).

- “Eu ajudei a construí a primeira capela aqui da Vila, ela era toda de madeira, por fora era toda azul e dentro era rosa...” (Sr. J, 67 anos).
- “Era muito bonita! Acho que foi inaugurada no ano de 67” (Dona C, 75 anos).
- “Nessa capela era feita as missa aos domingo, os batismo e casamento acontecia na Vila Jardim. Na época quem ministrava as missa era o Padre Albino” (Sr. J, 67 anos).

Esses foram alguns relatos sobre uma antiga capela que existia aqui na Vila Fátima, que há mais de 20 anos foi derrubada para dar lugar a outras construções mais novas. Hoje eles possuem uma igreja construída ao lado do posto de saúde local, onde ocorrem missas e encontros de grupos, com fins religiosos e sociais. Apesar de a igreja ser vista com bons olhos, permaneceu no ar um clima de nostalgia e tristeza, ao falarmos na antiga capela. Muitos dos velhos ali presentes já não se recordavam bem das características daquela antiga construção e demonstraram muita surpresa quando, aos poucos, fomos falando sobre ela. Muitas das idosas lembraram acontecimentos ligados à capela que foram



significativos para suas famílias. Alguns falaram das conversas embaixo das árvores que cresciam em torno da construção e que hoje fazem parte desse passado.

- “Quando eu vim pra cá não tinha água e luz. As casa era umas ‘bibocas’” (Dona R., 72 anos).
- “Tinha três ‘bica’ aqui na Vila, a primeira dela era a do ‘João Rocha’, todo mundo buscava água na ‘bica’...” (Sr. J., 67 anos).
- “Nóis pegava água pra bebê, si lava, lava a roupa e até pra vende pros outro” (Dona B, 79 anos).

As “bicas” de água ficaram famosas nesta localidade; todas tinham um nome que estava ligado ao “dono” do local onde ela se encontrava, e havia regras bem definidas para utilizá-las. Todos os dias formavam-se filas diante da vertente; os que chegavam primeiro tinham preferência. Os idosos falam do trabalho que tinham para carregar toda a água necessária para a vida da família, e às vezes o trajeto da “bica” até suas casas era dificultado por subidas e descidas. As falas deles deixam claro que, além da importância das “bicas” para a sobrevivência, elas também representavam um local de encontros para a comunidade da época. Lá ocorriam conversas, trocas de favores, de apoio, discussões, fofocas... Eles percebem que a luz elétrica e a água encanada facilitaram suas vidas, trouxeram progresso para a Vila; porém, o desaparecimento das “bicas” permaneceu representando a perda de um espaço de convivência das famílias locais.

#### Segundo Bosi:

Destruída a parte de um bairro onde se prendiam lembranças da infância do seu morador, algo de si morre junto com as paredes ruínas, os jardins cimentados. Mas a tristeza do indivíduo não muda o curso das coisas: só o grupo pode resistir e recompor traços de sua vida passada (2006, p. 452).

Nesse sentido, trabalhamos com o grupo a possibilidade de estarmos ali naquela tarde de outono relembrando em conjunto, unindo nossas lembranças para que “as bicas” ressurgissem em nossas memórias tão vivas quanto o foram no passado. Nossa memória representa esse lado subjetivo do nosso conhecimento sobre as coisas; ela pode ser comparada a uma reserva que cresce a cada instante de nossa vida e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida (BERGSON, 1999).

- “Nós plantava daqui não tinha casa, nós plantava até lá em cima. Nós ficava tudo com a minha mãe, nós plantava e, quando era uma vez por semana, nós juntava uma trouxa de roupa, às vezes ela já tava barriguda e botava tudo pra frente e atravessava, ia lavar lá no riacho. Quando ia lavar no riacho, a gente levava uma panela grande, sabe essas panela de ferro. Então a minha mãe mandava nós ficar um aqui, outro lá e atravessava a panela no meio. Cozinhas feijão, arroz tudo ali junto sabe? ... aí fazia aquela panelada e subia com os prato, ali nós tomava banho, nós se penteava, nós se arrumava, depois nós vinha pra casa porque não tinha água. A água era só ali no ‘Rocha’ e aqui em cima uma ‘bica’” (Dona B., 79 anos).

Enquanto relatava sua história, Dona B. demonstrava muita alegria, assim como os demais participantes da atividade. Todos recordavam de algum episódio ocorrido no riacho; algumas passagens eram cômicas, outras remetiam ao esforço das mulheres em lavar as roupas sobre as pedras e, ao mesmo tempo, ter que cuidar dos filhos pequenos e cozinhar para todos. Esse representava nitidamente um espaço feminino, onde as mulheres ditavam as regras e os limites a serem observados. Os homens transitavam ali apenas para se banhar; as demais atividades eram todas desempenhadas pelas mulheres. E as crianças tinham ali um espaço de lazer, de encontros com outras crianças. O riacho, além de proporcionar o banho, a lavagem de roupas, as brincadeiras, também servia para irrigar as plantações de mandioca, milho, batata doce e verduras nas suas margens. Esses produtos eram plantados pelas famílias para a sua subsistência e para trocar por café, sal, farinha, nas vendas da localidade. As águas dos córregos da região hoje estão poluídas pelo lixo deixado pelos próprios moradores; esse representa um dos sérios problemas de saneamento dessa região da cidade. Muitos são os fatores mencionados pelos idosos sobre os motivos de o lixo ser deixado ali no riacho, em vez de ser colocado nos locais de coleta pública: a preguiça dos moradores, a falta de respeito pelos outros, a utilização do lixo como fonte de renda. O motivo apontado com maior ênfase foi a “falta de educação” das famílias. Eles comentam sobre diversas iniciativas já realizadas, no passado, por moradores da Vila, na tentativa de limpar esses córregos, todas elas frustradas! Acreditam ser necessário um trabalho que comece pela educação das crianças na escola e se prolongue para as famílias residentes no local .

“Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 2006, p. 55). As histórias das lavadeiras, das feijoadas, das roupas estendidas sobre as pitangueiras, do gosto da melancia que ali podia ser colhida, enfim, a utilidade do riacho para essa geração gerou uma reflexão a respeito da situação atual dos córregos da região e do quanto ainda precisa ser feito no futuro para que as próximas gerações possam continuar a usufruir deles.

Durante as falas dos participantes sobre as bicas e o riacho da Vila, surgiu uma dúvida dos coordenadores da atividade: como se deu a divisão desse território? Perguntamos ao grupo, que nos respondeu:

- “Aqui ninguém tem escritura, é tudo área verde, as pessoa toma conta da forma que queria... fui registra minha firma e não podia porque era área verde” (Sr. J, 67 anos).
- “Construí minha casa mesmo avisado dos morador que não podia porque o trator iria destruí, isso já faiz 30 ano...” (Sr. N, 65 anos).

Os moradores foram chegando do interior do estado e de outras regiões de Porto Alegre e se instalando nesse local. Muitos foram à prefeitura tentar oficializar seus terrenos, e aí veio a surpresa: suas casas não existiam no papel! Estavam habitando uma região da cidade que era considerada pelos órgãos públicos como área verde, isto é, uma área onde a mata deveria estar preservada. Nos primeiros anos de vida na Vila, sentiam medo por causa da possibilidade iminente do despejo, mas com o passar do tempo esse sentimento foi se dissipando, pois foram percebendo que mais e mais famílias vinham habitar essa região e nenhuma atitude governamental foi tomada. A Vila configura um espaço transitório e problemático que recebe um tratamento muito diferente de outras áreas da cidade. Todas as coisas que estão relacionadas ao paradoxo, ao conflito ou à contradição, assim como “viver em um local que não existe”, ficam num espaço singular.

Geralmente são regiões periféricas ou escondidas por tapumes. Jamais são concebidas como espaços permanentes ou estruturalmente complementares às áreas mais nobres da mesma cidade, mas são sempre vistas como locais de transição: “zonas”, “brejos”, “mangues” e “alagados” (DA MATTA, 1991, p. 50).

A Vila Fátima possui tapumes simbólicos que a tornam um local pouco conhecido pela maioria dos porto-alegrenses. Poucos são os visitantes dessa localidade que não estejam ali por motivo de trabalho ou pesquisa de campo. Apesar de estar localizada em uma região central de Porto Alegre, faz parte da periferia desse grande centro urbano. Uma periferia central – talvez pudéssemos denominá-la dessa forma. A Vila Fátima, assim como tantas outras Vilas da cidade, “é um reduto social e economicamente discriminado pelos grupos dominantes” (FONSECA, 2004, p. 22). Em diversos momentos, presenciamos situações em que moradores locais referiram ter omitido dados sobre seus endereços para conseguir empregos ou para iniciar relacionamentos. O motivo foi sempre o mesmo: o medo de ser rejeitado pelo outro. “[...] por viverem em condições miseráveis em relação à classe média, essas pessoas identificam-se e são identificadas pelos outros como situadas no nível mais baixo da hierarquia social” (FONSECA, 2004, p. 18).

Enquanto conversávamos sobre a questão territorial da Vila, observamos que os idosos se sentiam como “donos” dos pedaços de terra onde construíram suas casas há mais de 20 anos, apesar de terem o conhecimento de que esta é uma área verde e, portanto, não há como se conseguir escrituras dela. Esse sentimento tem estreita ligação com o tempo que já viveram aqui; eles deixam claro que foram os “primeiros” a chegar e por isso não se sentem como invasores deste lugar, diferentemente do sentimento que possuem em relação àqueles que chegaram mais tarde e aqui se instalaram. Há uma diferenciação entre aqueles que vieram habitar essa região há 25, 30, 50 anos e aqueles que chegaram há pouco, nos últimos cinco a sete anos. Eles explicam essa diferença queixando-se das “invasões” de pátios e de antigos “espaços públicos” da Vila pelos recém-chegados. Comentam que suas casas tinham pátios maiores antes, e com a chegada cada vez maior de pessoas, o espaço foi se reduzindo gradualmente. Também falam das “invasões” de novos moradores que construíram suas casas sobre os antigos campos de futebol e pontos de encontro da comunidade local. Explicam que as “invasões” geralmente ocorrem “na surdina, de noite, por isso ninguém pode fazê nada...” (Sr. J, 67 anos).

As “invasões” de novos moradores e a perda de espaços tanto de pátios privados como de áreas de uso comum foram pontos negativos trazidos pelo grupo em relação ao passado. O ponto positivo levantado por todos foi a pavimentação de muitas das ruas desse bairro, o que facilitou em muito a vida de seus moradores, principalmente nos dias de chuva, evitando a formação de grandes poças de água e lama. A questão da violência na

Vila surgiu de forma intensa em todos os relatos, logo após a discussão sobre a questão territorial:

- “Antes ‘deles’ eram briga entre quadrilha. Eles morrera tudo, por isso as quadrilha sumiro, hoje não existe mais ladrão, hoje a disputa é pela droga!” (Sr. J, 67 anos).
- “As veis a gente passava pelas muamba ali no chão, mas passava rápido sem olha muito porque eles ia dizendo: não viu nada, né, veia? A gente tinha de faze de conta que não viu nada porque sentia medo e não queria se incomoda...” (Dona B, 79 anos).
- “Muitas vez eu passava na rua por eles, eu até conheci eles desde pequeno, conheci a família, mas eles tava ali trabalhando e ficava assim meio escondido, não queria ser reconhecido...” (Dona C, 75 anos).
- “Antes eu andava por tudo, agora eu não faço mais. A coisa tá pior... a gente tem que cuida... hoje todo dia sai tiro, não tem dia que não sai um pelo menos...” (Sr. L, 65 anos).
- “A briga hoje em dia é entre duas família: os ‘M’ e os ‘B’” (Sr. M, 70 anos).

Os relatos trouxeram para os dias atuais parte da história do processo de violência dessa região. Durante as décadas de 60 e 70, essa era uma área da cidade utilizada por quadrilhas de roubos como refúgio. Um dos integrantes do grupo, que faleceu recentemente, nos relatou diversas ocasiões em que chefes de quadrilhas o procuravam para fotografar as “muambas” roubadas ao lado dos ladrões e suas armas. Ele contou com orgulho que era procurado pelos chefes porque, além de ser o único fotógrafo da região, suas fotos eram muito bem tiradas. Nas falas dos idosos, transparece um intenso medo dessas quadrilhas; segundo eles, na época a polícia não entrava aqui na Vila, o mato predominava na região e sentiam-se como vivendo em um território “sem lei”. Segundo os relatos, essas quadrilhas foram lentamente exterminadas através de mortes e prisões. Mais tarde, já nas décadas de 80 e 90, o movimento do narcotráfico tomou conta da região. Hoje, os pontos de venda de drogas são fortes e conhecidos, o acesso de carro é rápido, e as vendas são intensas durante toda a noite. As falas dão a impressão de que esse negócio é organizado, principalmente porque há o domínio desse território por duas “famílias” que

travam verdadeiras batalhas e chacinas na disputa pelo comércio local. Há leis simbólicas instituídas que geralmente são cumpridas; quando não o são, a violência física entra em cena. Como consequência, as famílias são muito temidas e “respeitadas” por todos os que vivem na Vila. O respeito se traduz no silêncio dos moradores em relação a fatos, nomes, endereços, envolvimento. É um silêncio estarrecedor, e, segundo Fonseca: “Não é por rancor pessoal que alguém se recusa a proteger o vizinho. É por medo ou, em outros termos, por respeito à noção de que cada família deve garantir sua própria proteção”(2004, p. 178). É o silêncio que lhes dá a proteção e, ao mesmo tempo, os torna escravos dessa força maior. Em relação à proteção dos moradores do bairro, “a polícia desempenha um papel quase negligenciável. As leis nacionais, essas leis que vêm de pára-quedas ‘de fora’, têm, grosso modo, pouca influência na vida cotidiana. Aqui, o jogo de poder é regido por elementos diretamente ligados ao dia-a-dia do bairro” (FONSECA, 2004, p. 184). A escalada da violência fica clara nas palavras do velho, que diz não passar nenhum dia sem ouvir um tiro e que hoje já não anda livremente por todo o bairro como em épocas passadas. Assim como o silêncio dos moradores, a divisão do território por domínios de poder chama a atenção de todos os que vêm de fora. Há lugares de livre passagem e outros que dependem de consentimentos locais. Tudo é bem definido para quem vive aqui: as ruelas, becos e pontes têm seus “donos”, existem olhos atentos por todos os lados, e, quando menos se espera, a vida pacata da região se transforma. A riqueza dos detalhes, o colorido, as nuances são normalmente obtidas por expectadores especiais: “as mulheres, testemunhas passivas dos massacres” (FONSECA, 2004, p. 182).

## 2.2 AS MUDANÇAS NO CICLO DE VIDA FAMILIAR: AS CASADAS, AS VIÚVAS, AS SOLTEIRAS, AS SEPARADAS E AS RECASADAS

A família representa, atualmente, um substantivo que precisa ser compreendido e utilizado na sua forma plural, devido à grande diversidade existente nas formas de se viver em conjunto e de se compartilhar os acontecimentos da vida cotidiana. Observamos, hoje, um crescimento dos divórcios e dos recasamentos, gerando um aumento do número de homens e mulheres vivendo com seus filhos, com novos companheiros e com os filhos destes. Os avós estão vivendo mais tempo e, com isso, estão podendo conviver por um período mais prolongado com seus netos e bisnetos, e muitas vezes estão contribuindo de

forma significativa para a sobrevivência econômica e emocional das famílias. O número de filhos por família está diminuindo, as mulheres estão passando cada vez mais tempo fora de casa em atividades profissionais, e as uniões de casais homossexuais estão se tornando mais frequentes.

As inúmeras mudanças que estão ocorrendo no campo familiar representam um grande desafio para os estudiosos de diversas áreas. Esse desafio torna-se ainda mais significativo quando os pesquisadores sociais se defrontam com o estudo de formas familiares que se desviam da dominante. Em nossa sociedade ocidental, durante muito tempo, trabalhou-se com uma noção quase ontológica de um modelo conjugal do qual se derivaria todo e qualquer comportamento familiar. Deu-se pouca atenção ao contexto em que viviam os informantes e menos ainda à influência exercida sobre suas vidas pelas estruturas econômicas e políticas.

Nos últimos anos, os cientistas sociais europeus e norte-americanos têm questionado a hegemonia da “família moderna” e têm rejeitado a obviedade de um “sistema ocidental de parentesco”, assim como a idéia de uma grande convergência em que todos os modelos estariam evoluindo na mesma direção. Hoje os cientistas sociais multiplicam as possíveis variantes familiares para darem conta da complexa sociedade em que vivemos (FONSECA, 2004, p. 57).

A diversidade das formas de se viver em conjunto aparece nesta pesquisa logo que se faz a pergunta: com quem a senhora vive? Uma das idosas refere nunca ter vivido junto com nenhum companheiro, considera-se mãe solteira; outra é casada há 49 anos com o pai de seus quatro filhos; três idosas se separaram dos seus companheiros ainda jovens, com filhos pequenos; quatro enviuvaram, e uma delas recasou-se com um novo companheiro após a morte de seu primeiro marido. Atualmente, vivem de maneiras bastante distintas umas das outras, se compararmos as estruturas dos arranjos domiciliares dos quais fazem parte.

Antes de organizarmos uma tabela das unidades residenciais, que servirá como instrumento para analisarmos as mudanças no ciclo de vida familiar, gostaríamos de ressaltar ainda a importância de utilizar *as famílias* no plural, tendo em vista a multiplicidade étnico-cultural subjacente à composição demográfica brasileira. Segundo Marcel Mauss (1967), sendo a família um fenômeno histórico inseparável da sociedade global, não podemos falar da família em geral, mas dos tipos de família, tão numerosos quanto as regiões, as classes sociais e os subgrupos no interior da sociedade global.

A multiplicidade étnica desta pesquisa é constituída por mulheres de origem africana, de origem indígena sul-americana e de origem europeia (portuguesa, espanhola, italiana e alemã). Elas refletem a miscigenação do povo brasileiro através das diversas gerações: numa mesma família encontramos avós brancas cuidando de netos negros, brancos e mestiços e avós negras ajudando noras brancas, negras e mestiças nos trabalhos domésticos.

O quadro a seguir facilitará a visualização da diversidade de arranjos domiciliares das famílias desta pesquisa. Utilizaremos como designações: “família conjugal” (unidade constituída por casal e filhos); “família recomposta” (casais em segundas núpcias, de um ou outro cônjuge); “unidade mãe-filhos” (unidade residencial composta por uma mulher sozinha e seus filhos) (FONSECA, 2004, p.63). E acrescentamos às designações acima, utilizadas por Fonseca (2004), dois novos termos: “unidade-mãe-filhos-netos” (unidade residencial composta por uma mulher sozinha, seus filhos e netos) e “unidade unipessoal” (unidade residencial composta por mulher sozinha).

Quadro 1: Diversidade de arranjos domiciliares das famílias

<b>Nomes das idosas:</b>	<b>Fase da vida: adulta jovem Situação conjugal:</b>	<b>Fase da vida: adulta Situação conjugal:</b>	<b>Fase da vida: velhice Situação conjugal:</b>
Dona A	Família conjugal	Viuvez Família recomposta	Família recomposta
Dona B	Família conjugal	Viuvez Unidade mãe-filhos	Unidade unipessoal
Dona C	Família conjugal	Viuvez Unidade mãe-filhos	Unidade mãe-filhos-netos
Dona D	Família conjugal	Separação Unidade mãe-filhos	Unidade unipessoal
Dona E	Família conjugal	Viuvez Unidade mãe-filhos	Unidade mãe-filhos
Dona F	Família conjugal	Separação/Família recomposta/Separação/ Família recomposta/ Separação/ Unidade mãe-filhos	Unidade mãe-filhos-netos
Dona G	Família conjugal	Família conjugal	Família conjugal
Dona H	Solteira	Unidade mãe-filhos	Unidade mãe-filhos-netos
Dona I	Família conjugal	Separação Unidade mãe-filhos	Unidade mãe-filhos-netos

Fonte: Dados obtidos pela pesquisadora.

Os dados contidos no quadro nos mostram que oito das nove mulheres entrevistadas casaram-se na sua juventude e viveram por diversos anos como uma família



conjugal. Dentre todas as mulheres, apenas uma delas, Dona G, passou toda a sua vida adulta e velhice constituindo uma família conjugal. Ela representa aquilo que poderíamos chamar de definição clássica de família, sistematizada na época vitoriana e muito reforçada nos tempos do alto modernismo em meados do século XX, em que a família conjugal clássica era composta por pais e filhos, sem uma prole muito numerosa nem extensões para incluir outros parentes (SCOTT, 2001).

Quando questionada sobre o seu papel dentro da sua família, Dona G diz:

- “Eu acho que eu sou um eixo, eu sou um eixo, a gente tem que tá sempre cuidando, sempre dando conselho, sempre vendo o que é bom ou o que é ruim, mas graças a Deus eu não tenho queixa com eles, porque eu criei quatro filhos aqui... Eu acho que o pai e a mãe é o eixo da família né, assim que eu sinto...”.

Ser um eixo significa ter um papel importante no funcionamento da família, ser um personagem imprescindível para o bom andamento da vida familiar. Segundo Carter e McGoldrick (2001), as mulheres sempre tiveram um papel central no funcionamento das famílias, e as suas identidades eram determinadas por suas funções como mãe e como esposa. A maturidade de Dona G foi sendo construída a partir de valores como a família de origem, o ideal de casamento e a constituição de sua própria família, consagrada através do nascimento dos filhos. A ênfase no casamento reflete uma das possibilidades para as mulheres daquela época, nascidas entre 1926 e 1940, já que eram fundamentalmente consideradas como mães e esposas, ou, melhor dizendo, como cuidadoras dos maridos, dos filhos e dos outros (BASSIT, 2002).

O processo de subordinação de muitas das mulheres dessa época aparece quando Dona G nos conta sobre as mudanças da sua vida de solteira para a vida de casada:

- “Quando eu era solteira, eu gostava de me divertir. Naquele tempo era bem diferente do que é agora... Ah, eu gostava de ir a baile, ir à festa, se eu não achava com quem ir, ia sozinha... a gente casada não, casada era compromisso, o compromisso era dobrado. Eu gostei de aproveitar, depois de casado era a vida de casado...”.

O casamento representou para essa idosa um tolhimento de sua liberdade individual em relação às suas escolhas de lazer e diversão e também em relação ao seu trabalho:

- “Lá fora eu trabalhava, quando eu era solteira, eu trabalhava em casa de família, mas aqui não eu ficava em casa, tinha que cuidar dos filhos e cuidar da casa... na época eu via o meu marido ir trabalhar, sair de manhã cedo e voltar de noite, mas ele não gostava. Então, para não dar briga...” (Dona G).

Dona G trabalhou durante a infância e adolescência na roça, durante o início da vida adulta jovem trabalhou como faxineira em casa de família e durante alguns anos desempenhou diversas funções em um hotel na praia de Torres (faxina, cozinha, lavação, organização, cuidado de crianças, etc.). Fala das realizações que teve nesse trabalho e da sensação de valorização que sentia na época. Apesar de o casamento ter representado uma ruptura significativa em vários aspectos da sua vida, ela fala da sua vivência de casada sem rancor, utilizando um tom crítico que nos faz refletir sobre o papel feminino tradicional e as mudanças atuais.

Dona F nos fala sobre a visão que existia na sua época do papel feminino tradicional e as mudanças que ocorreram posteriormente:

- “Eu era tão burra, tão lacaia, decerto eu até ficava, de ela não se importar. Mas é que não sabia que quem me criou dizia assim: – ‘Negrinha, olha negrinha, quando tu casar, tu achar um marido, tu tiver um marido, o marido é só pra dar tudo dentro de casa e tu cuida da casa e das crianças, negrinha, tu não precisa se preocupar com nada’. Em vez de eles me explicarem direito, né, mas a questão é que elas não sabiam o que o mundo ia virar. Porque depois eu tive umas amigas que me explicaram as coisas, mas aí eu já tava casada...”.

As palavras de Dona F nos remetem a uma visão de família que, entre os pobres urbanos, é estruturada como um grupo hierárquico, seguindo um padrão de autoridade patriarcal, cujo princípio básico é a precedência do homem sobre a mulher, dos pais sobre os filhos e dos mais velhos sobre os mais novos. Nesse contexto, a casa é identificada com a mulher, assim como a família, com o homem. A casa e a família, como a mulher e o homem, formam um par complementar, e a maior autoridade é conferida ao “chefe da

família” em relação à “chefe da casa”. Esta relação se dá não somente devido à precedência do homem sobre a mulher, mas também da família sobre a casa (SARTI, 1995).

A visão daqueles que a criaram estava fortemente influenciada pela idéia de que cabiam à mulher os cuidados da casa e dos filhos, enquanto o homem seria o responsável pelo trabalho externo e o sustento da família. Durante nossa conversa, Dona F queixou-se:

- “Eu reclamo que ninguém me disse: vai trabalhar, mulher, pois tu é sadia, mesmo quando eu tinha as minhas menina que veio uma atrás da outra, as guria que eram cinco, né, ninguém me disse”.

A sua queixa tem relação com as dificuldades que ela enfrentou posteriormente na sua vida. Ao separar-se do segundo marido, ela teve que trabalhar pela primeira vez, com o objetivo de sustentar a sua casa, e na época não possuía nenhuma experiência prévia. Fala com muito orgulho do seu trabalho, lavando e passando roupas para as patroas, fazendo faxinas, preparando docinhos de leite e costurando acolchoados para vender nas redondezas. Ela compara a visão pobre de mundo que tinha com a visão de suas netas de 10, 12 anos que hoje freqüentam o colégio e têm acesso às informações e, por isso, considera-as mais “espertas” do que ela era já quando adulta.

Sair para trabalhar significou, para Dona F, um desafio e, ao mesmo tempo, uma mudança de papel dentro da sua família: ela passou de dependente a provedora de seu lar. Sabemos, hoje, que o trabalho e a possibilidade de carreira, para as mulheres, foram fatores que, juntamente com o movimento feminista, a pílula anticoncepcional, que deu poder às mulheres para decidirem se querem ou não ter filhos, e os novos padrões culturais que produziram mudanças de comportamento, responsáveis pelos avanços, sucessos, sofrimentos, perdas e aquisições das mulheres (MEDEIROS, 2004)

Ao observarmos, novamente, o quadro, veremos que a família vem se transformando. Embora para muitos ainda haja “um modelo simbólico”, podemos dizer que não há um “modelo” único de família (MEDEIROS, 2004). Dissemos, anteriormente, que oito das nove mulheres constituíram no início das suas vidas uma família conjugal; dessas, três se separaram dos maridos ainda com filhos pequenos e passaram a constituir unidades mãe-filhos. Dona D é um exemplo dessa situação: ela se separou do esposo e pai dos seus sete filhos ainda bastante jovem. A sua separação teve como motivos principais o alcoolismo do marido e as atitudes agressivas dele em relação à família:

- “[...] era muito agressivo. Só que eu tinha uma coisa, sabe? Eu não... não tinha medo dele. Muitas mulheres, quando acham que podem apanhar e já saia pra rua. Eu sempre ficava na minha. Porque ele tinha uma época que ele até botava uma faca atrás da... na parede, de noite... mas isso era coisa da cabeça dele... pra ele me assustar, pra mim ficar com medo dele...”.

Dona D nos fala sobre a sua luta para sustentar a casa após a separação:

- “[...] eu lavava roupa de fora assim, mas em casa, ainda no tempo quando eu não tinha água na rua, carregava água ali da bica pra lavar roupa, eu lavava roupa porque não podia sair, porque não podia deixar as crianças sozinhas, então eu lavava roupa em casa... depois, quando já ficaram maiorzinhos, que já podiam ficar assim, aí eu comecei a trabalhar de faxineira, assim, por dia, porque aí eu ganhava mais, sempre trabalhei, até os 50 anos...”.

Entre as quatro mulheres que enviuvaram, uma se recasou e três passaram a constituir unidades mãe-filhos. Dona B nos fala sobre a época em que perdeu seu esposo devido à tuberculose pulmonar e passou a se responsabilizar sozinha pelos seus três filhos pequenos:

- “[...] porque a senhora vê, eu tirei 25 anos na rua, profissão de cozinheira. Quando eu perdi o marido, eu fiquei com eles tudo pequenininho, eu ficava com medo. A senhora sabe que trabalha de cozinheira, trabalha que presta e que não presta. E graças a Deus, logo em seguida eu peguei uma profissão, eu era chefe...”.

Os relatos de Dona D e de Dona B caracterizam, respectivamente, as situações de separação e de viuvez enfrentadas por sete das mulheres entrevistadas. Ao voltarmos nesse momento nossos olhos para o quadro, veremos que esses acontecimentos geraram a formação de seis unidades mãe-filhos, sendo que a sétima unidade mãe-filhos foi precedida por uma situação de gravidez de mãe solteira e retorno posterior da mulher e de seu filho para a casa materna. Esses dados nos remetem aos estudos dos arranjos domiciliares no Brasil. Os estudos demonstram que:

[...] os dois arranjos que mais crescem são justamente aqueles que podem ser caracterizados como compostos por famílias sem casais; são as casas chefiadas por mulheres e as unidades unipessoais que, no final desse milênio,

somam aproximadamente um terço do total dos grupos domésticos (SCOTT, 2001, p. 101).

Essas mulheres que passaram a viver com seus filhos sem a presença do marido, constituindo unidades mãe-filhos, ou seja, as famílias sem casais, assumiram o papel de provedoras de seus lares. Algumas delas relatam ter assumido este papel ainda antes da morte ou da separação do esposo, devido a situações de doença física, mental ou problemas sociais graves enfrentados pelos seus companheiros na época:

- “[...] meu marido era vivo e era eu que manobrava tudo [...] manobrar é assim, a senhora tá com o dinheiro, vai ali, compra aquilo, aquele outro, controla o dinheiro... Hoje eu recebi o pagamento e tu vai lá, faz o rancho e isso aquilo. É assim manobrar. Agora eles diz controlar, mas no nosso tempo era manobrar..” (Dona B).
- “[...] ele bebia, foi bebendo, depois que ele puxou cadeia, aí se atirou. Tão pouco trabalhava, ele era pintor também, trabalhou de pintor... E aí ele foi decaindo, então eu é que tinha que trabalhar para viver...” (Dona C).

Segundo Scott (2001), existe uma diversidade de condições que fazem com que a mulher se torne chefe de uma família. Aqui, observamos que muitas das mulheres entrevistadas assumiram a chefia de suas casas após a morte de seus cônjuges ou a separação destes, mas algumas assumiram este papel ainda na presença dos companheiros. Esse fato tem estreita ligação com a pauperização da população e a exclusão da mulher do mercado de trabalho, que faz com que maridos que conseguem cumprir o papel de provedor na casa sejam difíceis de encontrar. Maridos doentes, marginalizados, desempregados têm maior probabilidade de entrar em depressão, de ter surtos de comportamento violento, de se envolver em esquemas duvidosos ou ilícitos para ganhar dinheiro rápido, de ficar em casa fazendo demandas sobre o trabalho feminino.

Em relação ao trabalho que essas mulheres desenvolveram para sustentar suas casas, aparecem como atividades principais: faxineira (cinco mulheres), cozinheira (duas mulheres), atendente hospitalar (uma mulher) e dona de casa (uma mulher). Além das atividades principais, a maioria delas também desenvolveu atividades secundárias, com o objetivo de incrementar a renda doméstica. Essas atividades foram: lavar e passar roupas, costurar e remendar roupas, pintar e bordar panos, toalhas, lençóis, cuidar de crianças.

Apesar de oito dentre as nove entrevistadas terem saído de casa para trabalhar e sustentar suas famílias, elas continuaram a desempenhar, dentro de casa, as funções de dona de casa:

- “[...] eu aqui a gente faz a comida, a limpeza da casa, lava a roupa. É o serviço da gente, o meu serviço, né” (Dona A).

A esse respeito cabe uma breve reflexão:

No âmbito da economia, a mulher vem ocupando um espaço significativo, com firme ascensão no mercado de trabalho, mas ainda continua empreendendo dupla jornada, com menor remuneração, fato que se refletirá no futuro, quando terá uma renda per capita menor (FREITAS, 2004, p. 27).

Essas mulheres, que passaram boa parte de sua vida adulta trabalhando em casa e fora de casa, sustentando seus lares, cuidando de seus filhos, envelheceram, e a maioria delas sem a presença de um companheiro. Esse fato tem estreita ligação com o processo de feminização da velhice: as mulheres, em média, vivem mais do que os homens. Segundo o Censo Demográfico de 2000, 55% do contingente populacional brasileiro maior de 60 anos era composto por mulheres (CAMARANO, 2003). Nosso país está conseguindo, atualmente, reduzir a fecundidade, com a concomitante e contínua redução da mortalidade, o que o situa no terceiro estágio de transição demográfica. Além de o Brasil estar passando por um aumento significativo no seu número de idosos, a própria população de idosos também está envelhecendo (FREITAS, 2004). Portanto, “quanto mais idosa é a população, maior é o seu ritmo de crescimento, e quanto maior for o contingente de idosos, maior será a proporção de mulheres” (CAMARANO, 2003, p. 37). Dois exemplos desse processo de envelhecimento da população de idosos são Dona F e Dona I, que têm, respectivamente, 90 e 93 anos. Ambas se separaram dos seus companheiros e passaram a constituir unidades mãe-filhos e chefiar suas famílias ainda na idade adulta. Na velhice, Dona F continuou compartilhando sua casa, sua renda, seu trabalho e afeto com dois filhos, que voltaram para a casa da mãe devido a separações e problemas com vícios, e com netos. Dona I vive, atualmente, situação semelhante: ela divide as tarefas domésticas, as contas e a organização da casa com sua filha, também idosa, Dona H, e com seu neto. Relato de Dona H sobre a divisão de tarefas da casa com sua mãe:

- “[...] assim ó, os lixos é ela que tira da cozinha, que tira do banheiro, amarra o saquinho, bota outro limpinho ali. A roupa eu recolho do arame, boto em cima da cama, ela descobre, ela dobra pra depois eu passar. Depois eu só boto na

sacola pra mim passar. Tudo isso ela faz, ela ajuda bastante... agora limpeza de casa e de cozinha é comigo, isso é só eu que faço, ela não faz. Agora ali na cozinha eu não consegui tirar ela ainda...”.

Em relação às trajetórias de vida dessas senhoras, podemos chamar a atenção para dois aspectos importantes: as mudanças ocorridas com relação à posição das mulheres idosas na família deram-se pelo aumento na proporção de mulheres chefes de família e pela redução na proporção de mulheres vivendo na casa de filhos e/ou na casa de outros parentes. Além disso, “os esperados ‘ninhos vazios’ que caracterizam os arranjos familiares da população idosa estão se enchendo ou não se esvaziando pelos filhos e netos” (CAMARANO, 2003, p. 47).

Essas mudanças que estão ocorrendo em relação ao papel da mulher na família e em relação à própria estrutura familiar estão bem representadas no fato de que, durante a vida adulta, sete das nove mulheres constituíram unidades mãe-filhos, e, na velhice, uma delas continuou vivendo dessa forma; outras quatro idosas passaram a constituir unidades mãe-filhos-netos, e duas delas passaram a constituir unidades unipessoais. Elas envelheceram e continuaram a desempenhar um papel central no funcionamento de suas famílias e no sustento de suas casas:

- “[...] olha, a gente não sai fora... a gente vive dentro da aposentadoria. A gente não sai fora assim. As coisas a gente procura cuidar mais as partes de alimentação, que não falta. Agora, assim, móveis aqui quando eu quero comprar eu espero quase sempre o fim de ano, aí vem o décimo, eu que tiro. O que a gente consegue. Porque a gente não tem pra quem pedir, não adianta, a gente tem que viver dentro daquele salário, né...” (Dona H).

Dona H, 60 anos, vive na casa de sua mãe Dona I, de 93 anos, juntamente com seu único filho. As duas dividem o sustento da casa com suas aposentadorias. A filha foi atendente hospitalar durante 30 anos e se aposentou por tempo de serviço, e sua mãe foi faxineira e cozinheira durante mais de 40 anos e, com a “ajuda da patroa”, aposentou-se por tempo de serviço.

A realidade dessas duas idosas representa a realidade de três das idosas entrevistadas que se aposentaram por tempo de serviço. Quanto às demais, três recebem a

aposentadoria pela idade, duas recebem benefício devido a problemas de saúde e uma delas não possui renda. Dona F nos fala sobre sua aposentadoria:

- “[...] é da minha vida porque eu nunca assinei carteira nem nada, não assinei de boba, mas eu sabia, eu sabia que a minha idade já tava avançada. Eu ouvia de vez em quando as pessoas falarem, e, quando eu me aposentei, foi com 70 anos, foi que as minhas patroa que eu arranjei aqui em Porto Alegre eram pessoas que sabiam dos direitos, das coisas, eram professora...”.

Segundo Camarano:

O que se espera é que o envelhecimento traga um declínio no *status* econômico das pessoas idosas, especialmente das mulheres, tornando-as mais dependentes do suporte familiar e/ou do estado. No entanto, no caso brasileiro, há indicações de que o envelhecimento traz algumas compensações (2003, p. 51).

O que parece claro, hoje, é que a melhoria das condições de vida experimentadas pelas mulheres está bastante associada à universalização da Seguridade Social. Os benefícios, sejam eles por tempo de serviço, por idade ou doença, têm sido fundamentais na redução do grau de pobreza entre as famílias que têm idosos. O sistema previdenciário, em geral, somado a outras formas de poupança da população, tem sido capaz de resolver de forma satisfatória a pobreza entre os idosos, em comparação com a capacidade da política social brasileira de resolver a questão da pobreza em outros grupos. Esse resultado tem elevado o *status* social da idosa beneficiária, fazendo com que esta passe da condição de assistido para a de assistente, devido à importância que sua renda vem adquirindo na família. Cabe ressaltar, ainda, que as mulheres idosas recebem benefícios em condições menos privilegiadas do que os homens: aposentadorias por idade *versus* por tempo de serviço e benefícios assistenciais. O valor de tais benefícios é mais baixo, o que reflete a maior precariedade da condição feminina no mercado de trabalho (CAMARANO, 2003). Esse fato fica bem evidenciado quando analisamos o número de salários que essas mulheres recebem: seis delas recebem 1 salário mínimo, duas recebem 2 salários mínimos e uma delas recebe 3 salários mínimos.

Além de contribuírem efetivamente para a renda das famílias, as idosas também participam dos cuidados dispensados aos demais membros do núcleo familiar (CAMARANO, 2003). Dona G é cuidadora de seu marido, que atualmente está em uma



situação de total dependência, devido ao quadro de AVC (acidente vascular cerebral). Ela nos fala sobre o seu dia-a-dia com o esposo:

- “[...] olha, eu levanto de manhã, eu faço café, eu vou buscar pão, tomo meu cafezinho. Aí eu já dou uma ligeirinha na casa. Até que tá na hora de levantar ele, dar banho nele, pra tira ele da cama, eu tiro bem cedo. Dali eu já saio com as roupa dele, as que dá pra botá na máquina eu boto, as que não dá eu já lavo, os lençol que são urinado tem que lavar na mão...”.

As pesquisas sobre cuidadores familiares indicam que a maior parte deles são idosos com mais de 60 anos: cônjuges, filhas, noras, mães, irmãs que cuidam de seus doentes, muitas vezes vítimas de AVC (MEDEIROS, 2004).

Fornecer ajuda, proteção e cuidado é um aspecto central das relações familiares ao longo de todo o curso de vida. Os costumes, os valores, a educação e a situação econômica interagem com a idade e o gênero das pessoas que cuidam e das que são cuidadas, e respondem pela desejabilidade e aceitabilidade do papel e dos desempenhos associados ao cuidar, ajudar e proteger (PERRACINI; NÉRI, 2002, p. 135).

Em geral, a demanda de cuidados recai sobre um único membro da família, o cuidador primário, que neste caso é representado por Dona G, que tem que se dividir entre as responsabilidades profissionais, sociais e familiares. Outros membros da família podem ajudar, mas isso raramente ocorre de maneira contínua (PERRACINI; NÉRI, 2002).

- “[...] eu tenho uma vocação, não é que a gente diga gostar de cuidar dos outros, mas eu tenho uma paciência, eu dou tudo de mim, aquilo eu faço, não por dizer assim que a gente vê os filhos sofrendo, mas eu tinha paciência, eu tinha carinho. Eu mesma dizia assim pra mim, como é que ele, já um homem, né, tem que limpar, trocar fralda. Aí eu conversava, dava banho, lavava ele, beijava ele...” (Dona C).

Dona C foi a cuidadora primária de dois filhos com quadros de HIV avançados. Um de seus filhos, um jovem de 27 anos de idade, pudemos acompanhar, junto com toda a equipe assistencial, durante quase um ano. Dona C assumiu inteiramente os cuidados do seu filho acamado: troca de fraldas, banhos no leito, limpeza de feridas, lavagem de roupas e lençóis, comida preparada e administrada na cama. Além disso, responsabilizou-se por

lhe dar um ambiente de conforto e afeto nos momentos mais difíceis e terminais de sua existência.

Segundo Perracini e Néri: “A obrigação moral de cuidar, sentimentos de solidariedade e amor e a motivação para retribuir experiências gratificantes de cuidado são presenças muito fortes na situação de cuidado” (2002, p. 136). A essas somam-se os laços de parentesco, as questões de gênero, a proximidade física e afetiva e as características de personalidade daquele que é cuidado e do seu cuidador. Podemos observar, a partir dos dois exemplos citados, que o cuidado de membros dependentes da família é determinado pelas trocas intergeracionais e um assunto com fortes características de gênero. Em geral, são as mulheres as mais dependentes de cuidado e as tradicionais “cuidadoras” (CAMARANO, 2003).

Existe uma expectativa social de que a mulher assuma o cuidado, porque, assim como os cuidados com a casa, essa atividade é vista como naturalmente feminina, embora represente um papel socialmente construído. Atribuir às mulheres o papel e as tarefas de cuidar significa, por um lado, um ônus, mas, por outro, pode ser fonte de senso de competência para enfrentar os desafios dos ciclos da vida familiar. As mulheres que desempenham esse tipo de função podem desenvolver um senso de competência pessoal devido aos resultados do seu trabalho e do seu envolvimento e devido à descoberta de que são mais sensíveis às necessidades dos outros (PERRACINI; NÉRI, 2002).

Muitas das mulheres idosas entrevistadas nesta pesquisa, assim como Dona G e Dona C, foram e ainda são importantes cuidadoras de membros enfermos de suas famílias. Elas aprenderam e continuam aprendendo muito com a tarefa de cuidar, mas torna-se importante também ressaltarmos, aqui, o lado difícil desse ato de cuidar, isto é, o ônus inerente à prestação desses cuidados. Existem condições e tarefas problemáticas que perturbam, ameaçam o equilíbrio emocional, esgotam os esforços, cansam e ocupam quase todo o tempo dos cuidadores. Esses elementos são descritos como ônus, pesos ou pressões, como estressores, na medida em que eles mobilizam os recursos emocionais do cuidador. Há uma vasta gama de eventos que compõem o rol de estressores: distúrbios financeiros, competição de papéis, conflitos familiares, redução da relação com amigos e vizinhos, sentimentos de embaraço, sobrecarga, ressentimentos e exclusão (PERRACINI; NÉRI, 2002).

Nas visitas que realizamos às casas de Dona C e Dona G, para auxiliar nos cuidados aos doentes acamados, pudemos observar sobrecargas das mais diversas, como, por exemplo, a dificuldade que Dona G tem de sair de casa e deixar seu esposo sozinho, pois o único filho que ainda está em casa não divide com ela essa tarefa de cuidar do pai. Ela expressa tristeza ao falar da impossibilidade de fazer visitas aos outros filhos ou mesmo de fazer passeios com o Grupo de Terceira Idade. Dona C fala do sentimento de culpa que carrega por não ter conseguido dar alimentos sólidos ao seu filho, que na época estava com sonda para a alimentação, nos seus últimos dias de vida.

Apesar das sobrecargas, elas falam com carinho e orgulho dos cuidados prestados:

- “[...] ah! eu gostei de cuidar dele, agora tá ruim porque eu tô doente, mas mesmo assim eu ainda gosto de cuidar dele. De dar banho, de trazê ele limpo...” (Dona G).

Isso nos faz refletir sobre a impossibilidade de qualificarmos ou quantificarmos, de modo universal e genérico, o peso relativo dessas contingências sobre a vida das cuidadoras, porque o significado que elas têm para cada uma depende de fatores subjetivos (PERRACINI; NÉRI, 2002).

Ser cuidadora de pessoas enfermas, ser mãe e avó, ser trabalhadora, ser chefe da família e provedora do seu lar são papéis desempenhados pela maioria das idosas entrevistadas e que caracterizam as mudanças que estão ocorrendo em relação ao papel tradicional da mulher na nossa sociedade. As mudanças no papel feminino representam um dos principais fatores que levaram às mudanças no ciclo de vida familiar. Outros fatores relevantes, que também contribuíram para esse fato, são o aumento da expectativa de vida, a queda dos índices de natalidade e o número cada vez maior dos divórcios e recasamentos (CARTER; McGOLDRICK, 2001).

O aumento da longevidade ocorreu, principalmente, devido aos avanços tecnológicos nos setores determinantes da qualidade de vida (saneamento e medicina). Ele proporciona uma ampliação da convivência entre as diversas gerações e uma redefinição das relações sociais em diversos níveis, desde a própria organização da previdência e das relações até as categorias de referência que deveriam ser usadas para os idosos pensarem sobre si mesmos (SCOTT, 2001).

Viver mais tempo significa conviver mais tempo com filhos, netos, bisnetos e até mesmo tataranetos, como é o caso de Dona B, que tem atualmente três filhos, 18 netos, quatro bisnetos e quatro tataranetos. Segundo Britto da Motta (2005), o envelhecimento, o aumento da longevidade, assim como a violência atual, têm gerado um aumento do número de mulheres viúvas. Essas mulheres estão assumindo novos papéis familiares e posturas sociais, mas, ainda assim, raramente são objeto de registro direto nos estudos gerais sobre a mulher, ou sobre a família, aparecendo aí como circunscritas ao papel de avós.

A viuvez representa, atualmente, o estado conjugal predominante entre as mulheres idosas. Em 2000, 41% das idosas encontravam-se nessa categoria, enquanto 39% estavam casadas (CAMARANO, 2003). Nesta pesquisa, dentre as quatro mulheres que enviuvaram, três tornaram-se viúvas ainda jovens, com filhos pequenos, e apenas uma delas se tornou viúva já na velhice. Dentre as quatro viúvas, apenas uma delas se recasou e passou a sustentar seu lar junto com o seu companheiro; as demais passaram a sustentar sozinhas suas casas e famílias. A recusa em se casar novamente surge como decorrência provável da subordinação de gênero, agravada pela situação de pobreza dessas mulheres. Ter casado muito cedo, não poder estudar, não ter permissão para trabalhar, ter tido pouco lazer, passeios, festas, pouco tempo para cuidar de si mesmas são fatores determinantes para que muitas mulheres optem em ficar sozinhas após a viuvez. Em sociedades onde a mulher tem sido subordinada a partir das regulações primeiras da sua capacidade reprodutiva, é muitas vezes na viuvez e na velhice que conseguem alcançar uma posição mais livre e mais pública, por vezes até equivalente à dos homens (BRITTO DA MOTTA, 2005). Para muitas idosas, a viuvez significa autonomia e liberdade nunca antes vivenciadas (DEBERT, 1999).

A queda de fecundidade também causa um redimensionamento da vida familiar. Ter poucos filhos implica que os pais passam menos tempo na paternagem de filhos dependentes e têm mais tempo para viver e avaliar a sua relação conjugal. Além disso, muitos dos países que comandaram e ainda comandam a distribuição de recursos e informações na campanha de controle de fecundidade vivem o drama nacional de, devido à baixa fecundidade, não dispor de uma próxima geração para sustentar os futuros idosos. Em países como o Brasil, a queda de fecundidade, chegando a 2,5 filhos por mulher, efetivou uma modificação muito sensível na composição da população do país e nos arranjos domésticos, mesmo sem ter chegado ao problema de “reposição” da população (SCOTT, 2001). Os dados obtidos na Vila Fátima demonstram que a média de filhos das

mulheres idosas entrevistadas foi de 5,2. Cinco mulheres tiveram de um a quatro filhos, enquanto quatro delas tiveram de seis a 12 filhos. No primeiro grupo, onde as mulheres possuem de um a quatro filhos e representam 55,5% das entrevistadas, a média de filhos por mulher foi de 2,8, o que se aproxima da média brasileira acima citada. Isso representa uma diminuição dos índices de fecundidade dessa população. No segundo grupo, onde as mulheres têm de seis a 12 filhos, a média de filhos por mulher foi de 8,2, uma média bastante elevada, tendo em vista a situação atual de nosso país. O alto índice de natalidade desse subgrupo parece ter forte associação com a situação de pobreza, escassez de recursos médicos preventivos e fatores socioculturais.

Um outro ponto a ser lembrado em relação às mudanças que estão ocorrendo no ciclo de vida familiar é o aumento dos divórcios e dos recasamentos:

- “[...] agora, parece um pesadelo, um sonho ruim, que às vezes eu nem sei como é que eu passei por tudo isso, por isso que eu digo: ‘A gente tem que ter fé’. Eu sempre tive muita fé, de conseguir de poder, né, meu marido bebia muito, não trabalhava, brigava dentro de casa, quebrava as coisas, até que eu consegui me ver livre dele, porque ele não queria sair, ele dizia que a casa era toda dele... nós até paramos na décima quinta pra fazer a separação, porque eu não queria mais, não dava mais, meus filhos estavam crescendo e vendo tudo isso...”  
(Dona D).

Dona D fala da sua decisão de se separar do marido mesmo contra a vontade dele e da luta pessoal que travou para alcançar seu objetivo: a saída dele de casa. Mesmo após a separação e a saída do seu marido de casa, ela lhe concedeu uma pequena “peça” nos fundos da casa para que ele pudesse ter um tempo para reorganizar sua vida. Segundo Dona D, ele vendeu essa peça sem a sua permissão e desapareceu da vida da família.

Dona F nos conta sobre a sua vinda para Porto Alegre, com a filha caçula, quando se separou do seu segundo marido, deixando as três filhas mais velhas, por algum tempo, com o pai e a família paterna, devido às dificuldades que enfrentaria aqui na cidade grande:

- “[...] deixei o senhor U lá com as meninas, eu trouxe só a Aninha. A Aninha tinha 3 meses quando eu larguei o seu U. Eu cheguei nele, ele era nego muito putanheiro, muito sem-vergonha, desse respeito, outros respeito tinha nada, nada... quando eu vim pra cá, lá em Santo Ângelo eu já tinha largado, mandado

o seu U que eu disse: Olha, seu U, de hoje em diante não quero mais nada contigo, vai te virar com o teu putedo...”.

Após alguns meses vivendo aqui em Porto Alegre, Dona F começou a flertar com seu terceiro companheiro:

- “[...] este véio, ele não era viúvo, não era nada, era um véio solto. Mas era bem empregado, ele era pedreiro, esse que faz rua no chão, baqueteiro, sei lá como é. E aí eu sei que o véio andava me espiando. E eu, mais sem-vergonha, ficava parada na janela e ele vendendo com essas cestas antigas, vendendo lingüiça. Aí disse assim: ‘Quer comprar lingüiça?’ Não quero lingüiça, véio sem-vergonha! Foi uma mão pra ele, quando eu vi, o velho tava na janela...”.

O aumento do número de divórcios e de recasamentos surge como mais um dos fatores que modificam as vivências das famílias e que refletem a complexidade e a densidade das relações sociais na atualidade. Essas relações possibilitam alianças de casamento sujeitas à efemeridade e à possibilidade de reconstrução de identidades que caracterizam nosso mundo contemporâneo. Segundo Scott: “Num mundo de alta mobilidade e relativa permeabilidade de fronteiras de todos os tipos, desfazer uma aliança específica não é desvalorizar a idéia de aliança” (2001, p. 99).

É nesse mundo de relações efêmeras que os indivíduos estão buscando cada vez mais sua individualização. A problemática da individualização, segundo Singly (2001), é central quando se deseja explicar as transformações da família. Nossa vida privada, assim como nossa família, é construída ao preço desta forte exigência de individualização. Essa exigência não se refere somente aos homens, que foram os primeiros a se “individualizar”, mas também às mulheres, e ainda às crianças, atingindo atualmente todos os membros da família. Representa um forte elemento da comunidade doméstica, onde cada um tem um objetivo comparável ao dos seus próximos: realizar-se a si mesmo. Mas este elemento não é isento de ambigüidade, pois os próximos exercem um duplo papel: ao mesmo tempo em que nos ajudam a nos construir, a nos revelar, a nos apoiar, eles nos encerram em papéis, expectativas e laços de dependência (SINGLY, 2001).

Dona D e Dona B constituem, hoje, unidades unipessoais, isto é, vivem sozinhas em suas casas. Existe uma peculiaridade na situação de vida dessas duas senhoras: ambas habitam casas que estão localizadas no mesmo pátio onde vivem filhos e netos. As duas

recebem visitas diárias dos familiares, mas fazem questão de ter o seu espaço, a sua privacidade e a sua liberdade de escolha em relação aos seus afazeres diários:

- “[...] agora eu tenho a minha casa, eu faço ainda todo o serviço sozinha, eu limpo a minha casa, eu faço a minha comida... A única coisa que eles fazem por mim é as compra, que eu não posso fazer compra, que eu não posso carregar peso por causa da minha osteoporose, então não dá pra mim sair fazer compra. Eu vou ali no armazém e não acho as coisas que eu quero, eu passo e não acho, então agora eu levo um dos meninos junto, e eles vêm lá o que é que eu quero quando eu vou no armazém, e assim é no supermercado... As minhas filhas compram os tecidos pra mim, as fitinhas, tudo, e eu faço em casa, mas assim em casa eu faço, eu faço toda a minha vida...” (Dona D).

A exigência de individualização não deve ser compreendida apenas como uma demanda de “separação”. O indivíduo individualizado quer, simultaneamente, ser um “indivíduo com” e um “indivíduo só”; isto é, existem laços que podem ser estreitados ou afrouxados segundo as necessidades próprias. Esse clima de exigências contraditórias faz com que os indivíduos e as famílias vivam sob uma tensão permanente, não havendo, atualmente, nenhuma tendência à estabilização das formas de vida familiar (SINGLY, 2001):

- “[...] ninguém me incomoda. Só às vezes as crianças vêm aqui pedi um café, agora há pouco ela veio aqui pedir um pó de café, se eu tenho, eu dou... Mas eu tenho um sistema, eu gosto de ficar quietinha, não gosto de estar incomodando...” (Dona B).

A efemeridade das relações, a tensão permanente e a tendência à desestabilização não afastaram da família a possibilidade de ser um lugar que permite a construção da identidade pessoal. Dentro dessa perspectiva, podemos observar que existem diferenças entre famílias de classes diversas. Conforme Singly (2001), os membros das classes médias e superiores têm “alternativas de identidade social” que entram em concorrência com “os papéis e os *status* ligados à situação matrimonial”, e a família conta mais para aqueles que não têm meios de acesso a outras esferas interessantes devido ao baixo nível de recursos.

Podemos observar que as mudanças no ciclo de vida familiar são vivenciadas de forma diversificada pelas famílias de diferentes classes sociais. Reportando-nos ao

contexto de nossas idosas entrevistadas, observamos que a realidade em que vivem milhões de famílias brasileiras de classe popular hoje se assemelha muito às características levantadas por Hines (2001) em seus estudos sobre famílias negras pobres norte-americanas: a falta de dinheiro para satisfazer as necessidades básicas, as opções insuficientes de lazer, o desemprego, a desnutrição, os nascimentos pré-conjugais, a instabilidade e violência familiar, o abuso de substâncias, o alto índice de mortalidade infantil, a morte precoce, as dívidas, as habitações inadequadas são uma constante na vida dessas pessoas.

Nossas famílias de classe popular apresentam, em geral, um ciclo de vida mais truncado que o das famílias de classe média, e as transições não estão claramente delineadas. Os indivíduos possuem, muitas vezes, um tempo inadequado para resolver as tarefas que cada estágio da vida lhes impõe. Com isso, freqüentemente precisam assumir novos papéis e responsabilidades, mesmo antes de serem capazes de fazê-lo. Dois exemplos clássicos dessa situação, presentes nesta pesquisa, são: a gravidez não-planejada e a perda precoce de um dos cônjuges (HINES, 2001).

A convivência com um ambiente persistentemente empobrecido e hostil faz com que nossas famílias de classe popular enfrentem uma série de crises ao longo do seu ciclo de vida. As capacidades individuais de adaptação e de superação de problemas de etapas anteriores da vida são fatores decisivos para o enfrentamento dessas crises. A vasta experiência de vida das mulheres idosas dessas famílias pode servir, em algumas situações, como esteio e, em outras, como um entrave para o crescimento e o amadurecimento das gerações mais jovens. A interpretação de cada idosa sobre suas vivências passadas e o grau de satisfação com sua vida atual são fatores determinantes para uma convivência intergeracional de respeito e cumplicidade, caracterizada pelas trocas de apoio e afeto.

### 2.3 A REDE SOCIAL DE APOIO E AS TROCAS INTERGERACIONAIS

As histórias de vida de cada um de nós apresentam diferenças, sobretudo na oportunidade que tivemos de acesso a diferentes grupos sociais, a experiências vivenciais e a culturas distintas. Nossas trajetórias são permeadas, constantemente, pelo contato com outras pessoas, e as relações sociais que vamos desenvolvendo ao longo de nosso caminho



nos auxiliam a enfrentar os desafios e as exigências que a vida nos impõe (ANTONUCCI 2001).

Dona C:

- “A gente tinha mais facilidade, aqui eu deixava os filho sozinho em casa e saía pra trabalhar. Eu tinha fogão de lenha, eu levantava cedo e deixava a comida meio adiantada, fazia café e deixava sempre, um cuidava do outro. Aqueles que não tinham aula ou as menina eu pedia pros vizinho, alguém orientar, deixava o telefone causo precisasse me chamar, e tinha uma boa convivência, uns ajudavam os outros. Aquelas senhoras que não trabalhavam, a gente pedia pra dar uma olhada e aí deixava...”.

Os vizinhos aparecem em, praticamente, todos os relatos dessas senhoras, como peças fundamentais de suas redes de apoio na comunidade. Eles auxiliam no cuidado das crianças pequenas, no transporte de pessoas doentes para o posto de saúde ou para os hospitais. Também funcionam como sentinelas e informantes para as mães que trabalham fora e para as equipes de saúde da região, e como apoio emocional nos momentos de crise pessoal e familiar. São muitas as atribuições dadas aos vizinhos, o que cria uma relação de interconhecimento e de confiança. A proximidade e a interdependência funcional dos moradores da Vila geram uma sensação de segurança, que muitas vezes também os leva a situações de conflito (FONSECA, 2004).

Dona I, com seus 90 anos de experiência de vida, nos fala sobre a necessidade de deixar alguns limites bem definidos, para poder viver de forma harmoniosa com a vizinhança:

- “Na Vila, sabendo morar, não é. Todo lugar, sabendo morar, sabendo se dar o valor, o respeito, tu mora bem. Não é verdade? A gente é que se faz. Agora tô aqui nessa casa. Se eu não me dou o respeito, ninguém me respeita. Eu moro aqui, sozinha. Ninguém abusa comigo... não vou na casa de ninguém, não conheço ninguém... Essa vizinha mora ali na frente há anos e eu nunca entrei na casa dela... nem pra conhecer eu entrei... porque o vizinho tá na casa dele e eu tô na minha. O vizinho come a comida dele, eu como na minha... Se quer trazer leite, quando eu tenho, eu dou... umas ajudas...”.

Assim como os vizinhos, as creches da região aparecem como importantes componentes da rede social dessas mulheres na época em que possuíam filhos pequenos e, atualmente, como parte da rede social de suas filhas e noras, fornecendo o cuidado aos seus netos. Além do cuidado das crianças, as creches também forneciam auxílios, como pequenos utensílios ou “ranchos” com comida para as famílias. Diz Dona C:

- “Por intermédio da creche ela me conseguiu umas madeiras, e eu fiz uma pecinha aqui no fim para mim morar...”.

Dona B:

- “Eles me davam café, eu não tenho vergonha de dizer, eu não comia o pão, eu só tomava o café, o pão eu trazia pra eles...”.

As relações sociais são fundamentais para o enfrentamento das exigências da vida e possuem um papel crucial no desenvolvimento de um envelhecimento saudável e bem-sucedido (ANTONUCCI, 2001).

As mulheres desta pesquisa falam da importância de possuírem hoje um posto de saúde perto de casa, onde são conhecidas pelos profissionais ali presentes e ao qual têm um acesso facilitado em relação à população em geral. O posto de saúde e o Grupo de Terceira Idade do qual fazem parte representam, atualmente, partes significativas de suas redes sociais. Diz Dona G:

- “Olha, para mim esse grupo, quando chega segunda-feira, eu já tô pronta para ir. Tô um pé que é um leque, porque é o único lugar que eu vou é ali. Então pra mim já é um passeio. Eu me dou com todo mundo... às vezes eu não saio de casa. Só na segunda-feira que eu vou ali, vou no médico, aí eu saio, se não é só em casa...”.

Diz Dona H:

- “Aquele contato às vezes que a gente tem... a amizade... às vezes, ó tinha gente aqui que passava por lá e nem cumprimentava, antigamente quando não tinha grupo. Cansei de ver a Dona V. na janela e não olhava nem pra ela, nem ela pra mim. Passava por elas e nem se cumprimentava. E agora não, é ‘Oi tudo bom?’ Quando passa, uma chama a outra, é uma amizade entre a gente na Vila...”.

### Segundo Peixoto:

As pessoas que se encontram em lugares públicos, que se vêem cotidianamente, que se cumprimentam, enfim, tecem relações sociais, constroem um sistema de seleção nas relações de amizade, de amor e mesmo de parentesco, fundado em critérios de pertencimento, onde os gostos, os hábitos e a frequência cotidiana expressam sua identidade social. No que concerne aos aposentados, a finalidade comum de preencher o vazio da inatividade leva-os a se agruparem em torno de seus pares e, assim, a construírem um elo a partir de sua identificação etária (2000, p. 17).

O Grupo da Terceira Idade é um espaço onde seus integrantes têm a possibilidade de fortalecer relações de amizade, conhecer novas pessoas, construir diferentes vínculos afetivos e de apoio e realizar trocas de experiências de vida. O espaço do grupo, assim como as praças, as ruas, os jardins, constituem espaços gratuitos, o que permite às pessoas serem assíduas, reforçando o seu sentimento de pertencimento a um grupo social (PEIXOTO, 2000).

Quando falamos nos vizinhos, nas creches da região, no posto de saúde, no Grupo da Terceira Idade, estamos nos referindo à rede social dessas mulheres, isto é, às características objetivas que descrevem com que pessoas mantêm relações interpessoais. Conforme Antonucci (2001), o conteúdo e a qualidade dessas relações sociais devem ser descritos em termos de suporte social. Ele pode ser dividido em três tipos: suporte instrumental (auxílio financeiro, auxílio para locomoção, auxílio para atividades diárias), suporte afetivo (amor, carinho, afeto), suporte afirmativo (um acordo ou uma concordância em relação a valores e pontos de vista). Enquanto os vizinhos, as creches e o posto de saúde representam pontos importantes de suporte instrumental e muitas vezes afetivo, o Grupo da Terceira Idade aparece como um suporte afirmativo e afetivo.

As pessoas diferenciam suas relações sociais hierarquicamente, desde as muito próximas até as mais distantes. Todas as relações possuem uma importância relativa para o indivíduo, sendo as mais próximas aquelas que mais influenciam o bem-estar pessoal (ANTONUCCI, 2001). Quando perguntamos às idosas desta pesquisa com quem elas podem contar quando precisam de ajuda, elas responderam:

FILHOS	NETOS	EX-PATROA
7	1	1

Wenger (1997), em seu estudo sobre a rede social de pessoas idosas em diversos países europeus, demonstrou que existem características fundamentais das relações sociais que transcendem as mais diversas nacionalidades. Ele observou que a maior parte do suporte social fornecido às pessoas idosas provém de membros familiares muito próximos. E as características desses membros variam de acordo com o grupo social no qual estão inseridos e suas respectivas culturas.

Ao compararmos os Estados Unidos e o Japão em relação ao suporte social oferecido aos idosos pelas suas famílias, podemos observar essa diversidade cultural. Enquanto no país norte-americano as filhas representam a principal fonte de suporte social e de cuidados para membros idosos da família, no Japão esse suporte normalmente é fornecido pelas noras, que, de acordo com os arranjos tradicionais desse país, vivem junto com seus esposos na casa de seus sogros (ANTONUCCI, 2001).

Em relação às idosas entrevistadas, oito das nove mulheres recebem suporte social de um parente próximo, filho ou neto, e apenas uma delas o recebe de uma pessoa sem vínculo de parentesco. Os potenciais provedores de suporte social ao longo da vida, geralmente, são: os companheiros, os filhos, os irmãos, a família extensa e os amigos. Tanto os homens como as mulheres se sentem mais satisfeitos e confortados ao receberem suporte instrumental e emocional de seus respectivos companheiros (CANTOR; BRENNAN; SAINZ, 1994). “Com o passar dos anos, a probabilidade de estar casado diminui consideravelmente, em especial para as mulheres. Com a perda do companheiro, o provedor referencial de suporte passa a ser os filhos” (ANTONUCCI, 2001, p. 439).

- “[...] esse lá da frente tem a chave da minha casa, já queria até botar uma campainha ali, pra mim chamar ele, mas eu disse: ‘Não tem necessidade! A mãe tá bem’. Então eles estão sempre cuidando de mim, eu não tô assim... eu moro sozinha aqui, mas não tô sozinha, tem sempre alguém por perto” (Dona D).
- “[...] esses dias eu fiquei doente da urina, se lembra, né, bexiga... Eu chamei minha guria, né. Eu disse: ‘Vem pra cá Rosa que eu preciso de ti...’” (Dona E).
- “Tem o marido da minha neta que mora lá na frente, que tem condições, o Sr. P, ele me ajuda. Outra vez que me deu, foi ele que me levou. Agora quando me deu esse derrame que eu fui pra PUC, foi ele quem me levou” (Dona B).

Em relação ao suporte fornecido pelos filhos aos seus pais, é importante lembrarmos que ele irá beneficiar os idosos até um certo ponto; quando esse suporte gerar um efeito oposto, aumentando a dependência e diminuindo o bem-estar dos velhos, ele será mais prejudicial do que a sua falta (SILVERSTEIN; CHEN; HELLER, 1996). Dona H nos conta sobre o seu dia-a-dia com sua mãe de 93 anos de idade, sobre a importância que tem para ela a possibilidade de manter algumas atividades dentro de casa, como o fato de cozinhar para a filha e o neto:

- “E a cozinha ela não largou, ela não largou ainda, ela quer sempre cozinhar. Aí um dia assim, a gente também tem que respeitar o lado dela. Um dia eu, ‘ta mãe, tu não quer mais fazer comida, deixa que eu faço, tá, deixa que eu faço a cozinha’, aí ela ficou descascando a cebola, descascando batata, descasca isso... aí ela fez, mas aí ela ficou assim: ‘Ah! Eu fiz a comida pra todo mundo, ah! O dia que eu não puder fazer mais nada tu me interna então num asilo!’ Então eu, que eu tenho que fazer, tenho que deixar ela lidar nas panelas que ela quer lidar, só que eu fico ali observando, por isso que de manhã eu nunca saio, por causa disso, eu fico ali observando ela. Porque eu não posso tirar ela total, porque senão ela se sente infeliz, parece que é a mais infeliz do mundo. Porque cozinhou a vida toda, né...”.

O sentimento de estar ativo, de poder ajudar a família, de manter funções que tragam prazer e satisfação pessoal é fator determinante para o bem-estar dos idosos. Poder manter-se ativo mesmo em idades muito avançadas tem uma ligação direta com a rede de apoio que o indivíduo possui. “Sabemos hoje que o número total de relações sociais diminui com o passar da idade, porém o número de relações sociais próximas e o suporte emocional se mantêm relativamente estáveis ao longo do ciclo de vida” (ANTONUCCI, 2001, p. 432). Dona F de 90 anos, fala com saudade dos amigos da juventude que já faleceram e dos amigos atuais que vêm visitá-la:

- “[...] Aqui em Porto Alegre eu e o meu filho fizemos muitos amigos... Ah! pra falar a verdade, os meus amigos morreram todos... os primeiros amigos que quando nós chegamos aqui, assim como eles foram, eu podia ter ido também... Agora os mais importantes são esses meus pequenininhos que vêm aqui. A alegria é uma pequenininha assim, faleceu a mãe dela, faleceu a irmã em pouco tempo. E eu gosto muito da Dona L. ela também gosta de mim, tem

bastante filhos... gosto muito que a Negrinha chega, que a Negrinha chega só pra me entreter... E tem a outra que eu conheci faz pouco tempo, é a Dona B... Elas vêm, elas almoçam comigo, elas tomam café e depois vão pra casa...”.

Dona F, durante toda a sua vida, guardou embaixo da pia de sua cozinha uma parte do seu “rancho” mensal para dividir com outras pessoas mais necessitadas da Vila. Ela sempre recebeu em sua casa pessoas que não tinham nenhum vínculo de parentesco com ela e as chamava de “amigas”. Segundo relatos de diversos moradores antigos dessa localidade, “ela ajudava os outros como se fossem velhos amigos seus”. Atualmente, mantém essa função em sua casa, acolhendo mulheres carentes que almoçam com ela e com as quais conversa sobre a vida, sobre as experiências passadas, criando um ambiente afetuoso de trocas.

O *Berliner Aging Study*<sup>1</sup> indica que a rede social dos indivíduos idosos se mantém consideravelmente estável mesmo em idades bem avançadas (BALTES; MAYER, 1999). Esse estudo pode ser replicado em outros países com sucesso, assim como o foi em países europeus (ANTONUCCI, 2001).

A questão mais complexa e controversa em relação aos estudos das relações sociais talvez sejam as diferenças de gênero. Homens e mulheres mantêm relações sociais com pessoas semelhantes, mas a natureza desses relacionamentos é distinta. Acreditamos que as mulheres se beneficiem mais de seus relacionamentos porque, de modo geral, eles são mais íntimos, de maior qualidade e mais intensos. Isso parece ser verdade, apesar de estudos recentes terem questionado os benefícios dessas diferenças. A intimidade característica dos relacionamentos femininos transfere às mulheres uma maior e mais profunda participação nos problemas e preocupações associados à sua rede de convivência (ANTONUCCI; AKYAMA; LANSFORD, 1998). Dona H compara a sua vivência pessoal com a percepção que possui da vivência masculina:

- “[...] assim a gente tem muita carga em cima da gente, né. Que tudo, né, desde a casa, fogão é sempre que cai na mulher. O que deu errado, o que deu... sempre a mulher é responsável praticamente de tudo, né... sempre acham que

---

<sup>1</sup> BERLINER AGING STUDY (BASE) ou *Berliner Altersstudie*, um estudo multidisciplinar com pessoas entre 70-100 anos que se realizou em Berlim, entre 1990-1993, com 516 pessoas, levantando informações básicas sobre a saúde corporal e psíquica, capacidades intelectuais, bem como a situação psicossocial e econômica. C/o Max Planck Institute for Human Development, Lentzeallee 94, 14195 Berlin, Germany. Disponível em: <<http://www.base-berlin.mpg.de>>. Acesso em: 25 de março de 2007.

pra casal, sempre acham que é a mulher que foi, que errou, que não cuidou direito, cai tudo em cima da mulher... Mas em relação de vida deles, eu acho a deles ainda... é diferente da gente, porque é mais rua, é mais liberdade, é nada pega, né. Pra gente tudo pega, tudo é feio, tudo isso, tudo é defeito, tudo é a gente que é culpada. Eles não, eles sempre, eles estão sempre livre das culpas, das coisas assim eu acho... Eu acho que a vida deles é mais fácil nesta parte, porque é mais rua, menos casa, menos preocupação...”.

Em se tratando da intensidade dos relacionamentos, homens e mulheres expressam preocupação com problemas e crises ligados a seus relacionamentos íntimos, mas as mulheres são mais propensas a se sentirem responsáveis por tentar resolver os problemas de outros membros de suas redes sociais, enquanto os homens gostariam que isso acontecesse, mas, em geral, não sentem essa mesma responsabilidade (ANTONUCCI; AKYAMA; LANSFORD, 1998). Diz Dona D:

- “[...] eu sempre tive muito ao lado deles, eles sempre dependiam muito de mim, sabe, logo que casaram... agora já estão mais assim, né, mas logo quando tinha uma coisa assim pra resolver, uma coisa pra comprar ou fazer a casa, ou fazer uma coisa assim, eles vinham perguntar a opinião pra mim, o que eu achava que era melhor, eles confiam muito no meu dom...”.

As pessoas podem perceber o suporte social que recebem e transmitem como recíproco ou não recíproco. Quando envelhecemos, frequentemente necessitamos de mais suporte, tanto instrumental como emocional, para lidar com as mudanças em nossas vidas. Muitas vezes as pessoas idosas percebem suas relações sociais como não-recíprocas, isto é, estão recebendo mais suporte do que poderiam fornecer naquele momento. Essa situação comumente ocorre entre mulheres idosas e suas filhas de meia idade (ANTONUCCI, 2001). Diz Dona F, de 90 anos:

- “Eu só sirvo pra tá sentada, tem dias que eu faço almoço abaixo de não sei se é dor ou é desânimo, não sei o que é... quando eu tô boa, quando eu tô com coragem, eu faço. Eu faço o almoço, ontem foi o dia que eu fiz o almoço. A N. chegou e correu os olhinho lá, eu disse: ‘Não, filha, já ta pronto’... mas hoje até agora eu não fiz nada ainda. É 10:30 min eu não fiz nada ainda...”.

A sensação de estar recebendo mais do que se pode fornecer gera um sentimento de débito para com a família. Algumas pessoas lidam com essa situação utilizando o que chamamos de *support bank*, uma reserva de suporte que o idoso proveu a outras pessoas ao longo de sua trajetória de vida e que, mais tarde, ele pode vir a utilizar quando lhe for necessário (ANTONUCCI, 2001).

Há algumas semanas realizamos uma visita à casa de Dona B, que está passando por um período de piora de seu estado geral de saúde, como consequência da perda de funcionamento renal e necessidade de realizar hemodiálise três vezes na semana. No momento ela necessita de ajuda de seus familiares para desempenhar as atividades da vida diária, como preparar a comida, locomover-se para o hospital, comprar os remédios, etc. Durante a visita, expressamos para ela nossa alegria em poder contar com a presença de sua neta lhe auxiliando enquanto seus filhos trabalham e lhe dissemos que era uma pessoa de muita sorte. Ela nos respondeu que não era sorte, que há alguns anos tinha tirado sua neta da rua, dado um quarto, dado roupas e comida, e que agora ela deveria retribuir, auxiliando-a nos cuidados. Num primeiro momento, ficamos desconcertados com o tom da resposta dela, que nos pareceu um pouco rude, mas depois compreendemos que se tratava de uma reserva que ela construiu, com muito esforço, ao longo de sua vida, e que neste momento estava utilizando como suporte.

Através do exemplo de Dona B, podemos compreender como idosos conseguem lidar com situações de crise e necessidade de intenso suporte sem se sentir em desvantagem ou débito com seus familiares, podendo receber um tipo de suporte e equilibrando a relação através do fornecimento de outro tipo de suporte, tornando-a recíproca (ANTONUCCI, 2001):

- “Eu tenho seis filha que graças a Deus eu passei trabalho, mas elas são muito atenciosa comigo... se eu tenho problema, eu vou lá, se elas têm, elas vêm aqui, com filho, pra orientar...” (Dona C).

Essas trocas entre as gerações podem ser representadas como um via de mão dupla, onde, em certo momento, uns são ajudados e, em outros, eles são os fornecedores de auxílio e cuidado. Enquanto os filhos representam o principal ponto de apoio para as idosas quando estas necessitam de ajuda, eles também são beneficiados de diversas maneiras através dessa relação. Um desses benefícios é a co-residência e a transferência de bens e



recursos. Uma das finalidades de viver juntos é buscar o bem-estar coletivo, constituindo um espaço de “conflito cooperativo”, onde diferenças de gênero e intergeracionais se cruzam constantemente (CAMARANO; KANSO; LEITÃO E MELLO; PASINATO, 2004).

Segundo Camarano, “o que observamos hoje é que os esperados “ninhos vazios” estão se enchendo ou não se esvaziando pelos filhos e netos” (2003, p. 47). Ao voltarmos nossa atenção, nesse momento, para o quadro 1, do capítulo anterior, veremos que, das nove entrevistadas, uma delas vive como unidade mãe-filhos, situação gerada pela separação da filha e pelo retorno da mesma para a casa de sua mãe, devido a fatores emocionais e econômicos. Outras quatro entrevistadas vivem na forma de unidades mãe-filhos-netos, como consequência de situações de retorno dos filhos para a casa da mãe, devido a doenças como: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) – dois casos, dependência química (álcool e drogas ilícitas) – dois casos, mãe solteira – um caso. Essas situações são permeadas por necessidades e dificuldades enfrentadas pelos filhos nos âmbitos afetivo, financeiro e de cuidados.

As implicações da AIDS são enormes tanto nos arranjos familiares quanto na vida das pessoas. Do ponto de vista dos idosos, o impacto também é muito grande; quando os filhos adultos morrem, os pais perdem o suporte que poderiam ter na velhice, e as suas condições materiais também são afetadas. Na maioria das vezes, são os pais idosos quem arcam com as despesas da doença do filho, do funeral, e assumem a responsabilidade pelo cuidado dos netos (CAMARANO; KANSO; LEITÃO E MELLO; PASINATO, 2004).

Em países onde a prevalência do HIV/AIDS é elevada, os idosos têm desempenhado um papel muito importante tanto no cuidado dos filhos doentes quanto no dos órfãos. Enquanto os órfãos da AIDS recebem uma grande atenção da sociedade, das políticas públicas, o mesmo não acontece com os pais dos aidéticos (CAMARANO; KANSO; LEITÃO E MELLO; PASINATO, 2004, p. 141-142).

Uma outra situação freqüente, nos dias atuais, é o aumento da duração do período em que os filhos são economicamente dependentes de seus pais, devido à instabilidade no mercado de trabalho, ao maior tempo despendido nos estudos e à maior instabilidade das relações afetivas (CAMARANO; KANSO; LEITÃO E MELLO; PASINATO, 2004). Dona G vive, hoje, com seu marido, totalmente dependente, e com seu filho mais jovem, que não saiu da casa dos pais por questões financeiras.

A transferência de apoio intergeracional no contexto latino-americano parece estar assumindo a forma, cada vez mais nítida, de uma via de trocas entre as gerações, em que as conseqüências negativas dos períodos cíclicos de crise econômica, a concentração de renda, o aumento do desemprego e a expansão da pobreza, têm levado um número cada vez maior de filhos a se tornarem dependentes dos recursos de seus pais idosos (SAAD, 2004).

Portanto, a despeito da permanência de uma situação de dependência do idoso em relação à família, gerando intensos fluxos de apoio ascendentes (de filhos adultos para pais idosos), não deve ser descartada a prevalência de um fluxo igualmente importante no sentido descendente, ou seja, de pais idosos para filhos adultos (SAAD, 2004, p. 170).

O contexto de vida das idosas da Vila Fátima nos revela uma situação interessante em relação à co-residência: são netos que procuram a casa dos avós como um refúgio, talvez um porto seguro, em momentos de crise intensa. Esses momentos normalmente estão associados a brigas na família, separações dos pais, violência doméstica e, muitas vezes, a envolvimento com a rede do narcotráfico local e o crime organizado. Nesta pesquisa, tivemos três situações em que mulheres idosas acolheram seus netos por períodos algumas vezes curtos, de alguns meses, e outras vezes longos. Diz Dona C:

- “Ele tava vendendo e se esqueceu lá, não sei o motivo, não pagou. Aí um dia eles atacaram ele, deram muito nele, tiraram toda a documentação. Esse rapaz tá preso, então ele ficou visado, e eles ameaçaram matar ele... Então, ele tem uma boa casa lá, mas não pode morar, e a senhora dele trabalha numa clínica. Eu dei, agora eles dividiram, eu dei um quarto pra eles...”.

Vimos que seis das nove idosas entrevistadas co-residem com filhos ou com filhas e netos. Dentre as outras três, duas vivem sozinhas em suas casas, e uma vive com seu novo companheiro. Apesar de viverem sozinhas, todas referiram ter pelo menos um filho que reside no mesmo pátio ou na vizinhança do mesmo bairro. Diz Dona D:

- “Aqui mora um filho mais novo. Ali nos fundos mora a minha neta, e do lado a neta dela. E o meu filho mora ali no outro lado, e os outros moram lá pra cima. A mais velha mora ali na Bom Jesus, perto do colégio, e a outra mora na Vila Jardim. E só um, o mais velho, que é mais longe, ele mora lá no Guajuviras,

Canoas. Então lá é mais longe, mas os outros tudo estão pertinho, sempre estão aqui em casa”.

Viver em locais muito próximos é uma característica das famílias entrevistadas. Muitas das mulheres foram, ao longo dos anos, dividindo com seus filhos, depois seus netos e bisnetos, os espaços dos pátios de suas casas. Novos pequenos cômodos foram sendo construídos, e as passagens entre as moradias se tornaram cada vez mais tênues. Muitas vezes, nas visitas de campo, temos a impressão de que há uma casa central com diversas ramificações secundárias. Paira no ar, muitas vezes, um sentimento de coesão e de proteção mútua, gerado por essa proximidade física e afetiva. Outras vezes, percebe-se uma tendência à divisão e à fragmentação. Esse é um movimento contínuo e, ao mesmo tempo, irregular, causado pela busca de um equilíbrio entre os entes familiares.

A proximidade física típica dos moradores de periferias urbanas, assim como o próprio processo de envelhecimento populacional como um todo, aumentam as chances de contato dos jovens com os idosos, desde o seu nascimento até sua entrada na vida adulta (UHLENBERG, 2000). Em relação ao processo de envelhecimento, cabe ressaltar que os idosos não estão apenas vivendo mais tempo, mas também vivendo em melhores condições de saúde e podendo se manter independentes por períodos mais prolongados, realizando os seus cuidados pessoais e os afazeres da vida diária. Esse fato tem relação estreita com o maior acesso à saúde (atendimentos, exames diagnósticos, tratamentos, medidas preventivas), com os apoios que recebem por parte da sociedade em geral e os estímulos pedagógicos (LÜSCHER; LIEGLE, 2003).

Para os velhos, viver muitos anos e estar em boa condição de saúde cria a possibilidade de trocas intensas e prolongadas com as gerações mais jovens, os filhos, os netos, os bisnetos e até mesmo os tataranetos, além dos contatos extrafamiliares. O contrato intergeracional entre os membros da família é mantido, de acordo com uma interpretação convencional, por um conjunto de fatores: laços de afeto, sentimentos de reciprocidade em relação à vida, poderosos incentivos econômicos ou sanções negativas e amplos valores culturais. Os sentimentos de afeto e a obrigação ou a promessa de benefícios econômicos são fatores que asseguram o contrato familiar informal entre as gerações, mas as outras variáveis também contribuem (GOLDANI, 2004).

Cuidar de netos e bisnetos é uma constante na vida das mulheres entrevistadas:

- “Dos meus netos, eu criei dois netos. Um deles é a minha neta mais velha, ela vai fazer 17 anos no dia 31 de outubro. Quando eles se mudaram para a casa deles, ela tinha 13 anos...” (Dona G).
- “Agora tem a bisneta aí que corre pra lá, que corre pra cá. Eu chamo ela de meio quilo. Meio quilo! Meio quilo! Meio quilo, pára de fazer barulho, a avó quer cochilar...” (Dona F).
- “Tenho são 12 filhos, depois dos filhos veio os netos e depois os bisnetos. Agora a família se compõe de 40 netos e 40 bisnetos... Isso quem fez a lista foi a neta mais velha que eu ajudei a mãe dela, ela era menina quando ganhou a primeira filha. Então eu ajudei a criar, e geralmente continuo ajudando... Aí eu continuo ajudando, agora, as netas porque veio as filhas...” (Dona C).

Notamos, hoje, que muitos velhos estão assumindo a responsabilidade de criar e educar seus netos e bisnetos. Dentre os motivos apontados pelas mulheres idosas desta pesquisa e que vão ao encontro dos dados nacionais, temos: o fato de ambos os pais necessitarem trabalhar fora de casa; as separações dos filhos; o adoecimento ou a morte precoce de um dos pais, devido à violência, dependência química ou doenças infecto-contagiosas; a gravidez na adolescência, entre outros (AZEVEDO DOS SANTOS, 2003).

Ao buscarmos dados europeus sobre os cuidados de avós em relação aos netos, verificamos que na Alemanha os avós são os principais cuidadores de crianças em idade pré-escolar, depois das mães (TIETZE; ROSSBACH, 1991). Na Áustria, o microcenso realizado em 1990 demonstrou que um quarto das mulheres que possuem filhos com menos de 15 anos de idade recebe ajuda diária ou semanal de um dos avós (LÜSCHER; LIEGLE, 2003). Dados ainda mais significativos em relação aos cuidados fornecidos pelos avós são encontrados na Itália. Vinte e cinco por cento das famílias referem que os avós cuidam dos netos diariamente, 43% referem que o cuidado ocorre de uma a quatro vezes na semana e 32% referem um cuidado menos freqüente (ROMANO; CAPADOZZI, 2002).

Os dados obtidos sobre os cuidados de avós em relação aos seus netos geralmente provêm de fontes que têm como objetivo principal a análise da situação das gerações mais novas. Urge que façamos uma mudança nesse enfoque de interpretação, buscando analisar a situação sob a ótica do potencial de vivências e de aprendizagens, num contexto multigeracional (LÜSCHER; LIEGLE, 2003).

Enquanto os avós estão cuidando de seus netos, porque seus filhos têm que trabalhar ou estão passando por uma situação de crise familiar, surge a possibilidade de fortalecimento do vínculo com a geração mais nova. Esse vínculo oportuniza o diálogo e as trocas entre as duas gerações. “Na relação com os filhos, os avós têm oportunidade de receber não apenas apoio e cuidado, quando necessários, mas também de ter ouvidos atentos às suas angústias e dúvidas sobre o seu próprio processo de envelhecimento” (LÜSCHER; LIEGLE, 2003, p. 181).

Nesse contexto de trocas, observamos que o comportamento dos membros da família brasileira, em termos dos valores normativos e dos sentimentos de afeto e reciprocidade, corresponde ao esperado pelo contrato implícito entre as gerações. O cuidar e o ser cuidado, nas famílias brasileiras, seguem o equilíbrio entre afetos e reciprocidades em uma estrutura normativa. São as mulheres, mais do que os homens, e os parentes, mais do que os não-parentes, os preferidos no processo de intercâmbio intergeracional e na provisão de cuidados (DEBERT, 1999).

Cuidar dos netos e ajudar financeiramente filhos e netos são fatores apontados com frequência pelas idosas ao falarem sobre suas vivências como avós. Dona E fala das dificuldades econômicas de seu filho e da ajuda que dá à sua família:

- “Ele é muito pobre, tem seis filhos. Ela tá grávida de novo. Ai meu Deus, eu disse, ai que tanto filho, meu Deus! E se eles pudessem, mas ele trabalha arrumando televisão, mas ele arruma pra lá e pra cá, que ele não tem onde fazer... Trabalha com um, trabalha com outro. Então é aquilo. E eu até ajudo. Sábado passado eu levei todos eles. Fui lá de carro, peguei os seis, levei numa sapataria, uma casa de sapato. Comprei seis tênis, cada um o seu. Levei eles tudo pra comprar certo, né. Esse aqui da frente que me levou, o V.A.. Eu tenho um carrinho, né... Eu dou comida, eu dou roupa. Roupa usada da igreja, outros dias eu compro, né. E é eu que visto eles... Eu não boto nada fora. Tudo o que sobra eu torro, boto num saco e guardo pra levar pra eles, porque eles ficam bem loucos”.

Segundo Saad (2004), os estudos atuais demonstram que boa parte dos pais idosos recebe apoio dos filhos que estão em melhores condições financeiras, ao mesmo tempo em que fornecem apoio àqueles em condições mais adversas. Dessa forma, o fluxo de apoio

descendente, de pais para filhos, também tende a ser concentrado, ou talvez seletivo, no sentido de favorecer os filhos mais necessitados.

Para Dona E, assim como para outras mulheres idosas, a sensação de poder controlar suas vidas mesmo na velhice, quando os filhos já estão adultos e criados, leva-as a se sentirem capazes de expandir esse controle para toda a família. “A disposição em acudir, em oferecer, em presentear atesta sua importância na vida das gerações seguintes, sobretudo num momento em que a idade as aproxima da idéia de morte” (LINS DE BARROS, 1987, p. 132). Diz Dona C:

- “Então desses R\$ 350,00 eu pago R\$ 200,00 de armazém. Agora eu tô com uns filho morando aqui. E esses 100 pila eu deixo para comprar assim uma coisinha a crediário. Agora eu tô numa fase difícil porque eu dei crediário pra uma filha, pra duas filhas, e elas atrasaram, então eu tô sem o meu crediário. Tô pagando, mas não tenho, mas mesmo assim eu consegui uma loja que a conta é própria. Então, pra este em um, dois meses eu tiro uma calça, eu tiro um tênis com um vale compras, eu tiro, pago em três vezes. E ele trabalha na Zero Hora aos fins de semana para manter a passagem pro colégio”.

Ao longo da década de 1990, a renda das famílias brasileiras com filhos pequenos foi se deteriorando em relação à renda das famílias de idosos. Observamos que, ao mesmo tempo, a responsabilidade dos idosos pela provisão econômica de filhos adultos e netos aumentou significativamente (GOLDANI, 2004).

Em boa parte dos arranjos familiares atuais, experiências e valores, bem como suporte financeiro e emocional, estão sendo compartilhados entre várias gerações, destacando-se aí as relações entre avós e netos (CAMARANO; KANSO; LEITÃO E MELLO; PASINATO, 2004, p. 149).

As trocas de carinho, o diálogo aberto com os netos e a disponibilidade de estar presente e ser uma referência, um porto seguro para eles, são características que estão presentes com grande intensidade nos discursos das avós entrevistadas. Nos momentos de convivência com os netos, elas têm a chance de compartilhar com eles um pouco da sua experiência de vida. Nesse sentido, as avós não devem ser vistas apenas como contadoras de histórias antigas, isto é, como figuras que representam a continuidade da vida. Elas têm a possibilidade de mostrar para seus netos que existem outras pessoas e formas de viver distintas de seus pais (LÜSCHER; LIEGLE, 2003).

Dona D fala com olhar alegre e satisfeito sobre os jogos de carta da família na sua casa, nos finais de semana:

- “[...] fim de semana eles sempre estão, sexta de noite, já vêm, sábado de noite, eles vêm, a gente joga carta ali junto... todos juntos. Às vezes mais de meia-noite e eu ainda tô ali junto, tô na biriba jogando... mas é bom, sabe? Porque aí distrai a cabeça. É, eu gosto de jogar por causa disso, eu me sinto bem melhor quando eles vêm, às vezes eu estou deprimida, eles chegam tudo aqui, arrumando minhas pilhas, chegam lá na rua e já grita: ‘Biriba!’... aí arreda aquela mesa ali pro meio, e todo mundo senta ali e faz chimarrão, e vai jogando biriba”.

Os jogos de “biriba” iniciaram quando os filhos de Dona D ainda eram adolescentes e tornaram-se um hábito da família ao longo dos anos. Ela ensinou seus filhos a jogar cartas, porque aprendera com seus pais e irmãos. Atualmente, os filhos, netos e bisnetos se reúnem na casa dela para jogar cartas semanalmente. Ao observarmos esse momento de interação familiar, veremos que a “biriba” representa um bem simbólico que está sendo transmitido para as gerações mais jovens. E o processo de socialização gerado por esse momento vai introduzindo as crianças e os adolescentes na vida social e no mundo adulto. Para os idosos, transferir alguma coisa de si para os seus netos, imprimindo-lhes sua marca, “abre espaço para que um pouco de si próprios sobreviva neles, assim como eles mesmos carregam consigo as marcas de seus avós” (LINS DE BARROS, 1987, p. 89).

A construção de laços afetivos ao longo da vida, aqui representada pela reunião familiar em torno da mesa de jogos, é um requisito tão importante para os idosos na última fase de suas vidas como o são as contribuições para a seguridade social. Esses laços familiares podem ser considerados um tipo de “seguro” na velhice e podem significar diferenciais na qualidade de vida dos idosos (CAMARANO; KANSO; LEITÃO E MELLO; PASINATO, 2004).

- “Me sinto bem porque eu acho assim, se os filhos confiam, né, na gente, na mãe, é porque a mãe dá confiança pra eles, né, dá segurança... É uma troca, sim. Porque assim como eles precisaram de mim, eu, um dia, vou talvez precisar deles, a gente nunca sabe o dia de amanhã, mas eu tenho certeza que eu posso contar com meus filhos” (Dona D).

Segundo Azevedo dos Santos (2003), o convívio dos velhos com os jovens é salutar quando permeado por um diálogo verdadeiro que possibilita uma aprendizagem mútua. Existe a possibilidade de os jovens e velhos conversarem de igual para igual, em um ritmo próprio, sem preocupação com o tempo, as desigualdades educacionais e sociais. Diz Dona C:

- “[...] Esse meu neto que eu criei e tá com 18 ano, ele disse pra mim: ‘Vó, vou te falar uma coisa’... Eu disse: Fala o que é, bom ou ruim, tu pode me falar. Vou conversar contigo, mesmo que tu esteja errado, tu não vai deixar de ser meu neto, e eu vou te ajudar, só que tu tem que te ajudar... Ele disse: ‘Tô fumando, vó!’ Eu disse: Tá fumando e daí? Tá com 18 ano, eu não posso mais dizer que tu não faça, nem vai adiantar. Só que tu vai ter que sustentar teu vício. Começa a fumar e tem outros vícios que advêm do cigarro. Então eu peço que tu volte aqui na vó, a vó te quer muito bem, tu não faça, e, se tu fizer, pede auxílio que a vó vai te ajudar”.

No diálogo entre as duas gerações, os avós normalmente não são vistos pelos netos como figuras de autoridade ou representantes de uma tradição de conhecimentos e de valores de outra época, mas como companheiros de diálogo nos quais se pode confiar. As experiências de vida e as colocações feitas por ambos possibilitam trocas de conhecimentos e a construção, em conjunto, de expectativas em relação ao futuro. A influência exercida pelos avós sobre a educação de seus netos, na maioria dos casos, ocorre de forma indireta, qualitativamente diferente daquela exercida pelos pais (LÜSCHER; LIEGLE, 2003, p. 180).

Na realidade investigada, observamos que em diversas situações as idosas assumiram não apenas o papel de avós, como também o papel de mães. Diz Dona G:

- “É tudo muito papel de mãe, de vez em quando eles chamam mãe, ou chamam vó”.

Assumir os dois papéis significa ter maior responsabilidade em relação à educação dos netos e, ao mesmo tempo, passar um maior número de anos desempenhando atividades como mãe. Isso possibilita às idosas um prolongamento da vida ativa, do ponto de vista físico, psíquico e social.

Uma característica marcante do diálogo dos avós com os netos é a paciência. Diz Dona G:



- “Parece que a gente fica mais boba com os netos do que com os filhos, não sei, parece que a gente tem mais paciência...”.

Essa paciência tem ligação com o tipo de relação que se forma entre as gerações. Enquanto a relação com os filhos é expressa pelas categorias: educação, responsabilidade e criação, a relação com os netos será expressa por estas: amor, interesse e participação sem responsabilidade (LINS DE BARROS, 1987).

A idéia de uma relação igualitária entre as duas gerações deve sempre ser relativizada pelo fato de se referir à experiência de vida e à preocupação com a transmissão de conhecimento às gerações seguintes. A amizade entre avós e netos não deixa de expressar a noção hierarquizada da família e dessa relação específica.

Os avós muitas vezes se investem de poder, por deter certos conhecimentos, e de autoridade, ao transmiti-los. Essa autoridade não se explicita apenas na relação direta com os netos, mas também na relação com os filhos, na medida em que participam da educação dos netos (LINS DE BARROS, 1987, p. 120).

Na fala de Dona E:

- “Como agora a gente vê essas crianças... parece que ficam três, quatro dias com uma roupa. Dormem sujos, levantam sujos. Com a cara suja e tudo... é mais que eu falo lá da minha nora: ‘Tu cuida das crianças, lava’. Às vezes chego lá, tão sujos...” ‘Tá muito sujo, não quero beijo... vai lavar primeiro...’. Aí eles vão... Eu trago tanta roupa... ‘Onde é que tá essas roupas que eu trago de sacola aqui pra ti?’ Aí ela diz assim: ‘Ai, porque sujaram muito, porque são isso, aquilo’. Não! Mas tu tem tempo, tu não trabalha... só pra cuidar deles. Cuida deles, lava a roupa deles...”

A educação das crianças e adolescentes representa normalmente o ponto central dos conflitos dos avós com os pais de seus netos. É através do questionamento das formas de educação que se expressa o outro lado do papel de avós: o lado da autoridade. Cabe ressaltar, também, que a necessidade de assumir, em diversas situações, ambos os papéis, o de mãe e o de avó, associada às adversidades que a própria situação social lhes impõe, aumenta as possibilidades e intensidades dos conflitos entre os idosos e a geração de seus filhos (LINS DE BARROS, 1987).

O diálogo permite que os mais velhos ensinem os mais jovens e sejam ensinados por eles. Esse contato intergeracional propicia o exercício de uma prática educativa e a transmissão da cultura através de modelos e do relato oral. Um dos grandes méritos desse processo co-educativo é que ele possibilita compreender os velhos não como pessoas que já foram, mas como pessoas que estão sendo, com opiniões próprias e com muito a ensinar (AZEVEDO DOS SANTOS, 2003):

- “[...] Esses dias tem até um fato que eu me lembro que um filho mais velho chegou, e eu tava fazendo mamadeira para a bisneta que mora aqui nos fundo, e ele foi e disse pra mim: ‘Oh mãe! Tu sabe fazer ainda?’ Eu disse: Claro, como é que eu vou esquecer? A netinha chorava, chorava, chorava. Eu dizia: Essa criança tem é fome. Amanhecia os dois, ela dando mamá pra bisneta e vendo televisão. Vieram morar comigo, casaram e não tinham casa, então ficaram comigo. Um dia eu levantei e disse: Vou fazer uma mamadeira. Cozinhei aveia, coei o caldinho, botei a terça parte, ela dormiu aquela noite... Então eu digo assim, leite puro é bom, depois dos 6 meses só a mamada não dá, mas faz uma mamadeirinha, mas não só o leite puro. Toma o leite puro o dia todo pra ver se tu não fica com fome!” (Dona C, conversando com o filho sobre o neto).

Os filhos, netos e bisnetos procuram Dona B para se aconselhar quando estão sentindo algum tipo de dor, mal-estar ou tosse:

- “Eu tenho sempre um saquinho de chá. ‘Ah, vó! Será que ele tá com muita sede? Eu dou um chazinho de quê?’ Dá um chazinho de maçanilha, um chazinho de erva cidreira... Esses dias a neta R. estava chorando, chorando ali, ela disse: ‘Vó, o que eu faço?...’. Olha, quando vocês eram pequenos, eu pegava o mel, desmanchava um pouquinho de mel numa pitadinha de manteiga e depois tomava, porque aflouxa”.

Dona B acompanhou diversas internações hospitalares de filhos e netos, presenciou situações muito graves de saúde e sempre manteve uma postura de ajuda aos seus familiares nos momentos de crise:

- “Eu abri a porta, ela tava na porta: O que tá chorando guria, o que houve? ‘Oh, vó! Ta sangrando a borrachinha. A gente bota a mamadeira assim, e tá sangrando...’. Aí ela disse: ‘Vó, o médico dela é lá no Conceição’. Recém eu

tava começando a não pagar passagem, eu acho que eu tinha dois ou três dias a carteira, sabe?... Eu disse pra ela: ‘Tá, eu vou ao doutor lá no Hospital Conceição’.

É na vivência do dia-a-dia que os avós podem transmitir aos seus netos os conteúdos essenciais de sua cultura, embora algumas vezes ocorram conflitos quanto à aceitação e à incorporação desses valores. Há também a possibilidade de juntos definirem novos valores ou alterarem os valores já existentes, revigorando a cultura. Um dos aspectos fundamentais para a compreensão e a preservação da cultura é a conduta social manifestada através de tradições, crenças, simbolismos, linguagens, costumes e ritos. Na maioria das sociedades são os velhos os responsáveis pela perpetuação da cultura e pela orientação aos mais jovens, especialmente as crianças (AZEVEDO DOS SANTOS, 2003, p. 53).

Dona G fala sobre sua atitude em relação aos mais jovens da sua família e da comunidade onde vive:

- “Ah, eu converso com eles, esses pequenininhos, eu canto, ensino versinho pra eles, eles cantam comigo e dançam comigo... A gente tem que ter sempre uma palavra amiga para os filhos e para os netos, e não só para os da gente, para as pessoas de fora que às vezes tão precisando... Às vezes a gente encontra pessoas que tão lá embaixo, num baixo astral, a gente começa a conversar, conversar com eles, e eles melhoram...”.

O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância (BOSI, 2006, p. 82).

Diz dona C:

- “Eu sou o computador do passado....Eu sou a memória do que já passou, daquilo que vocês não viveram... Eu posso recordar tudo isso e trazer para vocês...”.

Segundo Mead e Heyman:

Através dos avós as crianças aprendem a compreender alguma coisa sobre a realidade do mundo não apenas anterior a seu nascimento, mas anterior ao nascimento de seus pais [...]. As crianças podem imaginar um mundo real ao qual não pertença ninguém que elas conhecem e, assim, podem também começar a pensar sobre um mundo futuro que se estende vigorosamente – embora ele ainda seja desconhecido – além das vidas dos filhos que terão algum dia e das

vidas dos filhos de seus filhos. A experiência do passado lhes dá os meios de imaginar o futuro.

Através dos avós, as crianças aprendem todo o ciclo de vida – o que é ter filhos criados, ter vivido uma vida inteira, ter completado as tarefas que cada um impôs a si mesmo e ter envelhecido (1965, p. 122).

E é nessa relação de avós com netos e bisnetos que os velhos têm a oportunidade de fazer uma releitura retrospectiva de suas trajetórias pessoais e familiares. Segundo Lins de Barros: “A releitura de sua vida passada fornece dados para um confronto entre seu estilo de vida e o de seus filhos e constrói um modelo de relação, crítico em relação a sua própria trajetória de vida, ao mesmo tempo que a reafirma” (1987, p. 116).

A relação afetiva firmada com as gerações mais jovens possibilita aos idosos, além de uma releitura de suas próprias trajetórias, a construção de um novo sentido de vida (LÜSCHER; LIEGLE, 2003):

- “Ah, eu acho importante estar no meio da família, dos meus filhos, do meu marido... O convívio para mim é tudo... É viver, né, porque é vivendo que a gente fica conhecendo” (Dona G).
- “Olha, importante que eu acho muito bem é minha família. Que eu, bah, Deus o livre! Eu gosto muito, o importante é isso aí. Meus neto, minha família toda” (Dona A).
- “Hoje a minha alegria, a minha vida, o meu motivo de viver muitos anos é os meus filhos e os meus netos e bisnetos, que vêm vindo aí... O meu neto, aquele de 15 anos, disse pra mim quando eu tava de aniversário: ‘Vó, tem que viver muito, muito, muitos anos porque tem que esperar os meus filhos, pra conhecer os bisnetinhos...’” (Dona D).

Essas relações têm um duplo sentido para os velhos: o de vida, isto é, de poder dar algo para alguém e sentir-se vivo e atuante, e o de suporte, de poder receber apoio de outrem, numa fase da vida onde os desafios são crescentes (LÜSCHER; LIEGLE, 2003).

Nesse contexto de trocas intergeracionais, o acesso ao estudo formal e os motivos da evasão escolar surgem como pontos relevantes a serem analisados com mais detalhes, em relação às três gerações das famílias desta pesquisa.

## 2.4 O ESTUDO FORMAL E AS TRÊS GERAÇÕES

Ser mulher idosa pode ter muitos significados. No contexto da Vila Fátima, observamos que envelhecer significou, para essas idosas, ter travado, ao longo dos anos, uma luta intensa e contínua pela sobrevivência e melhoria da qualidade de vida de suas famílias. Essa luta pode ser caracterizada, nos dias atuais, pelo convívio intergeracional, o cuidado e a ajuda prestados aos filhos e netos, o acolhimento de familiares em situação de crise, o ensinar e aprender na convivência com os mais jovens, o diálogo por vezes franco e aberto, e, outras, conflituoso, e, enfim, o dar e receber atenção e afeto.

A preocupação com o futuro das gerações mais novas faz parte do cotidiano dessas senhoras moradoras de um bairro popular urbano, onde a violência se faz presente de forma assídua, contrapondo-se ao crescimento saudável de crianças e adolescentes. Uma das maneiras encontradas por elas de auxiliar os seus filhos e netos é estimulá-los a se dedicarem aos estudos, que elas próprias não tiveram nas suas infâncias:

- “[...] sempre esforcei, estou sempre batalhando pra ele ser mais do que a gente, né, pra ele ter uma vida também boa, futura, né... quanto mais o tempo está passando, pior está ficando, né. A crise tudo... E o estudo, né? Então, estou procurando ver se ele tem também um futuro bom, uma velhice também tranqüila, que ele estude...” (Dona H).

Os relatos das idosas demonstram que o estudo formal inexistiu na vida de cinco das nove mulheres entrevistadas; uma delas estudou durante dois anos, outra estudou por quatro anos, e as duas senhoras que tiveram maior contato com o colégio conseguiram completar a quinta série do ensino fundamental. Esses dados refletem a realidade de boa parte da população de mulheres idosas brasileiras de classe popular, cujo acesso à educação formal foi muito precário. Apesar do aumento em 16,1% na alfabetização de idosos, de 1991 a 2000, existem cerca de 5,1 milhões de analfabetos veteranos no país, e estes, somados aos que têm no máximo três anos de estudo e são considerados analfabetos funcionais, correspondem a 59,4% da população, a grande maioria com 75 anos ou mais (IBGE, 2000). Os motivos do alto índice de analfabetismo e de evasão escolar precoce, no caso dessas mulheres, foram vários e bem diversificados. Dois dos motivos que apareceram

em praticamente todos os relatos das seis idosas que vivenciaram suas infâncias no interior do estado ficam bem explicitados nas palavras de Dona A:

- “A gente morava pra fora, a senhora sabe que pra fora não tem colégio. E, naquele tempo, os pais da gente botavam a gente no serviço, era serviço e serviço e não existia quase colégio. Nós se criemo na roça mesmo, depois de mocinha que nós já era que nós fomo pra cidade...”.

Podemos observar que as escolas que existiam no interior eram geralmente de difícil acesso devido às distâncias físicas e à falta de opções de transporte que não fossem as próprias pernas. Segundo Meyer (2000), diferentes estudos sobre esse assunto mostram que, até o final do século passado, as dificuldades no campo educacional eram grandes, tanto nas regiões de colonização alemã – como é o caso de Dona D, natural de Feliz – quanto nas regiões de colonização luso-brasileira – como é o caso de Dona F, natural de São Borja, Dona G, natural de Torres, Dona A, natural de Cachoeira. Um comentário que foi reproduzido no *Deutsche Post*, onde se descreve a situação das colônias no Rio Grande do Sul e o conteúdo do ensino básico desenvolvido em suas escolas elementares, permite visualizar melhor essas dificuldades:

Os filhos dos colonos, via de regra, freqüentam a escola poucos anos; muitos apenas dois anos e, de costume, no máximo quatro, e isso somente quando se torna uma condição para que sejam confirmados. Além disso, durante a escolarização, a freqüência escolar é ainda muito irregular e incompleta. Mesmo nos locais em que existe uma escola pública onde o ensino é gratuito, normalmente não é diferente, pois os pais não querem somente economizar o dinheiro, mas também aproveitar a mão-de-obra dos filhos [...] (S SCHULE ..., 1909, p. 1).

As crianças e adolescentes serviam e ainda servem, em muitas localidades brasileiras, como importante mão-de-obra para o trabalho na lavoura. As famílias contavam com um número significativo de filhos para auxiliar nas plantações e na sobrevivência desse núcleo doméstico. Com isso, a educação das crianças passava a ser um fator secundário, principalmente para aquelas famílias de pouco poder aquisitivo. Apesar de quatro mulheres terem freqüentado o colégio por alguns anos (dois a cinco anos), elas falam das dificuldades que encontram hoje:

- “É, só que agora eu não sei mais escrever, minha cabeça tá ruim, e eu não consigo, eu mal consigo fazer o meu nome, assim ler, porque eu acho que eu

leio mais, assim ler eu consigo, mas escrever não dá mais de jeito nenhum...”  
(Dona D, que estudou por quatro anos).

Voltamos, neste momento, a buscar subsídios no *Deutsche Post*: “Nesse curto tempo, no entanto, um aluno somente pode adquirir os conhecimentos elementares mais necessários, ler, escrever e calcular precariamente, às vezes tão pouco, que em poucos anos tudo é esquecido...” (S SCHULE ..., 1909, p. 1).

Estamos, aqui, falando de mulheres das quais as mais velhas nasceram na década de 1920, a grande maioria delas na década de 1930 e as mais jovens na década de 1940. A precariedade da educação formal no campo, constatada em 1909, persistia ainda nas décadas seguintes e afetou de forma significativa a vida das entrevistadas. Diz Dona F, de 93 anos:

– “É que eu não tive tempo de estudar, de aprender pra ser gente...”.

Explica Dona G, de 76 anos:

– “Isso que eu sinto muita falta de não ter tido muito estudo. Eu tinha uma cabeça muito boa, é uma pena eu não ter estudado. Se eu estudasse e tivesse mesmo estudo, eu ia longe... Hoje a gente vê que aqui todo mundo estuda, eu acho tão bonito, a gente sem estudos não é nada...”.

As palavras de Dona F e Dona G nos fazem refletir sobre a educação como um dos instrumentos através dos quais é possível tornar alguém “gente”, isto é, ser mais do que um ser humano no mundo:

[...] tornar-se uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra pessoa como um ‘não-eu’ se reconhece como ‘si própria’. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe (FREIRE, 2006, p. 18).

Em muitos momentos, mulheres e homens idosos da Vila Fátima deixam de falar sobre seus sentimentos, idéias, críticas ou sugestões porque se sentem “menos” diante dos que estudaram, daqueles que sabem ler, escrever e falar sobre si mesmos. Em atividades coletivas, muitos ficam em silêncio, às vezes baixam suas cabeças ou voltam seus olhos para o chão, para não serem avistados. Quando questionados sobre o motivo do silêncio,

respondem que sentem vergonha porque não estudaram e não sabem falar direito. Pessoas como Dona F e Dona G são mais “gente” do que muita gente que conhecemos, mas a sua humildade e as dificuldades que enfrentaram ao longo da suas trajetórias de vida as fazem perceber suas limitações num mundo dominado pelos letrados.

Enquanto no campo o analfabetismo e a evasão escolar se perpetuavam devido à falta de colégios, à falta de transporte coletivo e principalmente devido à utilização da mão-de-obra infantil na lavoura, na “cidade grande” os motivos eram outros. Aqui havia colégios e maior facilidade de acesso a eles, mas as idosas voltaram a citar o trabalho infantil como causa principal da sua falta de educação formal. Diz Dona H, 60 anos:

- “Olha, eu estudava quando eu estava na casa de uma família, mas casa de família é assim, ó... é estuda o que quer, né? Então eu estudei naquele colégio e morava ali bem pertinho do colégio. Depois eles lançaram outro mais perto, outro na frente que era o colégio ‘grande hotel’, né. Aí eu fiz até a quinta série. Aí eu não estudei mais, que a gente estava sempre... às vezes eu era babá das netas dela, né? Levava pro colégio as gurias, trazia do colégio, levava pra cá, levava pra lá...”.

Os velhos de famílias pobres trabalharam muito cedo e continuam trabalhando para assegurar seu espaço nesta sociedade capitalista. Eles trabalham recordando, mas também suando, caminhando, esforçando-se ao tanque, na máquina de costura, no esfregão, carregando balde (BOSI, 2006). Esses velhos sofreram e sofrem ainda uma tripla opressão. O primeiro aspecto dessa opressão diz respeito à falta de oportunidades na juventude: dificuldades de acesso à escola, poucas opções de lazer e condições precárias de trabalho. O segundo aspecto se refere ao próprio processo de envelhecimento, que gera uma série de perdas físicas aceleradas pelas precoces e árduas condições laborais. E o terceiro e último aspecto tem estreita ligação com a necessidade desses idosos de se manter ativos profissionalmente, para assegurar sua sobrevivência do ponto de vista biológico e social (BOSI, 2006).

As dificuldades enfrentadas por essas idosas em relação ao seu estudo formal nos fazem olhar para o envelhecimento humano, considerando sempre a questão de classe social permeada por questões de gênero (BASSIT, 2002).



- “Não, nunca fui pro colégio. Porque pra fora é assim. Os antigo, hoje não é mais, eu creio que por tudo já tem colégio e todo mundo estuda, mas no meu tempo eles achavam que não precisava estudar, eles achavam que a menina tinha que aprender o serviço de casa, as coisas de casa, a fazer uma comida, a limpar a casa, a costurar, a tudo isso. Eles achavam que esse era o serviço de mulher, era assim que eles pensavam...” (Dona G).

O relato de Dona G demonstra como as mulheres nascidas nas primeiras décadas do século passado, que foram socializadas para serem donas de casa e submissas aos seus pais e depois aos seus maridos, estão podendo hoje falar de forma crítica sobre seu passado, apontando o cerceamento das atividades e da sua mobilidade espacial e social. Essa visão crítica só foi possível em uma sociedade que colocou em questão o lugar tradicional da mulher. E podemos observar que Dona G, ao falar que essa é a visão “deles”, deixa claro que ela foi capaz de acompanhar as transformações de idéias e valores em relação ao lugar da mulher e da idosa na sociedade (LINS DE BARROS, 2004).

Ao analisarmos o processo de educação formal dessas mulheres, percebemos que, às questões de classe social e gênero, une-se a questão de raça e preconceito racial no Brasil:

- “Eu estudei em Rio Grande até o quinto ano, a minha escola em Rio Grande era o colégio Juvenal Müller, nesse tempo eu não tinha mãe já. Então eu usava uma saia de viscose, eu não sabia passar, eu alinhava as prega todinhas e passava, na hora de ir pra escola eu puxava o fio. A gente aprendia a fazer, costurar porque as tia me ajudavam, eu não tinha uma definitivo que me ensinasse, que eu ficasse com ela. Eu ficava um dia na casa duma, outro dia noutra. Aí viemo pra São Leopoldo, e eu tinha primário, aí o pai quis me botar no ginásio, e naquela época eles tinham preconceito de cor e o ginásio São José não aceitou. Eles não foram assim direto, mas como nós vivíamos na cidade há pouco tempo e a cidade toda é de origem alemã e eles tinham muito preconceito naquela época. E aí, pra mim não perder, ele me matriculou no Santa Terezinha e eu tirei corte e costura” (Dona C, 75 anos).

Ser mulher de classe popular descendente de colonizadores de origem européia, de escravos africanos ou índios significou para essas idosas não ter usufruído a educação

como geradora de oportunidades em suas vidas. Faltou-lhes muita coisa, que mais tarde tentaram resgatar para seus filhos e netos:

- “Eu criei os meus guri tudo sozinha, mas sempre tive vontade que eles fossem sempre no colégio. Eu trabalhava fora, mas eu botava eles no colégio, tavam sempre estudando. E esses meus neto, graças a Deus, tudo eles, essa ali agora fez formatura. Essa outra também...” (Dona A).

Diz Dona I, de 90 anos:

- “Agora o filho dela já se formou, ta formado já. Graças a Deus!”.

Diz Dona H, de 60 anos:

- “Fez o Fundamental e o Ensino Médio. E o vestibular este ano, mas não, não passou... Agora vai fazer cursinho. Ele fez pra direito, direito e filosofia...”.

Entre as nove mulheres entrevistadas, quatro delas referiram que seus filhos estudaram mais do que cinco anos. Boa parte deles completou o ensino fundamental e o ensino médio, alguns conseguiram chegar à universidade. Cinco idosas referiram que seus filhos estudaram de três a cinco anos e depois largaram os estudos para trabalhar:

- “[...] Todos eles eu botei, mas teve uns que sempre... O colégio é pertinho tudo mais. Eu saía, e se eu tava em casa e ele estudava de manhã, eu já deixava arrumado, mas aqueles que estudavam de tarde eu tava fora, e às vezes eles teimavam, paravam de estudar...”(Dona C).
- “Aí daquele tempo a minha guria mais velha já tinha 12 anos, quis trabalhar. Aí foi cuidar de criança. Botei todos no colégio porque era ali perto. Aí ela ficou aquele resto de ano no colégio, depois não quis mais. Disse: ‘Mãe, eu vou trabalhar para ajudar’. Eu disse: Tá, tu que sabe minha filha...” (Dona E).
- “[...] eu por mim queria que eles ficassem, porque tinha o colégio perto ali, mas eles não queriam muito estudar. Essa que mora ali nos fundos, ela tinha problema quando era pequena, porque ela não queria ser mais criança. Ela queria ser adulta. Porque ela sempre assumia as coisas, desde pequena. Eu podia deixar, quando eu tinha que sair... Ela tinha 12 anos, ela tomava conta de

tudo. Todos os irmãos, da casa, de tudo. Então ela teve problemas no colégio quando ela começou a estudar, porque ela não aprendia. Aí eu fiz os exames tudo, levei, caminhei com ela pra lá pra cá, e eles descobriram que ela... que ela não queria ser criança...” (Dona D).

Ao dividir as nove mulheres em dois grandes blocos, o primeiro composto por cinco idosas cujos filhos estudaram menos do que cinco anos, e o segundo, por quatro idosas cujos filhos estudaram mais do que cinco anos, podemos refletir sobre os motivos dessas diferenças (Quadros 2 e 3):

Quadro 2: Idosas cujos filhos estudaram < 5 anos

<b>DONA B</b>	<b>VIÚVA</b>
DONA D	SEPARADA
DONA C	VIÚVA
DONA E	VIÚVA
DONA I	SEPARADA

Quadro 3: Idosas cujos filhos estudaram > 5 anos

<b>DONA A</b>	<b>RECASADA</b>
DONA G	CASADA
DONA F	TRÊS SEPARAÇÕES E TRÊS RECASAMENTOS
DONA H	SOLTEIRA

O primeiro ponto que gostaríamos de ressaltar diz respeito à pobreza dessas famílias. A maioria das idosas veio com seus companheiros e alguns de seus filhos – outros já nasceram aqui – do interior do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina. Construíram suas casas na Vila Fátima e enfrentaram muitas dificuldades em relação ao mercado de trabalho: subempregos, salários baixos, instabilidade, precariedade das condições de trabalho, desemprego, etc. Esse foi, com certeza, um dos fatores motivadores para que os jovens dessas famílias saíssem precocemente para o mercado de trabalho, sem nenhuma formação. Essa situação fica clara nas palavras de Dona E, quando fala de sua filha de 12

anos que parou de estudar e saiu para trabalhar e “ajudar a família”. Ou nas palavras de Dona D:

- “[...] e os filhos eram pequenos, mas eles já desde pequenos começaram a trabalhar, ajudar, a fazer alguma coisa...”.

Além da pobreza, as famílias enfrentaram, ao longo dos seus ciclos de vida, uma série de crises. Ao olharmos para os dois quadros acima, veremos que, no primeiro deles, onde os filhos estudaram <5 anos, temos: duas situações de separação dos casais a partir das quais as mulheres passaram a constituir unidades mãe-filhos, ainda com filhos em idade pré-escolar e escolar, e três situações de viuvez. As três situações de viuvez geraram unidades mãe-filhos, duas delas com filhos em idade pré-escolar e escolar e a outra com filhos adolescentes e adultos. No segundo quadro, temos: uma idosa que se separou e recasou três vezes e, após as separações, passou a constituir uma unidade mãe-filhos-netos, uma família casada, uma recasada e uma idosa solteira que vive na casa de sua mãe.

Ao compararmos os dados, podemos afirmar que há um maior índice de separações e de viuvez nas famílias cujos filhos estudaram <5 anos. Já nas famílias cujos filhos estudaram >5 anos, observamos uma presença mais intensa e prolongada do companheiro na casa: Dona G, casada há 49 anos com o mesmo companheiro, pai de seus três filhos; Dona A viveu com seu primeiro marido durante 12 anos e, após sua morte, voltou a se casar, vivendo hoje com esse novo companheiro há quase 20 anos e, juntos, criaram os seus filhos do primeiro casamento; Dona F teve três casamentos e três separações e, apesar da distância física do pai de suas filhas, ela sempre teve o seu apoio em relação ao cuidado das crianças: vestimentas, estudo, alimentação; e Dona H, que teve apenas um filho, foi mãe solteira, sendo que, desde o nascimento do filho, passou a viver com sua mãe, com a qual compartilhou o crescimento e a educação desse jovem.

As famílias de classe popular, conforme vimos anteriormente, apresentam, ao longo do seu ciclo de vida, uma série de crises, e as transições não estão claramente delineadas. Com isso, os indivíduos dispõem de um tempo inadequado para resolver as tarefas que cada estágio da vida lhes proporciona. Este foi o caso da filha mais velha de Dona D, que precisou “tornar-se adulta” antes do tempo, para poder ajudar sua mãe nos cuidados da casa e dos irmãos mais novos, enquanto esta saía para trabalhar e sustentar a casa sozinha, após a separação do casal. As situações de separação e de viuvez, nesse

contexto analisado, não representam apenas a ruptura de uma relação e a saída do companheiro da casa, como também uma diminuição significativa da renda da família, com a conseqüente saída da mulher de casa por períodos mais prolongados e uma diminuição do tempo disponível para os filhos (HINES, 2001).

Outros dois pontos que devem ser levados em conta quando refletimos sobre os motivos da evasão escolar, nesse contexto, são a realidade escolar e os valores transmitidos pelas mães aos seus filhos. Existe uma idéia vigente na comunidade Vila Fátima de que o ensino nos colégios dessa região é “fraco” em comparação com o dos colégios localizados nas regiões mais centrais da cidade de Porto Alegre. Atualmente, muitos pais têm matriculado seus filhos em colégios mais distantes, apesar dos transtornos gerados por essa situação, como a necessidade de condução e os riscos que eles correm no caminho. A maior parte dos filhos das idosas entrevistadas estudou nos colégios dessa região:

- “Meus filhos estudaram tudo nesse colégio, até onde eles puderam ir, porque só tem a oitava série. Eles estudaram ali no primeiro grau, o colégio era bom... Os comentários que a gente vê, mas eles estudaram tudo ali... Era pertinho, né...” (Dona G).

Os comentários das idosas sobre os colégios são, em sua grande maioria, positivos e pouco críticos. Talvez o problema não esteja no colégio em si, mas na forma como os conteúdos foram trabalhados com esses alunos em sala de aula. São crianças e adolescentes que, em muitos casos, se tornaram adultos antes do tempo para poder sobreviver às intempéries da vida familiar. Esse processo de adultização modificou suas expectativas e atitudes frente ao futuro. O estudo talvez tenha ficado em segundo plano, visto que havia outras necessidades mais imediatas e pouca motivação. A motivação seria esperada tanto por parte da família como da escola. Não podemos falar sobre a motivação escolar porque este é um tema que foge do assunto investigado nesta pesquisa, mas buscamos, neste momento, alguns dados sobre os valores transmitidos pelas mães aos seus filhos:

- “[...] nunca chegou com nada diferente dentro de casa, nenhum lápis... não... porque nós moramos no serviço da mãe... podíamos achar ouro em pó... ninguém mexia em nada. A gente chegava ali, ficava olhando, não mexia em nada. Deus que me livre se mexesse, a mãe tirava o dedo, dava um tapa se

mexesse... o meu também é assim: um lápis, não, não é teu, porque não se acha nada na rua... eu não acho nada!” (Dona H).

- “Graças a Deus, esse orgulho eu tenho. Meus filhos tudo eu ensinei... ninguém mexe, né?... Eu sempre digo: pobre não é defeito, mas sê ladrão é!” (Dona I).

A identidade social da família se fundamenta nas idéias de desempenho e esforço pessoal para o estabelecimento de sua história. Em ambas as situações o importante é a idéia de transmissão de bens simbólicos às gerações seguintes, procurando-se, em ambos os casos, situar na família o lugar dessa passagem, fazendo de cada descendente o alvo e ao mesmo tempo o veículo da preservação dos valores familiares (LINS DE BARROS, 1987, p. 90-91).

Ser honesto, não mexer nas coisas dos outros, não roubar são valores que acompanham o ser humano desde os tempos antigos. Esse plano moral define a inserção das famílias na sociedade mais ampla, não em termos econômicos, mas como representantes de uma camada social que compartilha de um mesmo discurso da representação de família (LINS DE BARROS, 1987).

Nos discursos das idosas sobre seus filhos, três aspectos aparecem com frequência: ser honesto, ser trabalhador e não ter vícios:

- “[...] porque eu criei quatro filhos aqui. Mas aqui não é um lugar muito bom pra gente criar eles, e tá cada vez pior, mas eu consegui criar, graças a Deus nenhum deles caiu no vício, essas coisas braba que é, e eu já me sinto feliz com isso” (Dona G).
- “[...] são tudo muito bom pra mim, não me incomodam. Não têm vício de nada, nada mesmo. Um trabalha de carro e o outro trabalha na padaria, ele é padeiro lá embaixo no Jardim do Salso. E o outro trabalha nessas coisas de rua, são tudo empregado” (Dona A).
- “As gurias deram tudo... nenhuma ficou com filho no colo... Tudo casaram. Os guris não deu nenhum bandido, assim, que cheirasse... e era tempo já de cheiro, de ficar cheirando, estar tomando aqueles comprimidos... e muitas vezes eles ofereciam pra eles, eles chegavam em casa e me contavam: ‘Aí, o fulano me ofereceu um comprimido’. Eu disse: ‘Por amor de Deus, vocês não peguem...

não vão pegar nada disso, porque depois vocês vão passar mal e não presta!”  
(Dona E).

Segundo Sarti (1989), os parâmetros morais são distintos para ambos os sexos: para o gênero feminino, o desvio é definido em relação ao etos familiar, tendo como parâmetro a boa dona-de-casa, mãe zelosa e esposa fiel; para o gênero masculino, ao etos do trabalho, a partir da imagem do homem responsável e trabalhador. Os riscos, os desvios virtuais são diferentes para o filho e a filha. A mulher pode “cair na vida”, “se perder”, enquanto a margem de riscos para o homem é maior e mais diversificada: ele pode se tornar “ladrão”, “assassino”, “bandido”, “maconheiro”, “cheirador”. A transgressão, para a mulher, é demarcada pelo campo sexual, uma vez que é nele que está sua referência moral. No caso do homem, a acusação recai sobre o padrão moral do trabalhador. Ao valor do trabalho se contrapõe a transgressão masculina através da droga, da vagabundagem, da desonestidade, da desordem.

As expectativas que essas mulheres idosas tinham e ainda têm em relação à geração de seus filhos estão baseadas nos valores a eles transmitidos durante todos esses anos: ser honesto, ser trabalhador, não ter vícios, ser fiel. Sair para trabalhar ainda muito jovem, trazer dinheiro para casa de forma honesta, constituir uma família talvez representem um ideal a ser atingido. O trabalho vem em primeiro plano, tanto em termos morais como de sobrevivência. O ensino formal aparece, na maior parte das situações de vida aqui apresentadas, como algo pontual que fez parte de alguns anos da infância e, às vezes, da adolescência dessas duas gerações.

Apesar de todas as dificuldades encontradas no campo da aprendizagem formal, nesse contexto, observamos hoje um crescente interesse e preocupação nesse sentido por parte da geração de idosos em relação à geração de seus netos e bisnetos. Temos presenciado freqüentes situações onde avós estão desempenhando um papel de motivadoras e facilitadoras dos estudos de crianças e adolescentes da família:

- “[...] o colégio fez 49 anos, elas me homenagearam como a cidadã, aí eu ganhei uma medalha da comunidade do colégio, que eu conhecia o coleginho... A professora me homenageou porque eu tô sempre lá vendo, chega as avaliações, de três em três mês, e ninguém pode ir, todo mundo trabalha. Então eu vou de aula em aula, terceiro, quarto, sétimo... Eu tenho bisneto na oitava, uma bisneta

tá se formando esse ano, tenho uma bisneta que já vai pra sétima, tenho um no terceiro, no quarto, só que esses são netos, filho do filho que a mãe se separou, ela levou, mas lá sei eu por que ela mandou de volta. Então na correria esse ano pediram a transferência, e eu tive que pedir para a professora, e ela conseguiu trazer eles pra cá” (Dona C).

A co-residência de avós e netos tem resultado em um aumento da taxa de escolarização e em uma redução do trabalho infantil (CAMARANO; KANSO; LEITÃO E MELLO; PASINATO, 2004). Além de receberem os filhos em casa, “há evidências de que as mulheres idosas contribuem para que seus filhos e netos atendam mais a escola do que o restante da população nas idades correspondentes” (CAMARANO, 2003, p. 55).



## CONCLUSÕES

A maioria das mulheres idosas entrevistadas nesta pesquisa veio para Porto Alegre proveniente do interior dos estados de Santa Catarina ou do Rio Grande do Sul, com a esperança de um futuro melhor, em busca de melhores condições de trabalho e de remuneração. Elas vieram sozinhas ou acompanhadas pelos seus companheiros e filhos pequenos. Trouxeram consigo algumas peças de roupa, pequenos utensílios domésticos, poucas quantias de dinheiro, fruto das reservas do trabalho na roça, e poucos anos de estudo formal.

A escolha pela Vila Fátima deu-se devido às facilidades econômicas ligadas a esse local, por se tratar de uma área verde da cidade. As áreas verdes foram projetadas pela prefeitura como áreas de preservação ambiental; por isso seus moradores não puderam adquirir os terrenos nos quais habitavam. Além da facilidade financeira, várias idosas possuíam amigos ou parentes que já viviam nessa localidade da cidade e serviam como informantes. A Vila representa um espaço transitório e problemático que recebe um tratamento diferente de outros bairros da cidade. Apesar de estar localizada na parte central do mapa de Porto Alegre, ela faz parte da periferia desse grande centro urbano. Poderíamos denominá-la de “periferia central” ou de “reduto social e economicamente discriminado pelos grupos dominantes” (FONSECA, 2004, p. 22).

Algumas mulheres que já viviam em Porto Alegre desde crianças também migraram com suas famílias de outras regiões da cidade para a Vila Fátima em busca de uma habitação mais barata e de mais espaço para viver.

Nessa época, a Vila Fátima era composta basicamente por mato, algumas casas de poucas peças, ruas não-pavimentadas; não havia água encanada, nem luz elétrica e o esgoto ficava a céu aberto. A luta pela sobrevivência incluía: buscar diariamente água nas “bicas” da região, tomar banho e lavar as roupas nos córregos, fazer longos percursos a pé para chegar em uma parada de ônibus mais próxima e enfrentar o medo das quadrilhas que ali se refugiavam.

Ao chegar à cidade grande, as famílias se defrontaram com uma dura realidade: as dificuldades de encontrar um emprego, os empregos temporários ou informais e os baixos salários. Dessa forma, com o passar dos anos, somaram-se às dificuldades com as habitações precárias aquelas ligadas ao mercado de trabalho, ao inchamento da periferia urbana e ao aumento da violência nos grandes centros do país.

Todo esse processo externo interferiu de forma direta e indireta na vida dessas mulheres e de suas famílias. Dentre as nove entrevistadas, oito delas iniciaram suas vidas adultas como famílias conjugais. Casaram, tiveram filhos, constituíram um lar, assumiram um importante papel no funcionamento familiar: o de ser esposa e ser mãe. Durante os primeiros anos de suas vidas conjugais, puderam compartilhar com seus esposos as responsabilidades pela casa e pela família e, dessa forma, dedicar boa parte do seu tempo aos afazeres domésticos e ao cuidado dos filhos pequenos, apesar da maioria dessas mulheres terem desenvolvido trabalhos informais e/ou temporários, como costuras, faxinas, plantações, desde cedo, nas suas vidas.

Em relação aos anos seguintes, as falas dessas mulheres nos chamam a atenção para vários aspectos relacionados à saúde e ao comportamento de seus companheiros: o elevado índice de alcoolismo (quatro situações) e de doenças infecto-contagiosas e cardiovasculares (quatro situações), o comportamento violento e o envolvimento com a lei (três situações). As situações de adoecimento, de dependência química e a precariedade de cuidados gerais com a saúde desses homens têm uma relação direta com a sua falta de condições para o trabalho, a perda de empregos, a morte precoce e a pauperização de suas famílias. As situações de violência doméstica se somam a esses fatores, contribuindo de forma significativa para o elevado número de separações entre os casais das famílias analisadas.

As separações e as viuvezes precoces refletem, entre outros fatores, a quebra da reciprocidade que dá sentido às relações de gênero. Segundo Sarti (1989), o homem tem o seu papel familiar definido por sua vinculação com o mundo do trabalho. Ele se interpõe entre a família e o mundo exterior. É o principal provedor, tendo o dever de garantir, materialmente, para todo o grupo doméstico, casa e comida, através de seus rendimentos. E a mulher, enquanto dona-de-casa, ocupa um lugar interior; é ela quem ordena, organiza e avalia, enfim, os recursos materiais disponíveis em função das necessidades do grupo.

O processo de adoecimento crônico, a prisão ou a perda do companheiro, seja por morte precoce ou por separação, gerou uma ruptura intensa na trajetória dessas mulheres, levando-as a constituir unidades-mãe-filhos e a assumir o papel de provedoras de seus lares. Nesse momento, elas passaram a somar às suas funções como donas-de-casa e mães a função de chefe de suas famílias. Sair para o mercado de trabalho, trazer dinheiro para casa, pagar contas significou um ganho de autonomia e de valorização pessoal para muitas das mulheres, ao mesmo tempo em que criou demandas novas e sobrecargas para elas. O tempo compartilhado com os filhos diminuiu, e vários deles tiveram que ficar sozinhos em casa com seus irmãos mais velhos, ou freqüentar creches da região, enquanto as mães saíam para trabalhar. As dificuldades econômicas e a educação dos filhos representaram um grande desafio para as mulheres, nessa época. A ajuda dos vizinhos, das creches locais e do posto de saúde foi e ainda é fundamental, na medida em que eles constituem redes sociais de apoio na comunidade.

Elas sempre se preocuparam muito com o futuro dos seus filhos e buscaram transmitir a eles diversos valores que consideram fundamentais para uma vida digna: ser honesto, ser trabalhador e não ter vícios. Esses valores talvez representem aquilo que em diversos momentos de suas trajetórias elas não tiveram a oportunidade de vivenciar junto aos seus companheiros, o que lhes causou muitos problemas ao longo dos anos. Uma série de crises enfrentadas pelas famílias e a pauperização das mesmas têm uma relação estreita com a evasão escolar dos filhos e a sua entrada precoce no mercado de trabalho. Observamos que, entre as famílias em que os filhos estudaram menos de cinco anos, preponderam situações de viuvez precoce, violência doméstica e de separações entre os casais. Sair para trabalhar e ajudar a mãe e os irmãos na renda doméstica é algo de grande valor para a sobrevivência do grupo, enquanto os estudos tornam-se secundários nesse contexto.

A luta diária dessas famílias serviu como ferramenta para a construção de uma intensa relação entre mãe e filhos, de forma que, ao envelhecerem, essas mulheres puderam contar com seus filhos como principais fontes de suporte social. Cabe lembrar que os potenciais provedores de suporte social ao longo da vida geralmente são os companheiros, os filhos, os irmãos, a família extensa e os amigos. “Com o passar dos anos, a probabilidade de estar casado diminui consideravelmente, especialmente para as mulheres. Com a perda do companheiro, os provedores de suporte geralmente passam a ser os filhos” (ANTONUCCI, 2001, p. 439).

Com o envelhecimento, a metade das mulheres continuou vivendo na forma de unidades mãe-filhos-netos ou mãe-filhos e desempenhando um papel central no funcionamento de suas famílias e sustento de suas casas. Essa situação está associada, entre outros fatores, ao processo de envelhecimento ativo e à universalização da Seguridade Social. Os benefícios, sejam eles por tempo de serviço, por idade ou doença, têm sido fundamentais na redução do grau de pobreza entre as famílias que têm idosos. O sistema previdenciário, em geral, somado a outras formas de poupança da população, tem sido capaz de resolver de forma satisfatória o problema da pobreza entre os idosos, ao compararmos a situação dos idosos com o grau de pobreza em outros grupos. Com isso, o *status* social da idosa beneficiária tem se elevado, fazendo com que ela passe da condição de assistido à de assistente (CAMARANO, 2003).

Observamos, nesta pesquisa, diversas situações em que os esperados “ninhos vazios” estão se enchendo de filhos. Esses filhos adultos ou não saíram da casa de seus pais ou retornaram para a casa da mãe idosa, muitas vezes acompanhados por netos, devido a dificuldades no âmbito financeiro (desemprego, subemprego, baixos salários), no âmbito afetivo (brigas e separações entre os casais), no âmbito da saúde (AIDS, dependência química e necessidade de cuidados) e no âmbito social (ser mãe solteira).

Os períodos cíclicos de crise econômica que geram a concentração de renda, o aumento do desemprego e a expansão da pobreza têm feito com que um número cada vez maior de filhos adultos se torne dependente de seus pais idosos. E a transferência de apoio entre as gerações está assumindo a forma cada vez mais clara de uma via de trocas intergeracionais (SAAD, 2004).

Em relação à co-residência, o contexto de vida das idosas entrevistadas nos revela uma situação interessante: netos que procuram a casa das avós como refúgio, um porto seguro nos momentos de crise. Esses momentos geralmente são devido a brigas na família, separações dos pais, violência doméstica e, muitas vezes, a envolvimento com a rede do narcotráfico local e o crime organizado.

Além de evidenciarem que suas casas representam um porto seguro, as falas das idosas são ricas em exemplos de cuidados proporcionados aos netos e bisnetos enquanto os filhos saem para trabalhar e de trocas de experiências de vida com as gerações mais novas. Nessas trocas, muitas vezes aparecem os conflitos, que são resolvidos em parte ou não, com o passar do tempo, com o diálogo e a escuta paciente. As avós dão muita ênfase à questão da paciência que possuem hoje ao lidar com os mais jovens e a consideram um ganho positivo do processo de envelhecimento pessoal. Os conflitos que ocorrem são de diversas ordens, freqüentemente associados a desentendimentos entre os avós e seus filhos em relação à educação de seus netos.

A amizade que se forma entre os avós e os netos não deixa de expressar uma noção hierarquizada de família.

Muitas vezes as avós se investem de poder por possuírem determinados conhecimentos e de autoridade ao transmiti-los. Essa autoridade se explicita na relação direta com os netos, assim como na relação com os filhos, ao participarem da educação dos netos (LINS DE BARROS, 1987, p. 120).

A disponibilidade para cuidar dos netos, as trocas de carinho com eles, o diálogo aberto sobre assuntos muitas vezes difíceis, como o uso de drogas, a gravidez indesejada, os métodos anticoncepcionais, são temas marcantes quando as idosas falam sobre suas vivências familiares. Nas trocas entre essas duas gerações, temos um exemplo de apoio descendente, em que as avós cuidam dos netos para que os pais possam sair para trabalhar e têm a possibilidade de mostrar a eles que existem outras pessoas e formas de viver diferentes de seus pais (LÜSCHER; LIEGLE, 2003).

Através dessa relação, as idosas têm a oportunidade de fazer uma releitura de suas trajetórias pessoais e familiares, confrontando o seu estilo de vida com o de seus filhos (LINS DE BARROS, 1987). Mais do que uma releitura crítica de suas vivências passadas, as avós desta pesquisa demonstram a importância que seus netos e bisnetos possuem em suas trajetórias atuais, significando um novo sentido para suas vidas.

A construção de um novo sentido para suas vidas com a chegada das gerações mais jovens caracteriza as capacidades de adaptação e de luta dessas mulheres, hoje avós. Durante suas vidas adultas jovens, enfrentaram mudanças significativas nos seus ciclos de vida familiar. Elas saíram para trabalhar e se tornaram provedoras de seus lares, experimentaram a queda nos índices de natalidade (60% das entrevistadas tiveram < 4 filhos) e o aumento do número de divórcios e de recasamentos. Atualmente, elas são exemplos do aumento da longevidade e do processo de feminização da velhice no Brasil.

Ao processo de mudanças no ciclo de vida familiar somou-se uma série de crises enfrentadas por suas famílias ao longo de suas trajetórias. A falta de dinheiro para suprir necessidades básicas, o desemprego, a violência doméstica, a gravidez indesejada, a morte precoce do companheiro representam situações críticas, onde as capacidades adaptativas dessas mulheres foram muitas vezes levadas ao extremo (HINES, 2001). A união e o apoio dos filhos, nessa luta pela sobrevivência, juntamente com uma rede de apoio na comunidade bem consolidada, foram os elementos indicados por elas como cruciais para o enfrentamento das inúmeras adversidades.

A presença dessas mulheres em suas famílias pode ser representada por um “eixo”. Esse “eixo” está localizado em uma porção central, isto é, no âmago do núcleo familiar, e tem a possibilidade de se ligar a todas as demais partes desse núcleo. Ele serve como esteio para o restante do mecanismo, mas necessita da cooperação de todas as partes para um bom funcionamento. Ser um “eixo”, para as mulheres idosas, significa responsabilidade, dever para com os outros, ao mesmo tempo em que eleva o seu *status* social, possibilitando um ganho de poder dentro da família.

O desempenho de um papel central no funcionamento familiar não impediu que a maioria das mulheres idosas desta pesquisa buscasse a sua individualização. Elas só tiveram a oportunidade de se dedicar mais a si mesmas com o seu envelhecimento, isto é, com a diminuição dos deveres domésticos, de trabalho e de criação de filhos. Hoje, elas procuram nos atendimentos individuais, nos grupos de convivência, nos bailes de terceira idade, nos passeios e viagens o bem-estar que proporciona saúde e realização pessoal.

Abre-se, a partir dessas constatações, um espaço para futuras pesquisas que busquem explorar a multiplicidade de relações, de funções e de identidades que essas mulheres idosas assumem na comunidade onde vivem e na sociedade em geral,

desmanchando a linearidade que se estabelece entre as identidades de mulher e de mãe e de mulher idosa e avó.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONUCCI, T. C. Social Relations: An examination of social networks, social support, and sense of control. In: BIRREN, J. E.; SCHAIE, K. W. *Handbook of the psychology of aging*, San Diego: Academic Press, 2001. p. 427-453.

\_\_\_\_; AKIYAMA, H.; LANSFORD, J. E. The negative effects of close social relations among older adults. *Family Relations*, v. 47, p. 379-384, 1998.

ARENDT, H. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1969.

AZEVEDO DOS SANTOS, S. M. Infância e velhice: o convívio que nos abre caminhos. In: MENDES DE GUSMÃO, N. M. (org.). *Infância e velhice: pesquisa de idéias*. São Paulo: Alínea, 2003. p. 47-56.

BALTES, P.; MAYER, K. (eds.). *The Berliner aging study: Aging from 70 to 100*. New York: Cambridge University, 1999.

BASSIT, A. Z. Histórias de mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA Jr., C. E. A. (orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 175-189.

\_\_\_\_. Na condição de mulher: a maturidade feminina. In: PY, L. et al. (orgs.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau, 2004. p. 137-157.

BERGSON, H. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOJUNGA DE MATTOS, F. M. Mulher e velhice – Reflexões para o próximo milênio. In: STREY, M. N. et al. (orgs.). *Construções e perspectivas em gênero*. São Leopoldo: Unisinos, 2001. p. 199-206.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.



BRITTO DA MOTTA, A. Viúvas: o mistério da ausência. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, v. 7, p. 7-24, 2005.

CAMARANO, A. A. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, E. V. et al. (orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 88-105.

CAMARANO, A. A. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17 n. 49, p. 35-63, 2003.

\_\_\_; KANSO, S.; LEITÃO E MELLO, J.; PASINATO, M. T. Família: espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades. In: CAMARANO, A. A. (org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2004. p. 137-167.

CANTOR, M. H.; BRENNAN, M.; SAINZ, A. The importance of ethnicity in the social support systems of older New Yorkers: A longitudinal perspective (1970-1990). *Journal of Gerontological Social Work*, v. 22, p. 95-128, 1994.

CARTER, B.; McGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

CHARLOT, B. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. *Cadernos de Pesquisa*, n. 97, p. 47-63, 1996.

DA MATTA, R. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Copyright, 1991.

DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice*: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Universidade de São Paulo, São Paulo Press, Fapesp, 1999.

DESIGUALDADE social no Brasil. *Correio do Povo*, Porto Alegre: Caldas Junior, 8 de dezembro de 2005, p. 4.

FONSECA, C. *Família, fofoca e honra*: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREITAS, E. V. Demografia e epidemiologia do envelhecimento. In: PY, L. et al. (orgs.). *Tempo de envelhecer*: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: Nau, 2004. p. 19-38.

FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas técnicas para o trabalho científico*: elaboração e formatação. Explicitação das Normas da ABNT. 14. ed. Porto Alegre: s.n., 2006.

GOLDANI, A. M. Relações intergeracionais e reconstrução do estado de bem-estar: por que se deve repensar essa relação para o Brasil? In: CAMARANO, A. A. (org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2004. p. 137-167.

GOLDSTEIN, L. L.; CATUNDA DE SIQUEIRA, M. E. Heterogeneidade e diversidade nas experiências de velhice. In: NÉRI, A. L.; FREIRE, S. A. (orgs.). *E por falar em boa velhice*. São Paulo: Papirus, 2000. p. 113-124.

HINES, P. M. O ciclo de vida familiar nas famílias negras pobres. In: CARTER, B.; McGOLDRICK, M. (orgs.). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 440-467.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2004-2005*. Disponível em: : <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 05 de setembro de 2007.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico 2000*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 27 de março de 2006.

\_\_\_\_\_. *População, Censo demográfico*. 2000. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso/tabela22\\_1.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso/tabela22_1.shtm)>. Acesso em: 20 de junho de 2007.

LINS DE BARROS, M. M. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

\_\_\_\_\_. Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In: PY, L. et al. (orgs.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau, 2004. p. 39-60.

LÜSCHER, K.; LIEGLE, L. *Generationenbeziehungen in Familie und Gesellschaft*. Konstanz: UVK, 2003.

MAGNANI, J. G. C. O velho e bom caderno de campo. *Revista Sexta-Feira*, São Paulo, n. 1, p. 1-5, maio de 1997.

MARTINS DE SÁ, J. L. Educação e envelhecimento. In: PY, L. et al. (orgs.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau, 2004. p. 345-374.

MATOS, R. *Agglomerações urbanas, rede de cidades e desconcentração demográfica no Brasil*. Campinas: Unicamp. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt4\\_3.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt4_3.pdf)>. Acesso em: 16/05/07.

MAUSS, M. *Manuel d'ethnographie* [1947]. Paris: Payot, 1967.

- MEAD, M.; HEYMAN, K. *Family*. New York: MacMillan, 1965.
- MEDEIROS, S. A. R. O lugar do velho no contexto familiar. In: PY, L. et al. (orgs.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau, 2004. p. 185-200.
- MENDES, J. M. R. et al. Condições de vida, qualidade dos serviços de saúde e rede social do Distrito Leste. In: MORETTO, A. et al. (orgs.). *Diagnóstico de saúde do Distrito Leste de Porto Alegre*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 81-202 .
- MEYER, D. E. E. *Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- MORETTO, A. et al. A garantia de direitos na saúde In: MORETTO, A. et al. (orgs.). *Diagnóstico de saúde do Distrito Leste de Porto Alegre*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 25-54 .
- PEIXOTO, C. E.; BOZON, M. Comportamentos familiares: resultados e perspectivas. *Intersecções: Revista de Estudos Interdisciplinares / Dossiê Comportamentos Familiares*, ano 3, n. 2, p. 25-29, 2001.
- PEIXOTO, E. C. *Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000.
- PERRACINI, M. R.; NERI, A. L. Tarefas de cuidar: com a palavra, mulheres cuidadoras de idosos de alta dependência. In: NÉRI, A. L. (org.). *Cuidar de idosos no contexto da família: questões psicológicas e sociais*. São Paulo: Alínea, 2002. p. 135-163.
- ROMANO, M. C.; CAPADOZZI, T. Generazini estreme: nonni e nipoti. In: SGRITA, G. (ed.). *Il gioco delle generazioni*. Milano: Francoangelli, S., 2002. p. 179-207.
- ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K.; SILVA, A. P. S. Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 13, n. 2, p. 281-293, 2000.
- S. SCHULE und Sprache. *Deutsche Post*, São Leopoldo: Rotermond, 07/06/1909, p. 1.
- SAAD, P. M. Transferência de apoio intergeracional no Brasil e na América Latina. In: CAMARANO, A. A. (org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2004. p. 169-209.
- SARTI, C. O valor da família para os pobres. In: RIBEIRO, I.; RIBEIRO, A. C. T. (orgs.). *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995. p. 131-150.

\_\_\_\_\_. Reciprocidade e hierarquia nas relações de gênero na periferia de São Paulo. *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*, v. 70, p. 38-46, 1989.

SCOTT, P. R. Famílias sem casais e a diversidade conjugal no Brasil. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro: UERJ, NAPE, ano 3, n. 2, p. 93-112, 2001.

SILVERSTEIN, M.; CHEN, X.; HELLER, K. Too much of a good thing? Intergenerational social support and the psychological well-being of older parents. *Journal of Marriage and the Family*, v. 58, p. 970-982, 1996.

SINGLY, F. A sociologia da família na França nos últimos trinta anos. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares / Dossiê Comportamentos Familiares*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 2, p. 31-44, 2001.

TIETZE, W.; ROSSBACH, G. Die Betreuung von Kindern im vorschulischen Alter. *Zeitschrift für Pädagogik*, v. 179, n. 37, p. 555-579, 1991.

UHLENBERG, P. Integration of old and young. *The Gerontologist*, v. 40, n. 3, p. 276-279. 2000.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.

WENGER, G. C. Review of findings on support networks of older Europeans. *Journal of Cross-Cultural Gerontology*, v. 12, p. 1-21, 1997.

ZALUAR, A. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. *São Paulo em Perspectiva*, v. 13, n. 3, p. 3-17, 1999.

## **APÉNDICES**

## APÊNDICE A

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do projeto:

Prezada Senhora:

Sou mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa para o meu mestrado na área de educação sobre as mulheres idosas da Vila Fátima, sob a orientação do professor Johannes Doll. O meu objetivo com essa pesquisa é entender quais as funções que as mulheres idosas desempenham nas suas famílias e na comunidade onde vivem. A partir dessa compreensão eu poderei desenvolver juntamente com a equipe de saúde do Centro de Extensão Universitário da PUC (posto de saúde), atividades que visam melhorar o atendimento às pessoas idosas, à saúde delas e a sua qualidade de vida.

Eu necessito, para a realização desta pesquisa, entrevistar algumas mulheres idosas que pertencem ao Grupo de Terceira Idade da Vila Fátima. As entrevistas serão realizadas na própria casa da mulher idosa e serão gravadas. A senhora foi escolhida através de um sorteio e está sendo convidada a participar desta entrevista gravada. Após a gravação, as entrevistas serão transcritas para o papel e citadas na pesquisa. Os nomes de todas as entrevistadas serão mantidos em sigilo, isto é, não aparecerão na pesquisa.

A senhora tem a liberdade para participar ou recusar a sua participação na pesquisa, podendo retirar-se em qualquer etapa e isso não lhe causará nenhum prejuízo. Esta pesquisa não é uma atividade que faz parte do Grupo de Terceira Idade, ou do programa de atendimento do Centro de Extensão Universitário da PUC (posto de saúde), ao qual a senhora pertence. A sua participação assim como a sua saída da pesquisa não lhe trará nenhuma consequência para o seu atendimento aqui no posto de saúde.

Esta pesquisa não lhe trará ganhos ou prejuízos financeiros. Os dados dessa pesquisa, após o seu término, poderão ser publicados em revistas científicas.

Eu, como pesquisadora, me coloco à disposição para esclarecer qualquer dúvida sobre a pesquisa através dos telefones: 3314-3196 (manhã) e 3320-3618 (tarde) (Patricia Lichtenfels). O meu orientador também está à disposição para esclarecer qualquer dúvida a respeito da pesquisa através do telefone: 3316-4144 (Johannes Doll). O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS fará o acompanhamento dessa pesquisa e poderá lhe esclarecer qualquer dúvida sobre essa pesquisa através do telefone: 3320-3345. Atenciosamente,

Mestranda: Patrícia Lichtenfels

Data

Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll  
Faculdade de Educação – UFRGS

Data

Após ter recebido as informações e ter esclarecido minhas dúvidas sobre essa pesquisa, eu concordo em participar dela e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Data

## APÊNDICE B

### Entrevista

A entrevista será realizada com perguntas abertas referentes aos seguintes temas, relacionados à vida das mulheres idosas da Vila Fátima: a casa, as atividades da vida diária, a família, “ser cuidador”, o trabalho remunerado, as amizades, a rede de apoio, “ser mulher”. A primeira pergunta referente a cada tema representa a pergunta de abertura, a partir da qual a mulher entrevistada irá desenvolver a sua resposta. As perguntas seguintes somente serão realizadas se o entrevistador assim o considerar necessário. As entrevistas serão gravadas e realizadas no próprio domicílio das mulheres selecionadas por sorteio aleatório a partir das idosas que freqüentam o Grupo de Terceira Idade dessa localidade.

#### A CASA

- A senhora vive aqui há muito tempo?
- Como se sente vivendo aqui?
- A senhora é natural de onde? Ou : De onde é sua família?
- Como sustentam a casa?

#### AS ATIVIDADES DA VIDA DIÁRIA

- O que a senhora fez durante o dia de ontem?
- Como são as suas rotinas/atividades diárias (atividades dentro e fora de casa)/
- Quais as atividades que gosta de fazer?
- Quais as atividades que não gosta de fazer?



- Quem faz os trabalhos da casa?

## A FAMÍLIA

- Fale-me sobre sua família...
- Com quem a senhora vive?
- A senhora tem um companheiro?
- Fale-me sobre seu companheiro...
- A senhora tem filhos? (Me fale sobre eles...)
- Com que idade teve seu primeiro filho?
- Que idade tem seus filhos hoje?
- O que fazem seus filhos?
- Como está a situação de vida deles?
- Como foi o acesso dos seus filhos aos estudos?
- Fale-me sobre sua relação com seus filhos...
- A senhora tem netos?
- Que idade eles têm?
- Na sua visão de avó, como eles estão?
- Fale-me sobre o seu contato com os seus netos...
- Como a senhora se percebe dentro da sua família?
- Qual o valor que a senhora tem para a sua família?
- Como se sente na sua família?

## SER CUIDADOR

- A senhora já cuidou de alguém?

#### O TRABALHO REMUNERADO

- Em algum momento da sua vida trabalhou fora de casa?

#### AS AMIZADES

- A senhora tem amigos?
- O que conversa com seus amigos?
- Com quantas pessoas a senhora tem contato durante o seu dia?

#### A REDE DE APOIO

- Quando precisa de ajuda, com quem pode contar?

#### SER MULHER

- O que significa ser uma mulher idosa aqui na Vila Fátima?
- Como a senhora vê sua vida hoje?
- Quais são as coisas mais importantes para a senhora?
- Tem sonhos para o futuro?